



NOVEMBRO

2-23

Revista Feminina



ANNO VIII - N. 90

PREÇO: 1\$200

A Saude da Mulher

representa, para a mulher, a inesgotavel fonte da formosura. Para ser formosa é indispensavel a saude. E a condição essencial para que uma senhora tenha saude é ser ella bem regular nos seus incommodos periodicos. A verdade disto é o que, na gravura, a moça cheia de viço e de graça revela á amiga de ar doentio e abatido: — Aprende a ser bella e forte, como eu sou: basta que te trates dos teus incommodos com "A Saude da Mulher".

A SAUDE DA MULHER

cura doenças do Utero e dos Ovarios, taes como cólicas uterinas, flores brancas, suspensões, dores rheumaticas, hemorragias, incommodos da Edade Critica.



Assignatura annual para todo o Brasil 159000
Assignatura sem registro 209000
Idem para o estrangeiro 309000

Revista Feminina

Redacção
AVENIDA S. JOÃO N. 87
Primeiro andar
Telephone N. 6659 Cidade

FUNDADA POR VIRGILINA DE SOUZA SALLES

Secretaria: Avelina de Souza Salles

O I.º Congresso Brasileiro de Jornalistas declarou que a "Revista Feminina" é um modelo digno de imitação.

Sua Eminência o Cardeal Arcebispo afirma que a "Revista Feminina" é redigida com elevação de sentimentos e largueza de vistas.

ANNO VIII

SÃO PAULO, NOVEMBRO DE 1921

NUM. 90

NOVEMBRO



Entre as tragédias gregas, cujo escopo era mais o da impressão estética do que o da reprodução de factos reais da vida humana, algumas ha, sob seu aspecto de ficticia phantasia, albergam, latentes, nua da alma de empolgante realidade, e como os violentos explosivos, com pequenas porções de verdade, quando deflagram, estremecem, aluam, escalam, derrubam, e fazem em poeira massas colossaes que pareciam inamovíveis e indestructíveis. Entre ellas o Oedipo-rei. Sophocles, seu auctor, viveu no periodo de fastigio de Athenas, quando, sob Cimón e Pericles, o lyrismo de Eschylo desmaiava. Suas tragédias têm menos horizonte que as de Eschylo: menos panorama, menos jannio de fundo, menos passagem devoluta e indefinida. Ha, porém, mais graça em seu verso, mais elegancia no menço de seu dialogo, mais vagar ondulante no desdobrar de suas danças classicas, e apesar de sua phrase — "Pinto os homens como elles deverião ser, enquanto Euripides os pinta taes como são"—sua obra vive paredes meias com a alma humana. Cicero chamou-lhe Poeta divinus, e Aristophanes agradecia aos deuses, entre os prazeres da vida, as tragédias e os côros de Sophocles. Relendo o Oedipo-rei, nas horas em que me vou refugiar da banalidade da vida moderna no horto sagrado das bellezas classicas, acudiu-me certa analogia entre a vida de Oedipo-rei, e a hora que está atravessando o feminismo. Oedipo para dominar Thebas teve, primeiramente, que vencer a indecifrável Sphynge, a que devorava a todos que pelas suas cercanias passavam sem adivinhar o segredo de suas proposições. Mal cuidavam porem, os videntes daquella estrada que, depois da Sphynge, iriam esbarrar-se com as fatidicas predições do Oraculo de Apolo! E foi pequena a alegria de Oedipo quando em sua frente desabou a tremenda predição da peste que devia assoar Thebas, depois de vencida a Sphynge, e que o levou a furar seus proprios olhos ao convencer-se de que seu mesmo braço fóra o assassino de seu pai! Com o feminismo, vencida a Sphynge dos preconceitos, obstaculo á sua passagem, surge o Oraculo que, se não lhe annuncia a peste, nem o convidá ao remorso por patricídio, lhe annuncia o assassinio de sua próle, e a destruição de seu lar, como consequencia da victoria! Nenhum symbolo mais que este pôde exprimir a vida dos preconceitos humanos. Formam-se elles como se formam as montanhas de areia e terra que

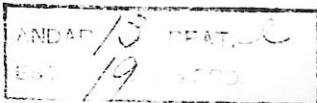
se oppõem aos ventos, e se interpem ao sol, privando regiões inteiras das azas que levam o pollen á sua missão fecundante, e a terra do calor e da luz que lhe sazonom os alimentos. Poeira que se accumula, como que cresce por superposição, não tarda a agglutinar-se pela humidade das churas e peia enraização das hervas de acaso, e a impor-se por forza indestructivel á preguiça, até que um impulso ousado a accomette, a fiveste, a escava, e falla ruir por seu proprio peso, e se dispersar, de novo, em poeira inconsistente. E assim foram reduzidos a seu nada os preconceitos que nos embargavam os passos. Mas depois de vencida a Sphynge, depois de vencida a rotina, que mal via e mal falava das mulheres que se entregavam aos labores do espirito, resta-nos combater as predições fatalistas do Oraculo do Apolo masculino. Porque, diz elle, com a victoria da mulher sobre o preconceito, grave perigo alarma a sociedade moderna. Afastada da direcção de seu lar, e engasgada no labyrinth das preoccupações exteriores da luta pela vida, a familia se dissolvêr, batida como o sargaco, ao rigor dos ventos do instincto, não refreado, da prole mal educada. Admittamos, apenas para discutir, que tal seja o resultado da exteriorização da vida feminina. Não foi o feminismo, porem, que a creou. A associação humana tende, sempre que se civiliza, a desentocar a mulher de sua clausura primitiva, entre as quatro paredes de seu lar, para trazel-a á vida exterior. O feminismo veio encontrar a mulher do seculo vinte e um em plena rua. Não a foi buscar em casa, porque ella já a tinha desertado pela mão do proprio homem, que alli a fóra convidar para fins de vaidade e de volupia, sem nenhum sentimento ou ideal de nobreza certa. Foi o homem quem a tirou de casa com o estimulo á frivolidade, ao luxo esteio e vicioso, e que a trouxe para seu convívio, paramentada por seus ridiculos figurinos, almarada de missangas e mataminhos, incrustada, como as Venus hottentotes, de avellórios e laqueas, espaldas nuas, pernas á mostra, modelagem intima obscenamente posta em relevo, para saracotear em suas sarauas, tangar em seus chás, e exhibir-se como animal de luxo e de prazer nos sapatões de seu carnaval. E' neste estado social que o feminismo a encontra, sem mais a belleza da sua missão antiga, e com a sua moral depravada pelos paradoxos que o masculinismo lhe injecta para matar-lhe a elevação. O feminismo vem, pois, colhel-a na ceva de seduccões viciosas, que lhe armou

o homem, para lhe dar orientação elevada e nobre. Vem buscá-la no salão frívolo em cujas notadas se estiolam suas actividades creadoras; vem arrancá-la do chá-tanco em que se consome, inutilmente, suas tarde, e ao theatro de exaltação do adulterio onde se dissipam seus lons escrupulos, e se dissolve seu pudor; vem subtrahí-la á manicura, ás penteadoras, á perambulação vadia e exhibicionista dos "contos", a todas as formas estereis de "matar o tempo" com que ella procura esconder seu tedio, para lhe pedir algumas, se não todas daquellas horas em bem da collectividade. Longe, pois, de tender á dissolução do lar, elle se propõe a substituir no espirito feminino as preoccupações do luxo dissolvente pelas nobres aspirações do labor fecundo. Não que lhe queira negar a hora de repouso e de desfastio, em rigorismo moral theorico e despropósito. Seu programma é apenas messar-lhe a cortiça de frivolidade em que boia sua vida nas aguas do ocio, dizendo-lhe:

— Ha no relogio de vosso lar vinte e quatro horas em cada dia, umas de repouso, outras de labor util. Destas, nem tola-vos exige a direcção de vosso lar. Mas as que sojeiam daquelle mister, que deve ser vossa maior preocupação, muitas ha que maiorataes em prazeres nocivos de mundanismo valioso. Dae algumas delias ao aperfeiçoamento de vosso espirito, á reflexão e ao estudo dos factos sociais, se não queiréis derivar na corrente da vida ocio folhas fêmeidas que o vento desfrança ás arvores. E isto vos pedimos no interesse de vosso proprio lar, de vosso propria próle. Mesmo entre os irracionais a maternidade leva-os a prescrutar o ambiente exterior, a estudar-lhe as insidias antes de lhe entregar os filhos. Como, pois, vós que tendes a facilidade do raciocinio vos desinteressades problemas que tão de perto dizem com a felicidade de vosso lar, e de vossos filhos? Lembrae-vos que as guerras que o commercialismo prepara e fomenta, que as atipicidades moraes que o utilitarismo procreta e alimenta, são, esses sim, os que hão de derribar de vez os laços sagrados da familia. O que o feminismo vos pede não é, pois, obra de destruição que obra de reconstrução. Não vos embaracéis com as predições do Oraculo. Ellas vos mentem insidiosamente, porque, vencida a Sphynge do preconceito, querem levar Oedipo a cegar-se com suas proprias mãos, e a remergulhar nas trevas...

Anna Rita Matheiros.

(Para a "Revista Feminina", de S. Paulo.)



O QUE DIZEM DE NO'S

Continuamos a transcrever aqui alguns trechos das numerosas cartas que nos são constantemente dirigidas, e que demonstram claramente as sympathias de que goza a nossa revista por todo o territorio brasileiro.

Eis como se exprime a exma. sra. d. Eulalia Camargo Dant, do Rio de Janeiro:

"A 'Revista Feminina', pela sua moral, pela elevação das suas idéas, pela vastidão do seu programma, pelo encanto do seu texto e pela sua belleza graphica, é, sem duvida, a mais interessante publicação do paiz. Além disso, é a salvaguarda da mulher, que, sem ella, pôde-se dizer, estaria abandonada. Eu, a despeito dos meus affazeres domesticos, ponho-me espontaneamente ao serviço da 'Revista Feminina', porque acho que é um dever e é o dever de todas as senhoras brasileiras".

Palavras da exma. sra. d. Maria Amelia do Canto Franco, de S. Salvador, Bahia:

"Quero servir a 'Revista Feminina', e disponham de mim como entenderem. Faço-o por dedicação á causa e sentimento patriótico".

Da exma. sra. D. Jurema Cabral de Barros, de Porto Alegre:

"Emergindo e avançando no Meio Social Brasileira, vencidas pela tenacidade e força de vontade de um nucleo de notaveis intellectuaes patricias, as difficuldades, resistencias e preconceitos, que soem, de regra, extrahir as suggestões ou iniciativas quaesquer do nosso sexo, a bella Revista surgiu em momento de indiscutivel opportunidade e está destinada a prestar os mais relevantes serviços á Mulher Brasileira, incutindo-lhe no espirito, pela doutrinação sadia e esclarecida, as elevadas noções do dever na Família, na Sociedade e em toda a parte onde a sua cooperação possa ser completamente reclamada.

Tudo na vossa Revista nos encanta, seduz e attrae, desde a sua nitida e luxuosa impressão, á ponderada e criteriosa escolha dos variados assumptos nos dominios da moral social, da litteratura, das artes, da philosophia, etc.

A quem assim pensa sobre os brilhantes fins e destinos da bem cuidada Revista, não fôra licito declinar da honrosa incumbencia de ser sua representante nesta culla Capital.

De sorte que, a despeito do meu fraco valimento, accetto o encargo, prometendo agir esforçadamente no meio Social em que vivo e no qual me ufano de contar valiosas relações, no intuito de alcançar o desideratum almejado".

Da exma. sra. d. Izaura Botelho da Cunha, do Rio de Janeiro:

"Venho espontaneamente offerecer os meus prestimos á revista, desejando ser a sua representante na capital, porque é de meu dever, como de todas as patricias que pensam, trabalhar em prol de uma revista, que é a unica no paiz a amparar a mulher. Espero que accitem o meu offercimento. Quero tambem contribuir com o meu esforço".

Da exma. sra. d. Sophia de Almeida Prado, de S. Joaquim:

"Em Orlandia, que é perto de S. Joaquim, todas as pessoas cultas já tomaram assignatura de revista. Entretanto, tal é o interesse que tenho por ella, que me impuz o dever de fazer a sua propaganda".

Da exma. sra. d. Lydia de Moura Santos, de Ubatuba:

"Sempre fiz o possível por propagar a revista entre as senhoras ubatubanas".

Da exma. sra. d. Izaura da Costa e Silva, de Pilar:

"Apezar do pouco que poderei fazer no interesse da divulgação da Revista, em razão da pequenez do logar e da exiguidade das leitoras, farei o possível para que ella tenha a maior accção possível, porque trabalhando para ella, trabalho para a causa do nosso sexo".

Da exma. sra. d. Maria Augusta Ferreira, de Bica de Pedra:

"Sou uma das mais sinceras admiradoras da 'Revista Feminina'".

Da exma. sra. d. Irene M. Muniz, de Iguape:

"Sempre fui admiradora sincera dessa revista e tenho aconselhado a sua leitura ás minhas amigas, como indispensavel e utilissima. Trabalharei, pois, com enthusiasmo pela victoria da querida revista, merecedora, como nenhuma outra, de todo o nosso carinho e dedicação.

Da exma. sra. d. Aurora Chaves, de Campo Bello do Prata, Estado de Minas:

"Em favor da revista trabalharei sempre com toda a minha alma, empregando todos os meus esforços para tornal-a cada vez mais conhecida. Por ella farei tudo o que estiver ao meu alcance, pois desejo a sua elevação".

Da exma. sr. d. Jupyrá C. Pinheiros Ramos, de Piraniçá:

"Estou convicta da acção brilhante que desenvolveu essa revista pela causa do feminismo em nosso paiz, e é por isso que procuro sempre dedicar-me a ella".

Da exma. sra. d. Dalvina Palhano, de Palmeira, Estado de Pernambuco:

"Como leitora assidua e entusiasta dos elevados principios apregoados pela 'Revista Feminina' em prol da boa causa da mulher brasileira e da formação moral dos nossos lares, não devo furtar-me ao dever de trabalhar pela revista".

Da exma. sra. d. Candida Sampaio Silva, de Nazareth, Pernambuco:

"Sou admiradora da revista, e tenho como dever cooperar para o seu engrandecimento".

Da exma. sra. d. Marietta Caldas Guedes Nogueira, de Maceió, A'gôas:

"E' com grande contentamento que accetto a honrosa incumbencia de representar a revista nesta capital, e é com prazer que ponho ao seu serviço todos os meus esforços".

Da exma. sra. d. Adelia Falcão, de Engenho Jardim em Itambé:

"E' com prazer que accetto o cargo de representante da revista nesta cidade. Accetto esta nobre missão, e sou eu antes o agradecida por me caber a honra de desempenhar tão importante papel".

Da exma. sra. d. A. das Mercês Curado, de Corumbá, Estado de Goyaz:

"Desde que li o primeiro exemplar desta revista, em 1919, tornei-me uma ardente admiradora, e não perco oc-

REVISTA FEMININA

casão de propagá-la, emprestando-a ás minhas amigas, chamando-lhes a attenção sobre a boa direcção desta revista exemplar que não transgredie com o seu programma pela boa causa da mulher brasileira. A "Revista Feminina" é o ideal no seu genero. A qualquer mão onde chegue, só fará o bem em prol dos bons costumes e da cultura do espirito. Farei o quanto possível por propagá-la, consciente de que, propagando-a, trabalho para a elevação da mulher brasileira".

Da exma. sra. d. Luiza D'Allesandre, de Passá-Quatro:

"Accetto com grande prazer o cargo de representante da "Revista Feminina" nesta cidade, e farei todo o esforço possível pelo seu desenvolvimento e serei sempre uma fervorosa propagandista".

Do sr. Tito Livio Ferreira, de Bica de Pedra:

"Sempre envidci esforços no sentido de tornar amplamente conhecida a "Revista Feminina". E é-me grato dizer que todo esse meu trabalho em prol da revista, nunca será demais, porque ella preenche o fim a que se destina".

Da exma. sra. d. Sylvia de Castro, da cidade de Oliveira, Estado de Minas:

"Accetto com prazer o cargo de representante da "Revista Feminina", nesta cidade, e accetto-o de coração, pois sou uma das suas grandes admiradoras, prometendo fazer todos os esforços possíveis para a grandeza de tão nobre quão justa causa".

Da exma. sra. d. Maria de Campos Vernal, de Serra Negra:

"Sempre fiz todo o possível pela apreciada revista".

Da exma. sra. d. Fureza Chaves da Luz, de Victoria, Estado de Pernambuco:

"Comprehendo que me cumpre trabalhar pela causa da mulher brasileira, de cujo seio faço parte. Eis-me, pois, ao vosso lado. Trabalharemos pela causa que defendemos".

Do sr. Monrique de Lara, de Buenos Aires, Republica Argentina:

"... es una maravilha, es la primera revista tan esplendida y completa que llegá a mis manos".

Da exma. sra. d. Honorina Bezerra Teixeira, de Icó, Rio Grande do Norte:

"Essa revista deleita-me o espirito. Se todas as senhoras tivessem por ella o mesmo enthusiasmo que tenho, todas a assignariam. Tenho feito sempre a sua propaganda, e faço-o com prazer".

Do sr. J. Caldas, de Macaú, Rio Grande do Norte:

"Confirmo as palavras do cordeal Arcoverde, affirmando que a "Revista Feminina" é redigida com elevação de sentimentos e largueza de vistas".

Da exma. sra. d. Alice de Barros Pimentel, de Itacotiara, Estado do Amazonas:

"Estou prestes a deixar este Estado. Mas, em qualquer parte em que me fixar com meus paes, nunca deixarei de fazer a propaganda da Revista".

Do sr. dr. Paulo Corrêa de Oliveira, de Barreiros, Engenho Herval Estado do Pernambuco:

"Honra-me o cargo que occupo de embaixador da "Revista Feminina" aqui em Barreiros, onde conta muitas

admiradoras. Tenho feito sempre o possível para bem servir a conceituada revista".

Da exma. sra. d. Brazina Rocha Moraes, de Olympia:

"Tenho sempre envidado os maiores esforços no desempenho, que me impuz, de propagar a "Revista Feminina".

Da exma. sra. d. Aurea Velloso, de Luiz Barretto:

"Todo o meu esforço tem sido no interesse de que a "Revista Feminina" seja bem acolhida em todos os lares desta villa".

Da exma. sra. d. Aracy V. Surreux, de Uruguayana, Estado do Rio Grande do Sul:

"Sempre fui e serei uma terna admiradora e entusiasta da "Revista Feminina" e tenho immenso prazer em auxiliar essa revista, que procure com desvelo defender a nossa causa".

Da exma. sra. d. Arlinda M. de Souza, de Cachoeira, Estado da Bahia:

"Tenho sempre feito o que me é possível para bem servir a "Revista Feminina", pois estou certa de que, com esta boa intenção, presto um relevante serviço á minha propria causa".

Da exma. sra. d. Aracy Villela Junqueira, de Santa Isabel:

"Espero contribuir com o meu sincero esforço pela victoria do nosso ideal feminino, e para conseguir este fim prometto empregar todos os meus esforços".

Da exma. sra. d. Alipia Castro de Oliveira, de Avahy: "Honra-me ser representante da querida "Revista Feminina" nesta cidade, e é com a maior satisfação que accetto o cargo, fazendo esforços para o engrandecimento da distincta revista".

Da exma. sra. d. Sinhazinha Coutinho, de Ponta-Porá, Estado de Matto Grosso:

"Não é difficil propagar a revista, visto as sympathias com que a mesma é acolhida, pela maneira por que tem acolhido os direitos da mulher e pelo prazer que se encontra na leitura das suas paginas, ensinando-nos a transformar um lar modesto em um pequeno paraíso".

Da exma. sra. d. Loísa Faria Tinoco de S. João da Barra:

"Accetto o cargo de representante da revista e prometto agir com o maximo esforço para o seu engrandecimento".

Da exma. sra. d. Josepha Arruda, da Villa do Ingá, Estado da Parahyba do Norte:

"E' com prazer que trabalho em favor da revista".

Da exma. sra. d. Nair Ferraz, de Botafogo, Rio de Janeiro:

"Estou penhoradissima com o honroso convite que me foi feito para ser, "nesta zona", a embaixatriz da acatada revista".

Da exma. sra. d. Maria Amelia Vieira, de Itapolis:

"Não é pesado o cargo, se me afigura, quicá por agraavel, que não ha boa pugna qual a que sustentamos por uma causa justa, tal como a nossa. Quibro as lanças tambem, conforme posso, pelo feminismo e pelo progresso da nossa revista.

MERLINO E CARUSÃO

CONTO DE MARIA HENRIQUETA



HAVIA uma expectativa desusada no povoado do Pouso Alto, perdendo entre as serras. As gentes do lugar e dos sitios mais remotos estavam alli, a aco-tovelar-se na unica rua da villa, perto da venda do Coelho Portuga. Todos estavam ansiosos. Havia mais de dois annos que não chegava áquelle rincão uma caravana de saltimbancos. Quando, pois, foi pregado á porta da venda

do Coelho Portuga, o grande cartaz annunciando a estrêa dos celebres artistas Merlino e Carusão, meninas, moços e velhos acorreram todos, alegres, a saber do programma do espectáculo e das "atracções" annunciadas.

Pelo bom exito da funcção respondiam os programmas, distribuidos logo pela manhã, á sahida da missa. Era domingo, e toda a população de Pouso Alto, religiosa por excellencia, não deixava de assistir á missa na humilde capellinha.

"Vereis, vereis, senhores e senhoritas — rezavam os programmas — vereis Merlino subir por uma altissima escada de mão, perto da qual a escada de Jacob desaparece. Merlino, apesar das alturas a que sobe, fará exercicios de alta acrobacia no ultimo degrão. Successo nunca visto! Numero sensacional, immensamente applaudido em Paris Londres, Nova York e em todas as capitães do mundo.

"Merlino, senhores e senhoritas, é mais do que um homem, porque é apenas um extraordinario e lindo cachorrinho!"

Carusão, que era o dono e o mestre — sendo ao mesmo tempo empresario, secretario, caixaero, contra-regra e outras coisas mais — enumerava, nos impressos de annuncio, todas as graças de Merlino, pintando com as cores mais vivas a docilidade do animalzinho, a sua obediencia, as suas habilidades, tudo quanto emfim o tornara celebre atravez da Europa e da America; elogiava o seu carinho para com o dono, a sua resignação nos máos dias, quando o dinheiro escasseava e tinha de ser diminuída a sua ração.

Era de ver então a coragem de Merlino, que, occultando o seu proprio abatimento para não desencorajar o seu amo, saltando, latindo, lambendo as mãos de Carusão e dando ao rabo sem cessar. Aquillo era para fazer chorar as pedras. Por isso, Carusão, que não tinha, como a maior parte dos mortaes, pae, mãe, irmãos nem parentes, concentrara no cãozinho todos os seus affectos. Graças a Merlino, Carusão, que era um desherdado da sorte, um João Ninguem, um pária, um infeliz, podia levar um pão á bocca...

O programma era todo redigido neste tom. Os habitantes de Pouso Alto, ingenuos como todos os sertanejos, nem trataram de descobrir o que havia de char-

latanice nessas lamurias tão fóra de proposito e tão fóra do estylo dos programmas de circo.

Carusão, que, pela manhã, os havia distribuido profusamente, já estava recebendo o vinheiro das entradas, á porta da venda do Coelho Portuga.

Ainda não eram tres horas da tarde, e já o grande pateo da casa do vendeiro começava a ser insufficiente para conter a onda do publico que chegava. Todo o Pouso Alto ia, pois, assistir á funcção.

Roberto, o filho do boticario, que não perdia occasião de exhibir os seus conhecimentos e a experiencia das viagens — constava até que elle visitara a capital uma vez — repetia de continuo em voz alta:

— Uma maravilha! Uma verdadeira maravilha o tal Merlino. Justamente faz hoje dois mezes que o vi fazer sortes em Sant'Anna do Rio Fundo. Um portentol! Ainda bem que o Carusão se lembrou de vir a Pouso Alto, porque si cá não viesse, voces não poderiam gosar o que só se pode ver nas cidades cultas.

Roberto olhava todo mundo por cima do hombro.



— Pim!
Pum!
Mas o cachorrinho continuava immovel, como se não entendesse aquellas palavras.

Verdade é que ninguem lhe dava attenção. Se algum attentasse bem nelle, descobriria no seu sorriso algo de mysterioso...

O pateo da venda apresentava um aspecto garrido. Bandeirôlas de papel de côr, grinaldas de folhagens, uma belleza por ahí além... Aquillo estava tão lindo como uma festa de igreja. Alguns pouso-atlenses, que nunca desceram das suas serras ou que nunca se desentocaram das suas grotas, ao ver pela primeira vez aquellos ornatos, julgaram que nelles se resumiam todos os luxos do mundo, e arregalavam os olhos, maravilhados. Concorriam para esse effeito, as moças com as tranças enfeitadas de bogarys, os rapazes de lenço vermelho ao pescoço, muitos dos quaes tiveram o requinte de apresentar-se de sapatos de couro rinchadores, e as meninas, uma porção de meninas, vestidas de saia comprida á moda daquellas bandas.

O espectáculo começava á noitinha. O barracão estava repleto. Os meninos applaudiam. Alguns garotos reclamavam pela chula do palhaço, cuidando que era funcção de "volantins". Os homens batiam com os porretes no chão.

— Senhores, vae começar a funcção.
A estas palavras rompem os applausos. Os espectadores trocam olhares e sorrisos como a dizer: "Como é sympathico o sr. Carusão!"

Animado pelo acolhimento, Carusão, que fala pelos cotovelos, entre a fazer o elogio do cachorrinho enquanto mede o tablado a passos largos, pondo em alvo as pernas muito finas e meio em arco e as duas enormes e esvoaçantes azas do fraque. Traz a cintura tão apertada, que os olhos parecem saltar-lhe das orbitas e todo elle tem o aspecto de um grillo estrangulado.

— Nada valho, se-



No pateo da venda havia um movimento desusado

Por fim, sôa uma campainha, que parecia mais um sincero de boi, e o panno sobe lentamente, sobe até tocar os vigamentos do tecto. Estava aberta a scena. Duas meslinhas cobertas de matim vermelho, duas cadeiras pintadas a oleo, um tapete, e, ao fundo, umas garatujas imitando uma paisagem.

A scena permanece vazia por alguns instantes como para excitar a curiosidade do publico. Ha um silencio de espectação, um silencio grande durante o qual cada um sente bater as proprias arterias. Todos perguntam entre si, tucitamente, o que vae acontecer. E de prompto, quando menos se espera, ouve-se um golpe de bombo e uma clarinetada, e Carusão, de um salto, cae no meio do palco. Fica um momento em silencio para gosar o effeito. Depois, em voz de falsete:

nhores, sou um nada, um João sem terra. Entretanto, ha uns annos atraz, tinha uma bellissima voz, coisa que me valeu a alcunha de segundo Caruso. Mas, o homem põe e Deus dispõe. Uma noite, ao voltar do espectáculo, depois de um immenso triumpho, espirrei, espirrei, e foi-se-me a voz nesse espirro. Caruso, pois, desapareceu, e em logar delle ficou o Carusão. A minha gloria agora depende de Merlino... Vou trazel-o.

A multidão estava encantada. O charlatão sae pela porta dos fundos, uma porta incoherente, aberta num scenario de floresta.

Novo silencio. Os doceiros aproveitam a occasião para apregoar as suas baías de ovos. Ha pregões esgançados de amendoim torrado e pipocas.

Carusão reaparece trazendo o faldeirinho ao regaço, que o olha com seus olhinhos negros, muito humildes, como a implorar piedade. Merlino é um cãozinho de raça incerta, mas bonito. Vem enfeitadinho de fitas.

O homem põe-no no chão e elle começa a andar com as pernas traceiras, as mœanteiras levantadas à altura do focinho, aos saltos, como um pinguim.

— Bravo! bravo! exclama o populacho.

— Muito bem! grita o filho do boticario. Agora é que vocês vão ver a coisa.

Carusão, tirando dos chapinhos de baeta vermelha que estão sobre a mesa, colloca um na propria cabeça e outro na cabeça de Merlino, o que lhe dá ares de macaquinho de realejo.

— Senhores, aqui têm o rei da altura, que vae subir a uma escada para demonstrar ao respeitavel publico as suas extraordinarias habilidades. Hoje esta sala vae ser o theatre de um prodigio.

A sala era uma parte do pateo da venda, por onde passavam habitualmente as vacas leiteiras e os tropeiros que ahi vinham fazer pousada.

— Senhores, Merlino agradece a presença de todos e vae recompensar o favor recebido, executando sortes em que arrisca a vida a cada instante. A sorte vae começar!

Dito isto, mestre e discipulo encaminham-se para a direita da scena, onde se vê uma escada, que se inclina um pouco, apoiada a uma viga do tecto.

— Pim! pum!

Mas o cãozinho, de rabo entre as pernas, encolhido, não se move, não parece escutar aquellas syllabas mimosas. Elle tem a expressão de quem escuta alguma coisa.

Carusão, intrigado com aquillo, põe o ouvido à escuta. O silencio é tão profundo, que se ouviria voar uma mosca.

— Merlino! diz o amo numa voz que faz pensar nos primeiros relampagos annunciadores de fortes temporais. Merlino! não vês que o publico está esperando?

Merlino move apenas a cauda, sem sahir do logar.

— Pim! Pum! repete energeticamente Carusão. Mas o animal não dá um passo e continua a olhar-o com seus olhos de supplica.

O homem, vermelho como um papo de perú, saca do bolso um enorme lenço e enxuga as caraminhas do suor.

— Um momento, senhores! falfa, dirigindo-se ao auditorio.

E em seguida, tomando de novo o cachorrinho, desapparece pela porta do fundo.

O publico commenta o successo.

— Vae castigal-o, dizem uns.

— Não quero levar o que elle vae levar! diz um sujeito.

— Coitadinho!

— Merece umas bordoadas; não o cachorro mas o dono, diz um sujeito que está à porta. Porque isto de pagar trezentos réis de entrada só para ver um homem de fraque e um cachorrinho enfeitado, não me parece divertido.

— Que aborrecimento! exclama Roberto. Como o vi trabalhar bem em Sant'Anna do Rio Fundo! E ria Os commentarios cessam, porque amo e discipulo se apresentam novamente em publico.

— Senhores, fala Carusão, Merlino vae agora cumprir de uma maneira toda especial o seu dever. Preparem-se para bater palmas.

O publico applaude, tratando de estimular o cão; mas este, mais abatido que nunca, volta a pôr os olhos no amo, e queda outra vez immovel, na attitude de quem espera alguma coisa.

— Merlino! esquece: as tuas promessas?

Merlino parece esquecido de tudo, absolutamente de tudo.

— Vamos, Merlino! Aqui! — e o velhote lhe mostra o chicote! — Aqui!

Merlino continua serio. O publico tem movimentos de impaciencia.

Nova excursão de Merlino e Carusão para o interior da scena. Nova appareição dos artistas e novo frasso da sorte, porque o animalajo se obstina em não fazer-a.

A noite transcorre em vãos intentos.

— Senhores! exclama um espectador, isso parece abuso! E' preciso que devolva as entradas.

— Por certo, por certo! responde Carusão com dignidade. Pobreza não quer dizer falta de honra. Embora Merlino e eu passemos hoje sem dinheiro para comer, devolveremos as entradas. Ninguém terá o direito de dizer que roubamos o dinheiro do respeitavel publico.

O publico começa a desfilar em direcção à porta, levando nos olhos, porventura, a visão daquelle cãozinho triste, que talvez tenha passado o dia sem comer, e o daquelle homem magrissimo que parece morrer de fome.

Carusão, com Merlino nos braços, sae para devolver as entradas. Mas, nesse momento, ergue-se uma voz, mais vigorosa, por cima do rumor de vozes: é a do vendeiro Coelho Portuga.

— Quero saber como é o jogo! Quem é que vae pagar o aluguel das cadeiras e do pateo, se forem devolvidas as entradas!

Carusão, mettido em suas roupas extravagantes, faz à porta da venda uma figura lamentavel. Seus olhos divagam pelo grupo dos retirantes, como a pedir-lhes misericordia. A expressão do seu olhar diz bem o sentimento dos dias de miseria, sem abrigo e sem pão.

Nenhum dos espectadores se anima a reclamar a devolução das entradas, porque todos elles se sentem tocados de piedade pelo cão e pelo homem.

Os habitantes de Pouso Alto têm um gesto unanime: saem sem nada dizer, desfalcados do seu dinheiro.

Quando todos desapparecem, Carusão paga a divida ao vendeiro e sae tambem levando nos braços o cãozinho.

E é assim que Merlino, que nunca entendeu de ascensões por escadas nem de sortes acrobaticas, acaba de ganhar, pela millesima vez talvez o sustento de muitos dias para si e para o seu amo.

Carusão, quando põe o pé na estrada, apeia o cachorro que o segue alegremente; e enquanto a lua cheia começa a levantar-se, as sombras dos dois viajantes se fundem numa só, desenhando no chão uma extranha figura, que ás vezes é burlesca e outras lastimosa...

PETALA...

A mamã, no dia 8 de Outubro de 1921.

*Luz mea, mea vita!
Quando aquelle olhar me fita
Eu não sei o que elle tem...*

Assim falou o poeta de uns olhos bem amados que tinham mysteriosos arcanos imprecrutaveis...

Eu sei, porém, de uns outros olhos, por certos mais bellos e muito mais queridos, cuja linguagem maviosa eu estudo desde criança e por isso mesmo não tem mysterios, já não tem segredos para mim.

— Livro verde da Esperança, soltrei emocionada os teus caracteres luminosos — sorrisos e lagrimas — na historia maravilhosa da Bondade, da Ternura, da Dedicção e da Meiguice;

— Livro santo do meu Amor, tu és tambem o livro da minha Felicidade, onde minh'alma estuda a gamma de todas as perfeições, na divina orchestração dos mais puros affectos;

— Pequenos lagos verdes, serenos e brilhantes, eu me esqueço de tudo, aos teus pés; pois,

*"que formosas cousas, quantas maravilhas!
em vos tendo sonho, em vos fitando vejo!*

— Esmeraldas purissimas de desigualavel brilho e incalculavel preço, Deus m'as deu para que o meu coração fosse o mais rico da terra e é ao suavissimo fulgor dessas verdes fanas que eu trillo a vida, sorrindo e cantando...

Mas bem sabe Deus que o meu coração será o mais triste e o mais miseravel da terra, no dia em que faltar a luz miraculosa desses teus olhos; por isso, sonho e espero cerrar um dia as minhas palpebras fatigadas ao eterno sonho, sob a benção luminosa do teu meigo olhar...

E estes olhos bem amados, livro verde da minha Esperança, minhas esmeraldas preciosas, meus lagos serenos, minha alegria, e meu consolo, são os doces olhos da minha doce mãe.

— luz mea, mea vita!

MARILDA PALINA.

O DIREITO DE MATAR

Nunca é demais repisar este velho assumpto, o direito que, em nosso paiz, tem o homem de matar a mu-

homem continuam, no tribunal, onde pelo sorteio em voga não ingressa a plebe, a ser julgados imperdoáveis no roto e desculpáveis no poderoso. E, como tambem a mulher não é jurado, os homens, para manterem o privilegio da infidelidade, absolvem por colleguismo os matadores de mulheres, duplamente covardes, pelo impulso de sangue e pelo egoismo do sexo.

Um marido, esse pode á vontade infringir quanto mandamento, quanta lei ha sobre o adulterio. A mulher, sêr fraco e sobre quem recairiam os ares-tos de tribunaes masculinos, de leis masculinas, da moral masculina, exclusivista e carniceira, só tem um direito: a lagrima; só tem um dever: morrer!

O matador, entretanto, eliminando-a, não recom-põe a felicidade que a morte cancela para sempre.

Não é, portanto, na sustentação desta que elle se atria como um tigre sobre a companhia. Para defender a honra, é um pretexto á façanha de mor-te, pois, se ha deshonra, essa não é de quem nada fez, mas de quem faz o acto, dito deshonroso.

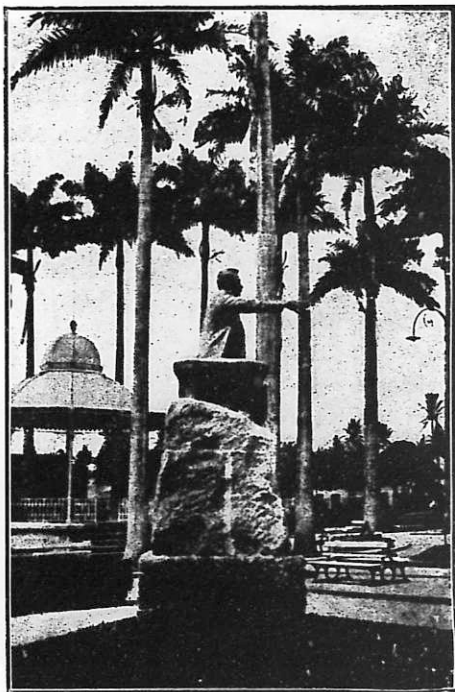
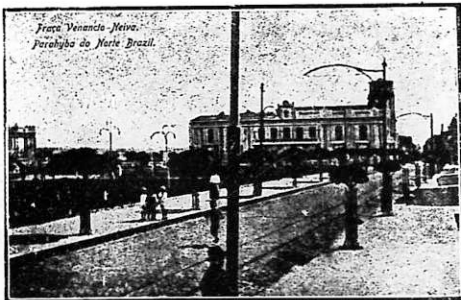
lher sob o pretexto de vingar a honra. Sobre este as-sumpto tem escripto com abundancia e brilho a nossa distincta collaboradora, Anna Rita Malheiros. Agora é o brilhante parlamentar dr. Mauricio de Lacerda que levanta a sua voz contra os inominaveis crimes que a cada passo se praticam. Ouçamol-o:

"A opiniãe foi abalada pelo crime injustifica-vel de um doutor, que, por mera suspeição, golpeou de morte a propria esposa.

O alludido criminoso, culto e proficiente, foi logo, para dirimir a culpa, allegando, com escandalo, ser um cocainomano. O alarde que fez desse vicio não lhe pareceu, todavia, sufficiente para garantir uma absolvição e, no estado paroxistico em que era de presumir tivesse commetido a sua dispensavel crueldade, allegou incontinenti que certo seria posto em liberdade pela famosa privação de sentidos.

Eu acho que esse medico esteve com muitos rodeios. Poderia ter singelamente allegado: sou o marido. Estaria justificado, absolvido, e, até, applaudido. Ou, se não confiasse muito nesse infallivel modo do nosso fero direito popular, era se entregar de corpo e alma á protecção do seu titulo academico. Era um personagem, uma pessoa grada, um "homem direito", como dizem os domesticos ao nos annunciar alguém de altos collarinhos. Bastava. A justiça aqui, quando descarrega o seu golpe é sobre os andrajos. O ouro é um grande isolador de suas coleras ou decisões, um escudo até hoje incontrastavel. Digam pelo menos qual foi o marido rico que, tendo morto a mulher, parasse na cadeia? Qual o individuo, "de posição social", que, sendo apenas assassino, não foi absolvido pelo tribunal do povo?

Pensou-se, para corrigir esse abuso, transferir ao juizo singular o julgamento dos crimes contra a propriedade, mas os que são contra o



Parahyba do Norte. Uma praça

Para recompor a linha social restabelecendo, em principio, uma honra que só se perde por culpa propria, a lei, que aboliu a pena de morte, não pode transigir com essa penalidade sem forma, sem processo, sem direito commum, inscripta apenas pelo respeito humano e prejuizo mundano, no coração do pretendido ultrajado. Basta a sanção da moral ordinaria, ou quando se vá ao fundamento social contemporaneo, do matrimonio, a reparação á victima — o esposo — do divorcio, acto com que renega culpa e culpada, reintegrando-se no chamado principio de honra. E' mesmo curiosa a consequencia desse direito barbaresco dos senhores da mulher, quando se nota que o desforço armado vae sempre castigar um coração que se desvia do lar por affecto, enquanto tantos que delle se arredaram moralmente por commercio, esses são afagados



pelo marido profitorador e até pela sociedade condescendente.

Se é sincero, apaixonal, irresistivel o erro de amor: morte! Se é calculado, frio, sordido: renome!

Está-se, pois, a ver que semelhante "doutrina" favoravel á manança das mulheres não defende efficientemente nem a moral, nem a sociedade, nem ninguém, nem nada... E' um simples arreatamento

de amor proprio, de egoismo, de egolatria marital, que, supprimindo a esposa ou companheira, julga, não lhe deixando assim nenhum direito, nem á felicidade e nem á vida, poder continuar vivo a buscar a felicidade onde ella se offereça no sorriso de outra mulher, que, talvez, ao se lhe dar, já tenha sorriso dessa sorte, por sincera ternura affectiva, a outro homem que lhe perdeu o amor como elle perdera primitivamente o da esposa que matou.

Ha sempre, salvo casos de degeneração ou aberração individual, nesses chamados delictos, um fundo de culpa reciproca: culpa marital no cansaço ao carinho incomprehendido da consorte, culpa social na educação deturpada pelo preconceito da legalidade masculina, de que toda mulher se resente na vida pratica.

Julgo, desse modo, que nem os matadores nem seus benevolos justificadores adiantam nada com os propositos de absolver systematicamente os uxoricidas, e estes de perseverarem na sanguinolenta justificação pelas proprias mãos, forma repugnante e algumas vezes vil perante a moral, a consciencia, a mentalidade humana contemporanea.

Se a lei consagrou a justiça contra a vindicta, como a justiça se arroga a restauração da vingança no acto de desforra marital, contra a vida, a felicidade, o proprio ser humano de uma mulher? Só porque é mulher? ou só porque nem a lei é feita e nem applicada com a collaboração da mulher?

Penso que este ultimo motivo, além do desvio de educação social das mulheres e homens, é o verdadeiro eixo da questão.

Emquanto as mulheres não forem legisladores e juizes e por seu turno não derem seu concurso á montagem das machinas sociaes do direito escripto, teremos no paiz esse vergonhoso, deshumano e brutal direito dos barba-azues".

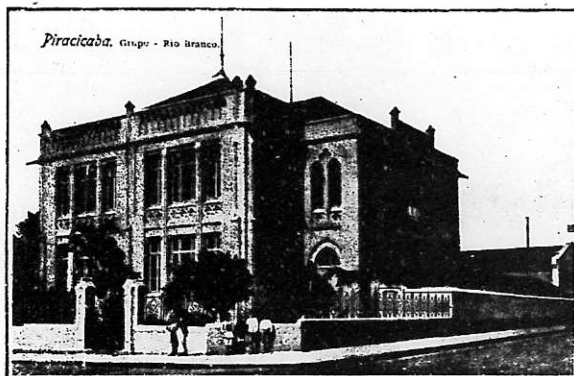
Em S. Paulo é commum observar-se este facto revoltante: o individuo que se vê desprezado pela namorada ou que não conseguiu fazer-se amar, vingase della deformando-lhe o rosto com uma navalhada. Estes factos são constantes. E o interessante é que estes namorados sanguinarios encontram, não raro, por parte do nosso jury, sympathias e benevolencias.



Divagações

Noite de plenilúnio. Mez de Junho. Uma luz argentina se espraia pela vastidão do horizonte. A viração muito ao de leve ciavia; e as palmas esverdeadas, esguas e curvas dos esqueleticos coqueiros, mollemente oscillavam, transparecendo em seus movimentos brandos, a paz bendita, a doçura d'um silêncio profundo, o mysticismo enlevante que predomina n'um solitario recanto de praia. A lua, desfigurada e melancolica, alava-se pelo limpito empyreo

d'uma reverberação clara e livida, esparsos pelo infinito, prateavam as ondas em embate ininterrupto. Um vento gélido cortava o espaço; rugiam, no mar alto, os vagalhões encapellados. Muito ao longe, lobrigava-se um ponto negro: era uma jangada. Vêlas ao vento, qual passaro liberto, intimeramente singrava, mar em fora, a rota aventureira do seu destino incerto. Ventos favoráveis conduziã-na placidamente; embalavam-na no leito neptunial. Sempre a distanciar-se.



Vistas de Piracicaba. Grupo Escolar Rio Branco

azulino e derramava, gélida e frouxamente, as scintillações de sua luz doentia e pallida.

Ao passo que a sua ascensão magestosa pelas alturas denotava o esplendor da alegria cética, cá em baixo, onde se conjugam dores e lagrimas, uma languidez de morte, aos poucos, lavadiã-nos; a nossa alma triste, avassalava, delectã-nos a contemplar a sumptuosidade chimerica dum panorama previsto em sonhos, a magnificência d'um desejo já desfeito em doloridas illusões, a pompa d'um quadro que á juventilidade roubou a velhice.

Uns soluços rouquinhos, vindos d' longe, de muito longe, fazia-me voltar á realidade da vida. Era o mar, o velho Titan, monstro indómito e soberbo... A monotonia da quella eterna lamuria tem algo de salutar. As plangências desenerçadas do seu peito, afiguravam-se-me claramente ao influxo de uma força extranha, cuja attração gradativa impelle-nos a chorar; a térmios os nossos corações em perennes revoltas; a soluçar, sem sabermos por que; a chorar, sem sabermos por quem...

O monstro impetuoso e violento, o eterno soffredor, tornava-se irascível. Os vagalhões agora revoltos, numa furia tigrina, arrebassavam-se uns sobre outros, por sobre a areia branca da praia, rendilhando-a de espumas alvas e vaporosas. Uma onda mais afonta, mais arrojada que as demais, estendia o seu véo além da faixa commum, indo rastejante, voluptuosamente, lavar os troncos dos coqueiros, para tornar ao ponto de partida.

Por sobre as cristas das ondas phosphorescentes, flocos irriquiéticos, da brançura do lyrio, amalgamavam-se com os effluvíos atmosphéricos, confundindo-se com a luz diaphana da lua. A Venus de Milo rebrilhava lá nas alturas; feixes de luz,

a confundir-se com os escarcêos, a fragilma embarcação ia, aos poucos, desaparecendo. Não se descurtinava no horizonte o menor vislumbre d'uma miragem, nem a silhueta fugitiva d'alguma ave marinha. Tudo ermo.

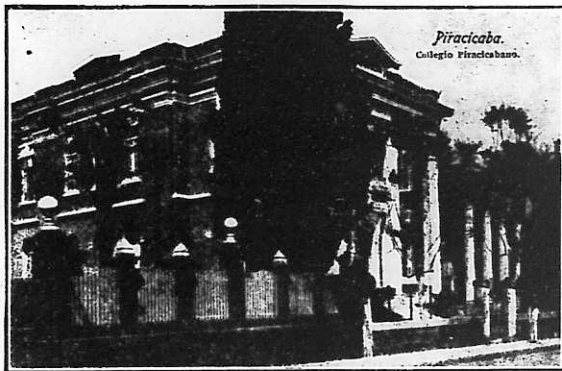
A lua no zenith, a noite era a continuação do dia. O vento glacial, a zunir fortemente, tornãra-se insupportavel e o mar prosequia, sem descanço, sem treguas, em seus eternos queixumes.

Os coqueiros em positivo combate com esse halito que pelas campinas, pelos vales e pelos veredas tudo traz em agitação, arrojavam-se uns sobre outros, quezes phantasmáticas disformes a dansarem a sua terrivel dansa macabra n'algum cemiterio da aldeia.

Não se entrevia á distancia, um perfil humano, mas distinguia-se na arca húmida da praia, as pégalas d'algum que por alli passãra havia pouco.

Ante tão grandioso, quáo estupendo altar, a-ni-me nada; reconheci-me... Tremi, então. De medo? De temor? Não sei. Sei que o meu corpo se contrahiu, ao mirar-me naquelle crystal da natureza. Vi-me lucidamente, attentamente. Reflexioni, tentei conjecturas vãs, e, extatico, como que petrificado, quedei-me alguns instantes. Os minutos corriam e ainda me conservava immovel. Que vira eu em mim, dentro do meu "eu"?

Que é a vida? — perguntei a mim mesmo. Como resposta a este meu extemporaneo pensamento, uma lufada de vento gélido poz-me a t'rirar. Ria-se o vento da minha estultice. Era um riso sardonico, uma gargalhada alvar. Zombava elle da hypocrisia latente da humanidade, do seu ephemero e desprezível jactanciar.

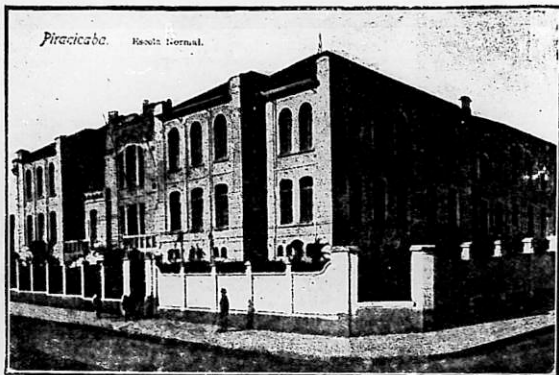


Vistas de Piracicaba. — Collegio Piracicabano

O silencio profundamente aterrador que precedeu áquella interrogação irrespondivel, falava-me á alma mas' do que toda a philosophia dos sabios. Aquella batorada de vento afigurava-se-me o des-

preso' feroz que a natureza nutre pelas cousas superfluas e inuteis. Atrophiado pela minha nullidade, calcado pela ignorancia da minha propria pequenez, revoltando contra as cousas terrenas, considerando-me uma parcella infinitamente menor que um átomo, em face do portento que me circumdava, senti-me ainda mais pequeno do que realmente era. Apoderava-se de mim uma extranha vontade de

que perfuma, que tonifica as tardes vesperaes! Ecurrido espantoso, a da luz! Algemado com as pesadas cadeias da liberdade, acorrentado impiedosamente ás columnas do Universo, esforçava-me por desvencilhar-me do supremo embaraço, por arrebentar os fortes elos que me sangravam a alma, e correr, e correr qual uma furia desenfreada, pelo grande salara do mundo. Que prisaio mais dolorosa, mais terrivel existe que a do infinito? Dentro deste cubiculo de portas eternamente fechadas, corremos como loucos, degladiamo-nos na maior das selva-gerias, deixamos explodir, alternadamente todo o nosso rancor, toda a nossa doçura, todo o nosso amor e toda a nossa hypocrisia... Porque se não nos abrem os vellos gonços, carcomidos pela ferrugem milenaria deste calabouço? Porque se não rasga esse véo opaco que nos separa daquello Eden de que nos fala o Apocalypse de millenios já passados? Porque não podemos nós contemplar o esplendor magico daquelle panorama idealist'co que nos borda e enfeita as illusões? Porque?... Porque, o que unicamente nos apraz, não é o procurarmos dar immortalidade a esse poder complexo que nos rege, que está genialmente engravado na nossa propria razão de ser, não... o que nos é mais peculiar, mais facil, mais coherente, o que se nos afigura mais praticavel, mais factivel, é o deixarmos-nos arrastar pelas procellas das conveniencias occasionaes, é o consentimo-nos chafurdar no atazel das immoralidades... Sómente nos é permitido viver uma vida chimérica, de uma méra phantasia, que fenéce como a rosa. Porque se não nos pde á vista esse co-morama sumptuoso, pleno de irisações magostas? Porque se não nos offerece accesso a esse Parnaso ignoto, a esse Idéal emparedado pelo vacuo indefinivel e caotico, que nos amordaça, que nos traz prision'ros do Destino? Porque as cambiantes dessas côres indescrptivéis não nos são apresentadas, para perturbarem o nosso espirito sequioso de: brilhantes e desconhecidos re-marios?...



Vistas de Piracicaba. Escola Normal

evaporar-me no meio daquella solidão, de tornar-me nada, de transformar-me numa viração, de transubstanciar-me na sentelha duma luz, de crystallizar-me na essencia de uma dessas phosphorescencias que se desprendem, á noite, das covas vazas...

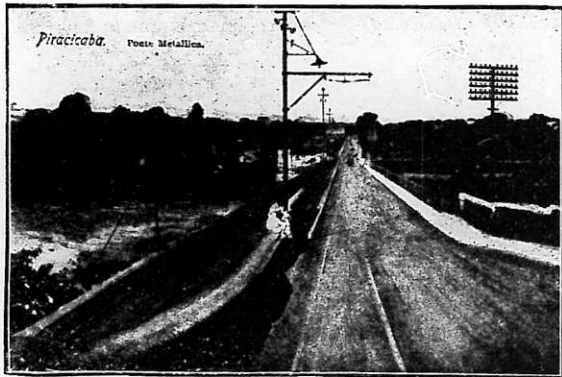
Vinha-me, então, á mente a imagem fugaz daquella barquinha que, na instabilidade de dois rotos de madeira, penetrava, com uma intrepidez surprechendente, o molosso oceanico. Que homem seria aquelle que audaciosamente se intrometia pela superficie intermínea do abismo pavoroso, pela voragem medonha, qual avizinha radiante de alegria, a esvoaçar nas bordas de um manso lago! Seria uma excepção ás leis naturaes que regem os cósmos; seria uma aberração aquella ousadia sem par, aquelle emprehendimento evolutivo e inerto, através da tianicidade daquella compacta massa liquida, ou seria simplesmente uma loucura, uma phantasia, que o impelliam para dentro, á cata de thesouros desconhecidos, ou ainda o mysterio d'alguma atracção que certos objectos estão sujeitos a receber da acção magnetica de corpos organicos superiores? Tudo me fazia crer que sim: aquillo era um mysterio insolvavel, um mysterio inexplicavel, intransponivel. Aquelle grão mínimo da humanidade, inconsciente e inculto, aquelle átomo envolto no embryonismo d'uma força allucinativa, a vagar ao léo do destino, ia-se como que impellido por elementos licenciosos, dissolutos...

Pensei por um segundo a trajetoria das hypotheses, mas não pude seguir avante, pelas escarpas vertiginosas daquellas penedias imaginarias, carregadas da fumaça densa de um espiritalismo vão; tudo se me era inacessivel. Debalde clamei por forças para conduzir-me ao inatingivel, debalde... Os echos da minha voz se perdiam na immensa vastidão do scenario da natureza; morriam sem jamais ser ouvidos. Confusão, mysterio impenetravel!

Quão reconhecido não me sentiria se pudesse transpôr então esse caminho sombrio que vae ter ao labyrinth d'um vapor tenue

mente nos é permitido viver uma vida chimérica, de uma méra phantasia, que fenéce como a rosa. Porque se não nos pde á vista esse co-morama sumptuoso, pleno de irisações magostas? Porque se não nos offerece accesso a esse Parnaso ignoto, a esse Idéal emparedado pelo vacuo indefinivel e caotico, que nos amordaça, que nos traz prision'ros do Destino? Porque as cambiantes dessas côres indescrptivéis não nos são apresentadas, para perturbarem o nosso espirito sequioso de: brilhantes e desconhecidos re-marios?...

Tudo isso, confusamente, vinha-me á memoria, e, enquanto ch-



Vistas de Piracicaba. Ponte metalica

servava, enleado, uma nuvensinha a avisinhar-se de Venus, as ondas do mar lavavam-me os pés, como para destruir os meus conceitos tólos e illogicos...

Recife, Abril 1921.

WALFRIDO V. ANDRADE.

Hilda Brunel

O quadro estava quasi acabado. Mais duas ou tres "poses", e nunca mais ella voltaria ao atelier. Standish continuava a pintar em silencio; mas, no intimo, uma voz lhe dizia: "Nunca mais! Ella não voltará nunca mais".

De vez em quando elle deixava de a olhar e conservava os olhos semi-cerrados. Ella cuidava que aquelles olhos estavam somente affeitos a olhar as cores, a estudar-lhes a gradação e a ver o seu rosto e o seu corpo com a mesma indifferença com que via os assumptos e os motivos pinturales, natureza morta ou trechos de paisagem...

Ella tinha um ideal, um ideal que ficava muito acima

signal, um gesto, como a indical-o que o sabes? Tu és tão arguta, tão fina... Oh! será preciso que te diga tudo, será preciso que me declare? Ou dar-se-á o caso que não te incomodes com isso e que te seja indifferente o que sinto? Se assim é, devo andar illudido. Pois eu cuidava que nós dois só podiamos ser gloriosos se nos unissemos, e que encostados um ao outro podiamos colher os maiores triumphos. Era o que eu cuidava, e cuidava ainda que o nosso encontro foi destinado pela Providencia especialmente para operarmos uma reacção na chimica espirital do universo...

Standish gostou da ultima phrase e procurou o effeito della nos olhos de Hilda Brunel. Esta, porém, permaneceu tranquilla. Tranquillo estavam os seus olhos, que se cruzavam com os delle com a mesma calma habitual. O pincel do artista, como tomado de subita inspiração, lançava traços magistraes, accentuava aqui uma sombra, fazia brilhar alli um ponto de luz, e trazia a realidade com um esplendor que roçava a phantasia. Foi esse um dos seus momentos mais felizes. A alma, que creía, sobrepujou o cerebro, que analysa. E foi com a alma que elle concebeu os ultimos retoques da sua obra.

Aquella voz intima tornava-se agora atrevida, exaltada pela liberdade da confissão feita havia pouco.

— E's uma extranha mulher. Nem te ris de mim quando te mostro o meu coração! Mas não importa. Entretanto, Hilda, o mundo é bem injusto para contigo, injusto e cruel. Ninguem te preza mais do que eu. Estás divorciada de um marido, mas, que fosses divorciada de mil, o conceito que formo de ti seria o mesmo. Mesmo que fosses lodo, eu procuraria nesse lodo a perola, que és. A minha adoração não te concebe senão pura. E's bella e vives embriagada em teu successo, mas se te tornasses feia e o teu publico te repellisse, eu ainda reservaria para ti os meus applausos e homenagens. E sabes porque? Porque só eu, só eu, ouviste? é que conheço a tua alma, eu só e mais

ninguem. Standish exaltava-se. Seu coração, entre esperanças e dores, batia fortemente. Fixou os olhos em Hilda Brunel, como a tentar deavassar-lhe os pensamentos.

Os olhos de Hilda tornaram-se de repente muito brilhantes, devido á humidade que os invadiu. Ella então, para esconder a lagrima, fechou-os. O resultado foi provocar ainda mais a lagrima, que extravasou e rolou... A palidez cobriu-lhe o rosto.

O pintor, descansando a paleta sobre uma mesa, aproximou-se della, tremulo de commoção.

— Hilda!

— Não te importes, amigo. A lagrima, em mim, não



da sua existencia exterior, e era esse ideal que lhe dava força. Graças a elle, ella alheava-se da Grande Casa de Operas, das intrigas de bastidores, do "bel canto" do tenor que cantava ao seu lado e dos seus proprios successos artisticos.

Standish, fazendo correr o seu pincel entre a paleta e a tela, não perdia de vista o effeito daquelles hombros brancos, de carnção quente, brilhando sob a incidencia da luz. A voz intima continuava a falar-lhe. Depois de uma pausa, perguntou ao seu modelo:

— Tu, que és tão bem informada, sabes o que fizeste a mim? Deves saber-o, por certo! Porque não me fazes um

quer dizer nada. Demais, tu sabes que ella faz parte da minha existencia.

As expressões e o tom de voz de Hilda commoveram-n'o fundamento. Ao lado della, em pé, estava indeciso, sem saber que fazer. Seu desejo era sentar-se a seus pés, mas faltou-lhe a coragem.

E foi ella que, abrindo os olhos e envolvendo-o num olhar animador, convidou-o com o gesto a sentar-se ao pé della.

Elle, surprehendido, perguntou:

— Estás lendo no meu pensamento? Como adivinhaste o meu desejo?

— Os nossos pensamentos estão de tal maneira misturados, que já nem sei distinguir entre os teus e os meus.

— Póde contar-me agora o motivo do teu pranto?

— Sim, mas primeiro diz-me: em que estava pensando neste momento?

Elle soltou um suspiro, elevando os olhos ao tecto e ficou pensativo.

Ella, sorrindo, perguntou:

— Posso agora ver o meu retrato?

Standish fel-a descer da especie de throno onde a collocara para a "pose", levou-a a um canto do atelier, que era o melhor ponto de vista para apreciar a tela. Hilda, deslumburada, não poude dizer uma palavra. Parecia-lhe que ella propria alli estava emergindo da tela, cheia de uma vida prodigiosa e cheia dos mesmos pensamentos que a atormentavam.

Depois de um largo silencio, falou:

— Tu não pintaste apenas uma figura: pintaste um estado d'alma.

— Talvez, pintei-te tal como te conheço.

Hilda, apoiando fortemente a mão sobre o hombro do pintor, murmurou-lhe ao ouvido:

— Deixa-me que te diga tudo: amo-te. Amo-te acima da minha arte, acima de todos os meus affectos, acima de mim propria. Foi esse amor que me fez chorar.

Standish pegou-lhe das mãos e olhou-a com olhos interrogativos. Ella, que lhe profundamente em seu pensamento, apressou-se em responder:

— Dou-te a minha vida, serei a tua escrava.

Seus labios uniram-se num beijo, beijo que foi casto á força de ser intenso.

— Standish teve uma sensação de ventura.

— Lembra-te — ciciou ella aos seus ouvidos — que sempre nos encontramos nas horas de tristeza? Isso não será pronuncio de que o nosso amor nos traga soffrimento?

— Estou prompto a soffrer tudo — falou elle calmamente

— O soffrimento não tem importancia para mim, de tal maneira me habituei a elle.

— Mas não se trata apenas do teu soffrimento, mas do soffrimento de alguém...

— Ah! nem pensava nella, — fez o pintor — nem me occorreu que entre nós havia um obstaculo. Que é que pensas della?

— Acho que ella te ama, disse Hilda com honesta franqueza. Ama-te como todas as mulheres devem amar-te, porque és bom, és nobre, és desinteressado. Que será della?

— Não será grande a sua decepção, porque mais de uma vez lhe tenho dito que o meu ideal não é ella.

— Pobre Estella!

— Far-lhe-éi comprehender que o que aconteceu é mais forte do que tu, que foi o destino o unico responsavel pela ruptura. Dir-lhe-éi isso, e dizendo-o, não faço senão traduzir a realidade. O amor que ella me tem fal-a infeliz; desilludindo-a, offereço-lhe probabilidades de ser feliz.

Hilda, embaraçada, afastou-se alguns passos, e dirigiu o olhar para um quadro que estava ao lado de outros encostado á parede.

— Este quadro... falou a moça, como mergulhada numa grande meditação. Que lugar é este?

— E' o trecho de uma praia de Connecticut. E' apenas um esboço. Gostas delle? Espera um pouco. Vou limpalo.

O pintor limpou-o com um esfregão e pol-o em outro lugar, sob luz mais propicia.

Hilda continuou a examinal-o, muito concentrada. Depois de um largo silencio, como se fallsse para si:

— Mas é exactamente o mesmo trecho de praia.

— Já estiveste lá? perguntou o moço.

Ella, sem responder á pergunta, ou como se a não ouvisse, falou:

— E' extraordinario!

— Que?

— E' que eu vi esta praia, este mar, este horizonte exactissimamente como estão representados na tela. Estava ameaçando tempestade, as vagas agitadas espumavam nos rochedos da costa e o horizonte, ao fundo, era quasi negro, carregado de nuvens cor de fuligem.

— Mas quando estiveste lá?

Ella, sem lhe responder, observou:

— Noto uma differença. Aquella chaminé, ao canto da tela, não existia quando lá estive.

— Naturalmente existia, e tu não reparaste nella. Acho que ainda não eras nascida, e a chaminé já lançava o seu fumo ao horizonte.

— E' o mesmo canto da praia...

Elle não parecia dar nenhuma importancia áquillo, emquanto ella permanecia alli, como a recolher recordações.

— Mas estás muito intrigada, Hilda! Se queres qualquer informação, é melhor chamarmos o velho João. Elle é daquellas praías.

— Sim?

— Nascu naquelles sitios. Conhece-me desde menino. Foi elle quem me ensinou a nadar e a remar. No verão elle toma conta dos meus barcos e das terras que herdei, e no inverno faz-me companhia aqui no meu atelier. Foram os meus avós maternos que o crearam. Na velhice, minha familia tomou-o novamente á sua conta, quando elle soffreu uma desgraça.

— Num incendio?

Standish olhou-a surprehendido.

— Porque falaste em incendio?

— A' toa, pareceu-me ouvir que se tratava de um incendio.

Nesse instante um rumor de passos fez-se ouvir no commodo vizinho. Era o velho João que entrava. Elle tinha ido ao banco receber dinheiro. Era um velhinho, de barba branca como algodão. Seus olhos eram azues e muito piscos. Um dos olhos era mais acanhado que o outro. O rosto, desse lado, tinha largas engellas e echimoses, e o braço era mais curto.

O velho, sem dizer palavra, entrou no atelier e entregou a Standish as notas do banco, e a retirar-se quando o rapaz o deteve.

— João, você se lembra quando a fabrica do Slosson foi construida, á margem do ribeiro?

O velho fez um esforço de memoria e respondeu com a voz muito debil:

— Ha já bastantes annos. Houve até um pedreiro, de nome Ryan, que cahiu do alto da chaminé, precisamente quando já estava construida. Foi isso ha vinte e seis annos.

— Um anno antes de nascer, observou Standish dirigindo-se a Hilda.

— Temos portanto a mesma idade, acrescentou ella. O velho retirou-se. Hilda acompanhou-o com os olhos e voltou a contemplar o quadro.

— E' extranho! balbuciou ella.

E como se estivesse divagando:

— Eu nunca lá fui. Não conheço esta praia, nem este mar nem este horizonte. Entretanto, todos estes aspectos são familiares. Vê-os em sonho, não em sonho vulgar como todos os sonhos, mas numa visão real com elementos de sonho. Ha coisas na minha vida que não posso descrever. Nunca vi essa praia, e conheço-a tão bem! Isto faz-me lembrar outro pomenor da minha vida: foi quando nós dois fomos apresentados um ao outro no "five o'clock tea" em casa da senhora Weatherly Jones...

Standish, que se puzera pensativo, exclamou:

— E' extranho. Tenho a mesma sensação.

Hilda sorriu, e apoiando as mãos nos hombros do rapaz:

— Mas entre nós, antes de sermos apresentados um ao outro, já houve algum laço que nós uniu. Nunca pensei nisso, mas agora sou obrigado a pensá-lo.

— Deve ser isso. Eu tenho a mesma impressão. Quer-me parecer que eu já te conheci n'outra vida, ou, pelo menos, numa phase muito remota da minha infancia. Quando te vi á primeira vez, ha dois annos e de passagem, recordei-me da minha vida de collegial, do collegio de miss Jones...

— Ah! pois eu lá estive. Quem sabe se fomos collegas! Eu era conhecido pelo nome de Dish.

— Ah! lembro-te bem de ti. Foste o meu companheiro de carteira e o meu melhor amiguinho. Tu eras muito louro e choravas quando não sabias as lições, e era eu que te consolava, quando estavamos sós e quando ninguem podia ver os carinhos que te fazia.

O pintor, esfregando as mãos na testa, como a remexer as idéas, falou:

— De facto, nunca me hei de esquecer de uma menina, que foi o meu primeiro affecto, e de quem ainda hoje me recordo com uma saudade quasi dolorosa. Mas não eras tu. Chama-se Melly.

— Melly é o meu nome.

— Ah! então eras tu! Como sou feliz em encontrar-te! Lembra-te de um juramento que te fiz?

— Que quando fosses grande me pedirias em casamento... É qual foi o meu?

— Que me esperarias.

— Oh! como sou feliz!

E os dois, penetrados de uma profunda e honesta ternura, olharam-se... Apertaram-se as mãos, e não tiveram animo de unir os labios...

ANDRÉA MEE.

FOLHA DE TREVO

*Dos annos meus, em vão, te procurei
pelo vergel em flor, folha miniosa;
folha de trevo mystica, preciosa,
crúz d'esmeraldas que a sonhar bejei.*

*Laboradoras mãos alfin cancei,
triste cancei meus olhos, anciosa;
perdi meus passos sem te achar, formosa,
entre o trifolium verde que encontrei!*

*Formam-te corações: por isto és bella;
da Cruz a fôrma tens, que nos encontra,
és grato talisman, folha singela.*

*Oh! feliz quem, da magna que o quebranta,
te vê brilhar na turbada procella,
folha de trevo milagrosa e santa!*

Sta. Catharina.

DELMINDA SILVEIRA.

SONETO

*Não foi em vão que em horas já passadas,
— O coração alerta en fiz-me á espera —
Para saudar com hymnos e alvoradas
O amor febril da minha primavera...*

*Não foi em vão que em ancias desceadas,
No doce eufico azul de uma chimera,
Teci confiante, em na'ez constelladas
A trama d'esse amor que me approv'era:*

*E hoje afinal, na súbita trajectoria
De rutilos idéas, num sonho lindo
Cólho as benções de luz da minha gloria!*

*E na honsanna de pombas rouliceres,
Levanto a minha taça de otro e brindo
A mais bella de todas as mulheres.*

ALLEGRETTI FILHO.

Nova edição do Natal

As nossas leitoras sabem bem o cuidado que fomos na confecção das nossas edições commemorativas do Natal e que não pouparamos sacrificios para que ellas sejam sempre luxuosas, de aspecto encantador e de collaboração variadissima e selecta. As nossas edições, como é notorio, são sempre um grande successo de arte typographica e um successo literario. A futura edição, porém, que estamos desde muitos mezes confeccionando para ser distribuida como premio ás nossas assignantes e que sahirá nos primeiros dias de Dezembro, é muito mais rica que todas as demais, mais volumosa, com materia mais abundante e com maior numero de gravuras, das quaes as trichromias e chromos, pela sua belleza e nitidez, são dignos de uma moldura para figurar na parede de uma sala.

Esse numero compor-se-á de mais de duzentas paginas em magnifico papel "glacé" e será ornado de muitas centenas de gravuras. Não se trata de um ephemero numero de revista, de assumptos passageiros e frivolos, e sim de uma verdadeira enciclo-

pedia, digna de figurar numa sala de visitas, como ornato para uma mesinha, ou numa bibliotheca, como obra de consulta. Trará vastas secções de litteratura, critica, viagens, historia, theatro, sciencia ao alcance de todos, hygiene, poesia, medicina, humorismo, modas, arte applicada, cozinha, conselhos de elegancia e do bom tom, anecdotes, caricaturas, trabalhos femininos, bordados classicos, industrias domesticas, feminismo, etc., etc. A cada uma destas materias corresponderão tres ou mais gravuras elucidadivas, muitas das quaes coloridas e de grande effeito decorativo.

As pennas mais reputadas do Brasil e do estrangeiro figuram nesse numero.

Tal é a nossa edição do Natal. Para as nossas assignantes ella constituirá um liv'ro premio, porque o preço do numero, vendido avulsamente, é quasi a metade de uma assignatura annual. As senhoras, pois, que quizerem ter direito a esse numero, rogamos que mandem reformar a assignatura com a possivel urgencia.

OS CINEMAS

Quem poderá negar as emoções mais ou menos intensas, que sentimos, ao vermos passar na tela, os films empolgantes da: "Fox-film", "Paramount", "Universal", "Nordisk", etc., etc.? Quem pois poderá acusar a mocidade dessa febre de cinema, quando o mal parece contagioso e delle tem sido atacadas, pessoas que já passaram da idade das illusões e phantasias? Que poder magico tem então o cinema para assim ter fascinado a humanidade?

Entretanto, se alguns films tem realmente valor artistico de reconhecido merito, quantos e quantos são desprovidos de todo senso artistico! E isto para só falar no lado artistico. Quanto ao lado moral, parece que as scenas livres e sensuaes, vistas atravez das pelliculas, tem o poder de ofuscar as vistas, pois de outro modo não se comprehende como os pais consentem em levar suas filhinas a essas casas de espectaculos. Qual a mãe verdadeiramente christã, teria a coragem de levar uma filha, onde tivesse a certeza de que iria presenciar alguma coisa, que de qualquer modo pudesse macular a innocencia de sua alma? E terão por acaso menos perigo, essas scenas immorales, vistas na tela?

Dizer porém, que o cinema deve ser banido do numero dos bons divertimentos, é de certo dizer uma incoherencia.

O que é lastimavel, é não ser o cinema aproveitado como uma escola de moralidade e bons costumes, concorrendo muito assim para a educação da mocidade, que facilmente se deixa impressionar pelas scenas passadas na tela e muito especialmente pelos seus artistas, a ponto de insensivelmente imital-os em muitas occasiões.



A distincta e nobre Seraphica Gloria da Nobrega, representante da nossa revista em S. Mamede, Estado da Parahyba, e um dos mais finos elementos da sociedade local.



A graciosa e intelligente Filhina da Cunha Azevedo, de 4 annos, que acaba de revelar seus grandes talentos artisticos, cantando e dançando o "Maldito Tango" numa festa infantil realisada no theatro de S. Cecilia, em Bannal, tendo sido entusiasticamente applaudida.

nemas!... Uma scena real, escolhida ao acaso, entre muitas, mostrará mais claramente a influencia dos cinemas: — Em moderno jardim de elegante palacete, em plena luz

do dia sem a mais leve sombra de recato nem o minimo receio de ser vista, uma menina conversava com o noivo — um verdadeiro gato de cinema — e seria impossivel imitar com mais perfeição uma dessas scenas que tão frequentemente vemos na tela, passadas geralmente em sombrios parques ou em bellas jardins, junto a elegante gradil ou á sombra de uma sebe. Nada faltava á scena, nem a languidez dos olhares, nem a vehemencia dos carinhos mutuamente trocados, nem mesmo os prolongados beijos dos cinemas tão revoltantes na sua sensualidade!...

E pensar que essas e outras scenas, são praticadas por meninas que se prezam de ter uma boa educação!... Pobres meninas!... Pobres victimas da educação moderna!...

As censuras e criticas, que se lhes fazem, deviam, com muito mais justiça, serem dirigidas aos paes e especialmente ás mães, que, esquecendo os seus mais sagrados deveres e procedendo ellas tambem de um modo reprehensivel, fingem ignorar o perigo que existe, para a virtude, para a dignidade e direi mesmo, para a honra de suas filhas, na frequencia dos cinemas, onde as scenas mais revoltantes são mascaradas com o titulo de virtude.

Em um cinema, duas jovens, duas meninas quasi, combinavam em voz baixa, executarem ao chegarem á casa, os mesmos passos, que estavam sendo executados na tela por dansarinas, traçadas de maneira indecente, em dansas igualmente indecorosas...

Será preciso dizer mais para provar o perigo desses films? Será possivel que continuemos de braços cruzados?... Como seria para desejar uma campanha enérgica e tenaz, das mães, para que suas filhas só frequentassem cinemas, dos quaes fossem banidos os films que podem macular os seus juvenis e innocentes corações.

Felizmente, a censura cinematographica, nos Estados Unidos, tem-se manifestado ultimamente do mais louvavel rigor. Lá, as fitas, antes de ser exhibidas ao publico, têm de passar pelo exame de um jury composto de homens honestos, nomeados pela directoria de policia. O excesso de nudezes, de "maillots", collantes e decotes brutaes, foi banido. Antes isso.

OLINDINA.



O lindo Hernani, filhinho do sr. Derneval Rodrigues e cunha, ora d. Maria de Lourdes Rodrigues, de Parnahyba, Estado do Piahy.

A carta que te devo

A ansia de escrever-te e a dor de perder-te foram afastando este momento, eternizando este silêncio que era eloquência na alma, caudal precioso de expressão no desejo, e quando subia aos lábios para converter-se em som e paixão, tornava-se em mutismo. Que tormental não sei quantas vezes comeci esta mesma carta. Não sei quantas vezes peguei da penna e, alertas as portas do coração onde, com avareza, guardo o thesouro dos teus carinhos, quize fazer do papel discreto o confidente do meu mundo martyrio, deste sofrimento que me mata e que se mescla o prazer de querer-te.

Só com o meu pensamento, resvalaram pela penna as sinceridades dos meus íntimos cuídados; e parecia-me ter-te ao meu lado, escutar a harmonia da tua voz, sentir o calido aroma do teu hálito, que é a preocupação do meu mysticismo e da minha carnalidade.

Na paz da noite, quando a cidade, adormecida, parecia envolver-se num silencio funebre de camponato, os dedos nervosos traçavam, com anelito febricitante, os signos habbualísticos da minha tirrura indizível. E, como no delírio do color que irradiava da minha febre, fugiam as sombras á marcha victoriosa da luz, e minhas illusões adivinham o riso do sol fazendo-se beijar sobre os massicos de rosas e quebrando-se em mil parcelas coloridas sobre as aguas verdes do jardim.

Eu fazia reviver as horas passadas, trazia-as ao instante presente, e o meu pensamento corria para ellas com um destino de louco. Nellas te vi sempre. Sempre ao meu lado, sempre integrada em minha vida e sempre fundamente penetrada em meus pensamentos, não sei por que, ao abrir os braços para te acolher dentro delles, ao fechar os lábios para imprimir em tua pelle a marca rubra das minhas anelas, te afanavas, te devanavas, te tornavas fumo...

No mundo sem rui das minhas chimeras, no mar sem limites das minhas inquietações, vogavas muito distante, até te perdesse pouco a pouco na linha azulada do infinito horizonte que me trouxessem á morte mostrando-me, na gloria do teu riso, a gloria dos teus dentes fulgurantes.

Eu abria medrosamente, então, como num extase mystico, a arca das minhas recordações e acavicava, num ritmo que era mais de religião que de amor, as tuas cartas. Li a primeira carta, e era um "Séramo, abre-te" de riqueza accumuladas de carinhos promettidos, e em todas ellas foi a tua arte, a tua magia, o teu talento e a tua finura que lavraram a cadeia de ouro que me escrivias á tua memoria.

Tu evitavias, toda vez que o tocava, tinha para os meus dedos uma sensação de carne aromada e tépida. Debruçado sobre a mesa, apertando a fronte entre os meus febris, quizera que as horas fugissem com uma velocidade do relampago para que me trouxessem á morte diante de ti. Era novamente o delírio. Evocava a minha primeira viagem em que a vehemencia queria pôr azar na locomotiva. Pensava na avidez com que me dei do trem, ainda de madrugada, e na angustia com que esperei que o sol raiasse. A madrugada parecia prolongar-se interminavelmente. As s-maphoras, ao longo dos "rails", perdiam o vigor ás primeiras claridades e pareciam ollar-me com olhos de piedade no céu, as estrellas, que desapareciam, de uma em uma, como se não invizivel as apagasse, palpavam ainda, trefegas; fundi-me na escassa bruma que ainda envolvia as suas adormecidas, e fui correr, mas os meus passos, fatalmente, como se eu fosse arrastado por um sorvedouro, me guiavam sempre para o mesmo sitio fronteiro ás tuas janellas.

Depois... tua mão estremecendo entre as minhas, que tremiam; tua bocca divina, rindo; teus olhos... Oh! os teus olhos grandes, acariciadores, cheios de uma nobre magestade e de um brilho perturbador... Não sei que mysterio têm os teus olhos. Um raro magnetismo, um poder de suggestão que domina docemente os sentidos e o espirito e parece gozar ao sentir o meu coração palpitante, ora atirando-lhe flores para que se embelzeze com o prodigio dos seus aromas e para que soffra com a tortura dos seus espinhos.

Ah! a separação dolorosa! Ah! a viagem outra vez! E o carnaval. Lembra-te? A larga praça da pequena cidade provinciana, cheia do rumor da multidão e dos pregões sonoros. As mascaras grotescas, a batalha galante de confetti e serpentinas, o sorriso malicioso das tuas angustias vendidas no teu lado, orgulhoso e feliz, sob as acacias ramalhadas da slamedá. Á noite, o esplendido salão do casino com

suas pinturas, cheio de animação e de alegria, orgulhoso com a belleza daquellas senhoras e com a garulice das creanças encantadoras.

Conheci-te logo ao entrarem. Distingui-te em meio ao grupo de "travestis" e soube destacar a tua magestosa silhueta daquelle febre de cores e lantejoulas. Um secreto impulso me aproximava de ti, me dominava, me impellia a uma extranha fascinação; e quando, de ciftado o enigma que cuidavas ser, teu braço se enlaçou em meu braço; e quando passavamos, muito juntinhos, olhando-nos ás furdadelas, distraihidos do regosio alheio, sentindo apenas o bater dos nossos corações sobrealçados, não sei como tive animo de manter, perante os outros, a minha serenidade impassivel. Soffri intensamente.

Comprehendes agora o meu silencio? Comprehendes por que, á ultima hora, silencioi, quando, em meio do canção dos pares e a agitação dos primeiros alcores matutinos, cahiam as tuas palavras, como perolas, sobre o parapeto de marmore que nos separava?

Não ha homem no mundo, e principalmente homem que vive a vida do espirito, que não haja formado, no santuario da sua alma, a figura ideal de uma mulher. E eu, antes de conhecer-te, já te havia adivinhado; antes de falar contigo, já conhecia a tua voz.

Eu já te amava antes de conhecer-te. Parece-te paradoxo isso?

O poeta já o disse:

*Eu não posso dizer-te "vive e amei-te".
Porque antes de te ver eu já te amava.*



que construiu para sempre a minha desventura, havia levantado uma muralha de impossivel entre nós dois.

Já sabes por que não lograva expressar-te o meu infortunio. Já sabes por que a promettida confissão resistia a sahir. Mas escuta tambem o que nunca te disse, embora o houvesse adivinhado em minha perplexidade e no temor que me tomava toda vez que te via. Eu quero-te! Eras a idea em meu pensamento, fogo em meu sangue, calor em meu cerebro, luz em meus olhos, companhia em meus sonhos e esperansa em minhas desesperanças.

Encher toda a minha vida com uma dor muito grande, com um pezar muito amargo, com uma angustia suprema, que, não raro, se sacode em soluços e se desfaz em prantos. Porisso é que toda a minha vida se resumia em ti, porque viver, no sentido espiritual da expressão, é soffrimento e renuncia.

Já tens em tuas mãos a carta que te devia. Guarda-a com amor, conserva-a com carinho, sepulta-a entre as rosas murchas que te dei. Não te doa a amargura de que está saturada, dil-he um beijo de piedade. Dentre as entrelinhas, de envolta com as phrases confusas alguma coisa ha que é o meu proprio sangue, arrancado ao coração gota a gota. É provavel que não entendas o que te disse, mas procura adivinhar o que não pude dizer-te, que é tudo.

Adens. Não sei se tornarei a viver-te. Não sei se me responderás. Seja como for, absolve-me das minhas culpas e lança-me, de onde estás, a tua benção.

Esquece-me, ama-me, odeia-me. Mas fica sabendo que, em cambio, ainda das misérias da nossa pequenez ou dos surtos da nossa soberbia, permanecerá, perdurando, este meu amor, este amor puro e santo, mais forte que a propria vida, porque ha de sobreviver a ella, perpetuando-se através da morte.

ROGERIO OLIVARES.

COMO ENFEITAR MINHA CASA

AS BELLAS ALMOFADAS SÃO ORNATOS MUITO PRECIOSOS

Esses tres modelos que illustram o nosso artigo são, no genero, uma absoluta novidade. E' notorio que as almofadas, quando são executados com capricho e quando obedecem a um fino gosto artistico, são sempre uteis e muito apreciaveis como ornato. Em qualquer parte onde sejam collocadas tem a sua applicação, numa cadeira, numa poltrona, no salão, ao lado do sofá. Os desenhos que estão mais em moda são as flores, de que ha grande variedade em fórmas e cores. A primeira das almofadas, a que está em baixo, é muito original, e uma das suas originalidades consiste na sua fórma triangular. Faz-se em velho brocado negro e ouro e enfeita-se nas pontas com borlas redondas que se fazem com linha mercerizada preta e em seda frouxa de bordar cor de ouro.

O modelo do centro, embora mais simples e modesto, tem um lindo aspecto. E' de fórma quadrada, e a sua applicação é muita propria num gabinete de trabalho. Executa-se em velludo negro terminando em trancinha grossa de seda preta. A decoração que deve ser a mais singela possivel só apanha um angulo, e resume-se em tres rosinhas com suas respectivas hastes, botões e folhas mas de modo que só as rosas predominem. Esta almofada tambem podia ser feita em velho brocado, ou mesmo em cretone, de que ha tão bonitas variedades e que é muito proprio para qualquer decoração.

O terceiro modelo é talvez mais singelo, mas o seu conjuncto tem uma graça muito delicada.

E' uma almofada quadrada de taffeté, com um ornato a um dos cantos em trancinha de ouro. Pode ser executado, com equal effeito, em brocado, em velludo ou em qualquer outra fazenda apropriada.

Para as leitoras intelligentes e que tem habilidade para compor esses trabalhos, as explicações são sempre ociosas. Basta-lhes ás vezes observar apenas os modelos e executar-os segundo a sua vontade e o seu gosto.

Ahi estão, pois, as gravuras. As moças que gostam deste genero de trabalho e sabem executar-o com habilidade, observem bem, pelo simples exame dos olhos, todos os detalhes de que se se compõe cada um dos modelos e tratem de imital-os. O material a empregar é o commum e está ao alcance de qual quer moça, se é que

elle já não faz parte da sua cestinha de costura. Com alguns retalhos de seda, se obtem as mais lindas almofadas. A cor é uma coisa secundaria. Toda cor em seda é bonita. As fórma e a execução, nesse genero de trabalho, é tudo.

Ultimamente, em S. Paulo sobretudo, tem-se vulgarizado um genero de bordado a oleo que é aproveitado para almofadas, para centros de mesa ou para cobertinhas de mesa de cabeceira. As leitoras sabem bem de que se trata.

Os desenhos obtidos por decalque são sempre mesquinhos. — Nos trabalhos de agulha, deve ser sempre empregada a agulha e nunca o pincel, a não ser em condições artisticas.



A M O D A

É incrível o gasto a que hoje, mais do que nunca, é obrigado o chefe de família para manter, já não diremos o luxo, mas apenas a elegância discreta da sua mulher e filhas. Antes da grande guerra, quando as condições do chefe de família, em todo o mundo, se não eram folgadas, não estavam pelo menos, tão embaraçadas por tributações e dispêndios de todo genero, a elegância das senhoras podia ser mantida sem muito

sacrifício, porque os tecidos de algodão ou de algodão e lã, que se vendiam por baixos preços, entravam ordinariamente na composição das "toilettes". As meias de algodão, em casos excepcionaes, podiam ser usadas sem escândalo. Entretanto, agora, que a vida está caríssima, que todos os generos de immediata necessidade estão por preços inacreditaveis, agora que os chefes de família ganham menos que antes e são forçados a dispêndios muitissimo mais avultados, só a seda é que é admissivel na confecção das "toilettes", e as senhoras, por mais modestas que sejam, não podem mostrar-se em publico senão com meias de seda, embora de seda vegetal, que é hoje mais cara que a verdadeira na epoca anterior.

A situação é, pois, de tal modo premente, que em todas as capitães do mundo civilizado, inclusive em muitas cidades da Norte America, se estão organizando sociedades cujo unico destino é pregar contra o excesso de luxo e adorns caros. Essa campanha

vae obtendo algum resultado, e não é de admirar, graças á intelligencia e á tenacidade com que é feita, que ella saia victoriosa.

Emquanto estas coisas se passam nas mais adelantadas cidades da Europa, nós, no Brasil, não damos um passo no sentido de pôr obstaculos á invasão, cada vez mais crescente, do luxo sumptuario, e entramos a adoptar todos os desvarios da moda, por mais inconvenientes que sejam

e por mais caro que nos custem. Entretanto, se ha um paiz em que todos os habitantes são forçados á mais rigorosa economia, esse paiz é o nosso, devido á sua desorganisação economica. ao seu tumulto politico e á incerteza do dia de amanhã em que todos vivemos. Se entre as altas damas da nossa sociedade houvesse um pequeno grupo que quizesse tomar a iniciativa de, a exemplo do que se está fazendo na Europa, propagar as modas modestas, mostrando-se ellas mesmas em publico com vestidos de fazenda barata e meias de algodão, é provavel que o exemplo fructificasse, despertando em outras o espirito de imitação. E não se diga que, com cabedões baratos, não se pôde confeccionar uma "toilette" elegante. Póde-se. A elegancia é um quê que nada tem que ver com a qualidade dos elementos de que se compõe o modelo. E a prova disso é que é commum verem-se senhoras ricamente trajadas e arreadas de joias, sem distincção nem elegancia, ao passo que outras conseguem obter um grande destaque sem exhibição de tecidos ricos nem de joias faiscentes.

Esperemos das nossas altas damas essa iniciativa.



Elegante e original modelo, de muito effeito, em sarja com quadrados.



Toilette de passo, de linha severa mas graciosa.

MARINETTE.

A RESSURREIÇÃO DA CARNE

(PHANTASIA DELIRANTE)



As coisas iam caminhando muito mal, e tão mal, que já ninguém tinha mais esperança de ver o fim das suas desditas. Guerras internas, estados de sítio constantes e injustificáveis, invasão de ga-fanhotos, geadas sobre a lavoura, a peste no gado, a gripe pneumónica, a secca no sertão, as endemias fataes, a immoralidade política, as aprovações por decreto, a desvalorização da moeda, a bancarrota, todas estas desgraças juntas acabrunhavam a existencia dos habitantes daquelle paiz. O paiz, desde o advento do seu novo regimen politico, vivia em continua crise. Crise de homens, de dinheiro, de moral, de idéas, de tudo. A' falta de homens, importava o governo os estrangeiros como consultores dos negocios publicos; á falta de dinheiro, pedia-o emprestado aos onzenheiros de outro continente. O povo vestia o seu corpo pelos modelos exóticos e seu espirito, pelos livros de importação.

Nesse paiz havia, por certo, varões preclaros, que vinham arengar ás multidões, na praça publica; mas esses varões, por mais que estudassem, que se esforçassem, que perquirissem, não encontravam solução a tanta crise. Todo o trabalho delles resultava lamentavelmente inutil. E não se cuida que era por falta de remedios que aquellos males perduravam. Ao contrario. Projectos magnos, idéas luminosissimas surgiam a cada passo da columna dos jornaes e dos periodicos illustrados. Os homens do governo, sobretudo, eram sabios de alto "descortino". Mas tanto a sciencia official como a privada eram impotentes, porque todas as providencias que se aventavam nunca sahião do limbo da theoria e eram inapplicaveis na pratica.

Isso acabrunhava o povo, que, acostumado a soffrer, vergava o hombro á fatalidade. Alguns revoltados insultavam o povo, chamando-lhe "rebanho de carneiros". Um escriptor houve que appellidou os seus patricios de "urupês", que, na linguagem local, designa os fungos que vegetam no pão podre.

Ora, condoído de tantos males, um sabio, o maior sabio daquelle reino, dedicou-se ao estudo do "caso", e, á força de muito pensar, descobriu, um dia, um processo maravilhoso para dar energia ás fibras frouxas; creando, por essa fórma, homens capazes de governar o paiz e a si proprios. O sabio estava convencido de que se tratava de um "caso clinico", de uma enfermidade collectiva.

Devemos aqui abrir um parenthesis: o paiz era assim, como ficou dito, mas os homens que o governavam, esses tinham uma visão optimista para as coisas envolventes. Sentindo-se felizes e fartos, não acreditavam na infelicidade e penuria do povo. Se, como sempre acontecia, algumas vezes se erguiam para clamar contra tanta calamidade, os homens do governo fechavam os ouvidos, certos de que eram vozes da opposição. Nesse paiz havia dois partidos politicos: o dos contentes e o dos descontentes.

Ao primeiro pertenciam os homens da situação e todos os que viviam a mamar na vacca do Estado, e do segundo fazia parte todo o povo, ricos e pobres, nobres e plebeus, letrados e ignorantes. Os intellectuaes, os sabios, os competentes de toda classe faziam parte dos descontentes.

O sabio descobriu um remedio. A ingestão da droga que, provavelmente, havia de ser amarga, tinha a efficacia de fortalecer o musculo, o nervo, o tendão, dar coragem aos mais tímidos, insuflar animo de iniciativas aos mais ociosos, despertar em todos, emfim, a consciencia da sua força e o orgulho da sua personalidade. O governo, como é de prever, fez uma opposição tenaz á propaganda da droga, insinuando, por meio de noticias que publicava no seu orgão official, que a droga era nociva á saude da população. No fundo, o governo tinha interesse em que o povo continuasse desfibrado, e, portanto, incapaz de se insurgir, de mão armada, contra as instituições. Sem embargo disso, a droga vulgarizou-se. Os moços ingeriram-na, satisfeitos. Os velhos, porém, recusavam-na, desconfiados. Os moços; após a ingestão, sentiam-se, de facto, fortalecidos. Começaram a cultivar os sports, o foot-ball, o remo, a gymnastica sueca, a exercitar-se em halteras de ferro. Um poeta, então, fez-se propagandista da droga e propoz uma alteração na dosagem. Os que aceitaram essa alteração psologica, não adoptaram os sports athleticos, mas os exercicios militares, e trataram de envengar um lindo uniforme kaki, passando pela cidade em marchas e contramarchas, acompanhados de charangas. A droga, como se vê, só teve meia efficacia: enrijou o musculo, despertando o gosto pelos exercicios phisicos, mas não fortaleceu a fibra moral. Porisso, os moços, como antes, continuaram a desinteressar-se dos negocios publicos e a curvar o dorso a todas as affrontas do governo.

As coisas, pois, iam andando de mal a peor. Ante tão desastroso resultado, os lamentos, os brados e as recriminações subiram a tal ponto, que o sabio, desesperado, se encerrou de novo em seu laboratorio e se poz a meditar. As queixas e reclamações não as fazia o povo directamente, senão pelo seu jornal, numa secção que tinha precisamente por titulo "Queixas e reclamações".

O sabio, meditando, cogitando, pensando, apolegando velhos textos esotericos, consultando pergaminhos, interpretando Paracelso, Cornichins Agrippa e os thaumaturgos medievaes, cotejando todas as afirmações da sciencia, quer as da sciencia magica, quer as da sciencia exacta, logrou descobrir a luz. Essa luz foi aumentando á medida que se adeantavam as suas investigações, e, por fim, achou, depois de mais de 914 experiencias, a formula. Estava o problema resolvido, ou, antes, "solucionado", como disseram então os jornalistaes daquelle paiz.

O sabio disse: "As idéas existem. O povo tem idéas.

Ellas não são más, e, segundo todas as probabilidades, seriam benéficas se fossem bem applicadas. O que falta são homens capazes de a pôr em pratica.

A um jornalista que o entrevistou, declarou elle:

— A difficuldade principal é encontrar homens. Durante a minha primeira experiencia, como todos viram, não encontrei um varão de enfiatura moral capaz de realizar um plano salvador. Desiludido dos contemporaneos, orientei minhas investigações por outro lado. Precisamos volver nossa attenção para o passado, e aproveitando minhas ultimas e inéditas descobertas, resuscitar os grandes homens da nossa historia, que são os unicos que, pelos seus meritos, pelos seus talentos, pela sua coragem e incontrastavel força moral, poderão salvar a patria. O elixir vivificante, composto, segundo a formula de Paracelso e de Alberto Kunrath, de electricidade, saes de radium, calórico solar, força magnetica e raios Z, é o unico que me auxiliará na obra estupefanda!

Ao ser publicado o portentoso invento, a alegria se apoderou de toda a Bananolandia porque foi nesse paiz que se deu o facto. Que jubilo! Que alvoroço! Houve meetings de glorificação ao sabio nas praças publicas, no Theatro Municipal, em toda parte. Todas as desgraças de que, em vão, se queixava o povo, iam ser esquecidas. O advento de uma nova era já estava annunciada pelos prophetas que viviam sob as sete palmeiras do Mangue. Outros prophetas menores já andavam pelas ruas, arengando ás multidões em discursos sybillinos. O prodigioso invento consistia em resuscitar os varões illustres do passado! Quem resistiria a um exercito cujo general fosse Osorio, a uma marinha cujo almirante fosse Barroso? Pedro Alvares Cabral ia ser resuscitado para descobrir novas provincias da Bananolandia. Barão do Rio Branco surgiria para a vida, avido de enriquecer o territorio com novas Missões e novos Acres. A jurisprudencia teria á frente Teixeira de Freitas, a poesia epica, o frade Santa Rita Durão, a poesia indigena, Gonçalves Dias, a oratoria sagrada, Mont'Alverne, a facécia popular, Castro Urso, o humorismo bohemio, Paula Ney, a consolidação do regimen, marechal Floriano, a astronomia, D. Pedro II...

Resuscitariam Castro Alves, Alencar, Gonzaga, Pedro Americo, Carlos Gomes, padre Mauricio, todos os grandes poetas, romancistas, pintores e musicos. Todos elles escreveriam novas obras para servir de modelo á arte contemporanea, que tinha degenerado no nephelitismo. Estas resurreições, sobre proporcionar gosos intellectuaes e estheticos aos amadores das artes e das letras, tinham a vantagem de esclarecer a critica historica, porque os autores declarariam qual era a sua obra prima, explicariam as suas obscuridades, corrigiriam as suas falhas, evitando assim os comentarios ociosos. Emquanto todo mundo se entreteinha a pensar na proxima felicidade, o sabio não

repousava. Visitava o convento de S. Francisco, as ruinas, os cemiterios, as cryptas, em busca daquelles a quem havia de resuscitar. A tarefa não era facil. A maior parte dos varões illustres não se sabia onde repousavam. A resurreição de outros prestava-se a constantes discussões, porque os homens que acompanhavam o sabio tinham cada qual a sua opinião. Uns se oppunham á resurreição do marechal Floriano, receiosos de que elle proclamasse uma dictadura, outros protestavam contra a vivificação dos poetas, porque no paiz havia poetas demais. A proposito disso, foi até lembrada uma facécia de Paula Ney, humorista morto.

Ney contava a um estrangeiro que, no paiz, havia tantos poetas, que, se algum sabbisse á rua de olhos vendados e agarrasse ao acaso um transeunte, que aconteceria?

— Agarrava provavelmente um poeta, respondeu o estrangeiro. — Não! Dois poetas!

A tarefa do sabio foi penosa. Acontecia-lhe, não

raro, resuscitar pessoas inteiramente desprovidas de merito, mummies anonymas que tinham usurpado, durante seculos, o respeito e a veneração a que tinham direito outros varões, cujas ossadas, desde a apparecencia dos seus sarcophagos, jaziam em qualquer covada ignorada. Quando se dava um facto desses, o que era o mais commum, deixava-se viver o usurpador, sem, entretanto, deixar-se de lhe explicar o como e o porque da sua resurreição



ção immerecida: Restituídos á vida todos os defuntos de reconhecido valor, voltou o sabio para a capital, acompanhado d'elles. Elles formavam um prestito, e, durante a sua passagem, foram victoriados pelas multidões jubilosas. O desfile pelas ruas da capital foi um triumpho. Tiradentes mostrou-se com a corda ao pescoço, á guiza de gravata. Os "smarts" achavam de máo gosto a cabelleira romantica de Castro Alves e riram da barba "passa pilho" do marquez de Herval. As mocinhas achavam graça aos calções curtos de Thomaz Gonzaga. Quando appareceu Julio Ribeiro, curvo sob o peso do enorme appendice nasal, um garoto recitou os versos em que Cirano troçou do proprio nariz. Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o precursor da aviação, caminhava, olhando o céu, a ver se descobria "passarolas" no horizonte; mas na Bananolandia a aviação estava em lamentavel atraso. D. Pedro I foi logo visitar a collina do Ypiranga, na esperanza de ainda encontrar lá um eco do brado historico. Arthur Azevedo correu logo á cata do Gomes Cardim para saber noticias do theatro nacional.

Passadas as primeiras alegrias, os resuscitados começaram a mostrar os seus dotes. A principio tudo com oh! oh! e ah! ah! de louvor e admiração. O exercito fez uma parada em homenagem a Osorio; a marinha deu salvas em honra de Barroso, e os poetas atiraram motes ao repenista Gregorio de Mattos; todas as Isauras, mais ou menos escravas, choraram á passagem de Bernardo Guimarães;

os Institutos Historicos foram receber o regente Feijó, e as academias, os atheos, os casinos e os clubs disputaram a hospedagem de tão illustres resuscitados. As senhoras elegantes disputaram Gonzaga para saber o que era feito de Marília de Dirceio e para obter della um autographo em seus albuns.

Os jornalistas de todos os Estados da União cercaram os resuscitados e torturaram-nos com "interviews". Ao cabo de alguns meses de vida, os varões do passado foram, pouco a pouco, desapparecendo. A principio suppunha-se que elles estivessem passeando por outros Estados. Mas

não tardou que se descobrisse o motivo de taes desapparecimentos. Os resuscitados volviam de novo aos seus tumulos, enojados do bulicio do mundo e saudosos da paz tumular.

Que fazer agora? Resuscital-os de novo? Ao sabio anto-lhou-se-lhe inutil a tarefa. Elle estava desesperado.

As coisas voltaram a situação anterior. O paiz continuava flagellado pelas mesmas desgraças. Só o governo, do alto dos seus postos de especiação, ria, satisfeito, a go-sar o luvor das gazetas officiaes....

TRISTÃO CESARIO.

CARTA A ALGUEM AUSENTE

Quer você que eu lhe conte como é que o nosso Gilberto, aquelle sympathico bohemio que, ha seis annos ainda, por aqui andava escrevendo pelas gazetas para enganar a fome — se encontra hoje director politico d'um jornal officioso, deputado, talvez futuro ministro? Pois tudo isso o deve elle aos olhos negros daquella sua adoravel vizinha da rua tal... Já então euza proxima ou remota de mais de metade das visitas que Gilberto diariamente lhe fazia.

Foi tambem ha seis annos, — como o tempo passa! — que você sahia de Paris para esse voluntario e appetecido desterro no norte do Brasil, onde tão distinctamente está desempenhando os seus deveres consulares como diria o nosso amigo Fernando, que na sua qualidade de segundo official no ministerio dos estrangeiros, usa sempre d'uma linguagem branda e polimento, cheia de apertos de mão e de reverencias. Deve, porém, lembrar-se della. Alta, graciosissima, o cabello escuro emoldurando-lhe o rosto pequenino, a feição dos dentes muito brancos destacando na face morena, em que um sangue rico de saúde pinha tons levemente rosados, os olhos quasi pretos, ora meigos e humidos, ora fogo vivo fuscando em scintillas luminosas, o nariz fino e breve, a bocca risonha e fresca; de toda ella se exhalava um casto perfume de sympathia, que irresistivelmente nos prendia a vista, sem nos fazer pulsar mais depressa o coração! Mais do que a belleza tinha a graça ingenua e timida, que se não estuda, nem se finge.

O Gilberto, como você sabe, era um daquelles temperamentos tipicamente portuguezes, que tudo deixam sempre para o dia de amanhã. Talvez effeito do clima, talvez producto da nossa condico enomorada mais prompta a viver de phantasmas do que a lutar contra a cruel realidade, agora enlucido o passado logo idealizando o futuro, como que abandonando sempre a sorte aquillo que só do proprio esforço adviría, que estimulos, que energias, que poderes e tenaz força, de vontade podem abater, por ventura, no coração d'um povo que ha pouco ainda recrudescia no Escorbuto, que tem como canto nacional a fada, isto é, o destino!

Sempre apaixonado, ou antes da supposicao do que o estava, porque ás paixões nelle pouco duravam do que duram as rosas, tão depressa esquecendo uma, como logo avultando outra, o nosso Gilberto passava o tempo collahorando em jornaes, discutindo litteratura e arte pelos cafes, frequentando as livrarias e os theatros, sempre no encalço d'alguem conquista complicada e difficil. Por esse tempo, ainda elle não pensava em politica. A publicação d'um novo livro causava-lhe mais alvoroço do que a queda do ministerio; e não havia discurso de opposicao que para elle valesse um fugitivo volver de oltros, um rapido sorriso trocando de passagem.

Os amosros profissionais são os que menos profundamente conhecem o amor porque apenas lhe roçam pelas azas. Mas se a verdadeira chamma os toca, logo a transfiguración nelles se opera, como em qualquer estudiantinho de quinze annos, ingenuo e affectivo.

Bastam dois olhos expressivos, dois olhos em que possamos ter alguma cousa, que só para os nossos olhos seja dita.

Porque todos temos, neste mundo, uma alma gemea da nossa, a unica capaz de com ella se irmanar e confundir integralmente.

Por mais que a procurem, poucos a encontram; e poucos lhe sentem a falta chegando até por vezes a illusão de suppor que a encontram.

Mas quando realmente se dá um desses encontros que o Accaso — feliz Accaso! — tão raro proporciona aos mortaes, um simples olhar

basta para os prender indissolvemente, para os ligar para sempre pela existência afora, como se o Destino os tivesse fatalmente guardado um para o outro!

Assim aconteceu com Gilberto.

A maneira d'aquelles amores medievales, de que falam livros de cavallaria, o primeiro olhar que trocou com a sua vizinha foi como uma fulminante revelação.

Para muitas mulheres tinha elle olhado, muitas até então julgava ver.

Mas, na realidade, só agora viu pela primeira vez. Por isso, num gracioso trocadillo, o Gilberto lhe chamava a verdadeira luz dos seus olhos, pois Luz era o nome della.

De familia pobre e modesta, não pudera a sua vizinha ter uma larga educação.

Apenas apprendera a ler e escrever. Era porém de seu natural tão intelligente, tamanho o seu desejo de saber, que mal se acreditaria fivesse apprendido tão pouco.

Em todas as mulheres ha uma disposicao, um talento especial para bem escrever cartas. As da Luz — algumas me mostrou o Gilberto — eram um modelo de simplicidade e de candura, de commovida e honesta sinceridade.

O Amor, que, desde logo, os subjugara, mais se affirmou na sympathia espirital que, irresistivelmente, uma para a outra atrahia as duas almas. Elle procurou educal-a, afeioar, despertar a sua intelligencia. Ella nada conhecendo da vida, tudo ignorando, mas tudo adivinhando tambem pelo seu amor, procurou fazer delle um homem, dando a sua vontade a força para lutar á sua energia e confiança para resistir, ao seu caracter a tenacidade para vencer.

Mais do que amante, Luz foi para Gilberto uma amiga, a mais leal e a mais dedicada das amigas. Nos seus emporcamentos animav-o; consolava-o nos seus desgostos; exaltava os seus triumphos; habilitemente dissimulava e desculpava as suas contrariedades. Assim lhe foi dedicando a vontade, dando relevo e effluencia ás qualidades, que nelle dormiam latentes. Intelligencia solida e robusta, profunda e brilhante coração, subtil augeza de espirito, permitindo-lhe ver rapidamente a apparencia e a realidade das cousas, todas estas essencias condicoes de exito reunia Gilberto. Falava-lhe só a firmeza de deliberrar e a constancia no querer, incapaz de impor a si proprio, resoluções contrarias á sua.

Pouco a pouco, lutando sempre, sempre animado por aquella em cujo amor elle encontrava alento e estimulo, a sua tenacidade venceu. E foi assim, que em breves annos, d'um talentoso, mas quasi desconhecido pluntivo, cujo real valor só apreciavam os raros que o conheciam, o Gilberto se tornou o politico discutido e invejado, que você me pergunta como em tão pouco tempo subiu tanto.

Effeitos do amor, do amor que é e será sempre uma das grandes forças do Universo, do amor interbainal correspondido em que dois corações se fundem, se combinam numa só e ardente aspiração!

Por isso o Gilberto lhe chama a sua Mascotte.

E o seu amor continua florida e viçosa como nos primeiros tempos, sincero porque é sentido, confiado porque é leal, forte porque é recíproco!

Aqui tens a historia simples e verdadeira do nosso Gilberto. Não vi ella causar-lhe agora inveja, e destart vou por ahí em casa de alguma Mascotte. Deixe essa função ao Accaso...

J. C. CALDAS.

Macaú, Rio G. do Norte. — 15-7-1921.

CONSELHOS MEDICOS

Um dos tonicos mais preconizados que ha, em todo o mundo, é o oleo de figado de bacalhão. Essa reputação de que goza, é, realmente, justa, porque elle não é apenas um reconstituinte de primeira ordem, mas um alimento. Entretanto, o oleo de figado de bacalhão é aconselhavel aos convalescentes e enfermos que habitam nas regiões frias, não é o aos que vivem nas regiões tropicaes. O seu uso, entre nós, não deve ser aconselhado, devido aos seus numerosos inconvenientes. A sua digestão é penosa, seja qual for a forma sob que elle se apresente, quer misturada com outras substancias aromaticas, quer como emulção.

Mas, a que deve o oleo de figado de bacalhão as suas qualida-

des como reconstituinte? Ao iodo e ao phosphoro que nelle se contem. O pharmaceutico, sr. Francisco Giffoni conseguiu associar esses dois poderosos agentes, em doses therapeuticas, num producto que reúne todas as qualidades do oleo de figado sem os seus inconvenientes. Esse producto é a "Juglandina", ou xarope iodo-tanico phosphatado.

Use-se, pois, a "Juglandina" em todos os casos em que é aconselhavel o oleo de figado de bacalhão. São bem conhecidas as suas virtudes tonicas, depurativas e anti-croscophulosas. A sua acção é notoriamente efficaç contra o lymphatismo, rachitismo, anemia, croscophulose, tuberculose, diarrrêas infecciosas, affecções pulmonares, amenorrêias, phosphauria, albuminuria, rheumatismo, syphilis. certas doenças da pelle, etc..

A PRINCEZA BIBI

(CONTO DE LUIS ANTONIO DE VEGA, PREMIADO EM CONCURSO)

Jardim encantado no reino indutânico de Baghalpur, decorado profusamente por chrysanthemos trazidos das ilhas nipponicas, magnollas e enredanças de Sérica, fuchsias e begonias de Partia e Assyria, rosas de Judéa e de Jerichó, tulipas de Kin Chen e de Jun Nan, e embelezado maravilhosamente pelo Ganges, que desliza mansamente á hora violeta do crepusculo vespertino, na vizinhança das primeiras sombras. Em meio ao jardim um Buddha de ouro, venturo, solenne e hierático, que parece escutar o infinito com as duas enormes turquezas engastadas nas orbitas. Um palacio de regia e severa construção, de architectura accentuadamente indutânica, pilares quadrangulares terminados em columnas estriadas, sobre que se assenta um capitel. A porta, os soldados do rei Saisunaga fazem escolta aos principes estrangeiros que vieram de terras longinquas pedir a mão da linda princeza Bibi Harihara, herdeira dos territorios fertilissimos que se estendem desde o Thibet até ás arenosas praias de Camorim, e que agora vaga pelo jardim, perseguindo o passaro azul de azas douradas.



... vagava pelo jardim, perseguindo o passaro azul de azas douradas.

do, todo branco, ergue a tromba numa suave interrogação.

O RIO SAGRADO

"Eu fertiliso as terras sagradas do Indostão. Sou o conductor das almas dos fieis aos paraísos que os nossos deuses lhes reservam. Levo em minhas aguas, sempre limpidas, pétalas de rosas de Sirava e galhos olorosos de cedro

das montanhas orientes. Todos os poetas da nossa nação, jamais vencida, tem cantado em seus poemas a minha perenne e imutavel belleza e só na minha imitação é que logram a immortalidade. A lua mira-se em meu seio. As virgens de Kamhaén e de Manghir banham-se em minhas orlas. As pirogas que sulcam o meu dorso fazem-me mais bello embranquecendo-me de espumas. Os Brahmas, os Vichnú e os Sivas, mudos e hieraticos, estão postados ás minhas margens. Nada me falta senão encontrar uma

companheira a quem possa offerecer os meus thesouros sem conta, todo o ouro e marfim que escondo em minhas arcias e a quem possa fazer rainha e sental-a no meu throno. Para ser feliz só me falta o amor."

E o rio vae deslizando por entre as margens floridas, ora socegado e quieto, ora mórnuo e cantante...

A PRINCEZA BIBI

"Não fujas, bello passaro azul de azas douradas! Não me deixes só. Não vás para onde te aguardam os caçadores do meu reino. Eu quero que tenhas por mansão os jardins regios de Baghalpur. Dize a esses estrangeiros, que me vêm tomar por esposa, que nunca eu abandonarei as sagradas terras que o Ganges fertilisa. Não fujas, bello passaro azul!"

Mas o passaro, como uma setta, desaparece entre as nuvens. Bibi pendea a fronte melancolica. Com seus cabellos de ebano ondulando ao vento e perfumando-o, ella permanece ao pé do Rio Sagrado, na margem opposta ao seu palacio, buscando com os olhos uma piroga.

O RIO SAGRADO

"Salve, Princesa Bibi, filha, do grande Saisunaga, das dos paizes gangáridos! Salve! Não se te nublem os olhos de tristeza por não veres piroga ao teu alcance. Põe o teu pé sobre o meu dorso; não receies fundir-te em meu elemento. Vem, e eu te levarei á margem opposta."

A PRINCEZA BIBI

Que extranha melopéa então aos meus ouvidos o Sagrado Ganges! Parece que suas aguas, sempre criçadas pelas brisas ou tumultuadas pelos ventos que descem do cume do Pamiir, ganham vida, adquirirem uma alma igual á minha. Dir-se-ia que as suas aguas me querem levar".

O RIO SAGRADO

"Monta sobre o meu dorso. Vem. Eu posso palacios mais bellos que os das faustosas cidades de Benares e de Bahdút; ouro sufficiente para resgatar todos os sudras e párias; marfim para construir pagodes mais amplos que o topo do Sarnath. A's minhas margens, sempre cobertas de flores, voam bandos de passaros de todas as cores e feitiços; em meu leito nadam peixes a cujo chromatismo o proprio arco-iris teria inveja. Vem, Bibi!"

A PRINCEZA BIBI

"Rio Divino, toma-me, e transporta-me para o palacio de meu pae, o hom Saisunaga, que me espera com impaciencia."

E a bella princeza collocou um dos seus pés numa onda que até a elle se alteara. O rio, formando um turvelino, abraçou-a pela cintura, deu-lhe um beijo humido nos labios de carmim e levou-a suavemente. Aquelle beijo ficou a cantar-lhe nos labios, accentuando por pruridos que a embriagavam. A Princeza, cheia de pudor, córdada toda ella, atravessou o bosque que circumdava o palacio. O elephante, ao vel-a, ergueu a tromba em interrogação.

Alli, na sala de altas cúpulas e altas columnas de marmore, esperam-n'a principes e philosophos estrangeiros. Um delles é amarello como um chrysanthemo e anda enfermo de amor; os outros, brancos e formosos, procedem do Occidente. Todos viram á India para conquistar o coração a Princeza Bibi. O velho rei, com a cabeça afogada na immensa trunfa de linho branco, aguarda o silencio.

O PRINCIPE HERDEIRO DE HU'

"Bronzeada flor da córte de Baghalpur! Estrella rutilante do Meio Dial! Nas veigas que limitam os elevados cumes de Nan-King, fertilisadas pelas correntes magesto-

sas de Yan-tse-kiang, existe um estado asiastico, o mais bello da Séria, que se chama o Reino de Hü. Alli, meu velho pae espera a chegada da Princeza que ha de compartir commigo o aureo throno do meu reino. Os mais bellos lyrios, begonias, fuchias e chrysanthemos enjalam o meu jardim. Mas todas as flores enfermam de nostalgia aguardando a chegada do seu Senhor. Meus subditos se contam por centenas de milhes. Os poetas da minha terra são os que sabem cantar com mais doçura os crepusculos; os musicos batem sonoramente nos seus "gongos". São de porcellana as torres que se alteiam, refulgentes de sol. Dois dragões defendem o throno onde te sentarás ao meu lado..."

UM JOVEN CYNICO DE ATHENAS

"Bella Bibi cór de bronze! Deseja a mui poderosa Republica Atheniense civilisar os teus estados semi-sejvagens; e para lograr esse fim, envia-me a mim, como discipulo de Diogenes. Venho solicitar a tua mão. Não impoñho que vás para Athenas para não te afastar dos teus dilatados dominios; trarei para aqui philosophos e poetas para substituirem os teus fakires e os teus sacerdotes brahmanes. Trarei para aqui estatuas nuas de Venus para substituirem as tuas horrendas estatuas de Siva e Vichnú. Entre nós é grande a differença: tu descendes de reis, eu descendo de moedores falsos; tua mãe foi rainha, a minha dançava nos salões de Alexandre de Macedonia. Os outros teus pretendentes trouxeram presentes que valem imperios; eu trago-te apenas a minha pessoa".

UM JOVEN IBERO

"Princeza Bibi, de cabellos tempestuosos como os mares de Gípiúzkoa, amei-te desde que te vi. Aceita o amor do poeta Euzkalduna, Princeza de Balghapur!"

PRIMOGENITO DO REI DE PHENICIA

"Princeza! passei minha juventude commerciando com todos os povos da terra, e porisso não tive tempo de aprender a Poética e a Philosophia. Em compensação, tenho aqui para te offerter todas as especiarias da industria universal".

O RIO SAGRADO

"Não chores, ó formosa Princeza! Se não amas a nenhum dos Principes, vem commigo. Nenhum homem é digno de ti. Queres ser minha esposa? Minhas aguas azues te levarão ao meu reino. Vem! ao Ganges, que te adora, entra em mim, e eu te farei venturosa e poderosa".

PRINCEZA BIBI

"Estou disposta a celebrar commigo meus esponsaes. Leva-me commigo. Deixa-me que te devolva o beijo que me deste, sagrado Ganges!"

E ella entra nas aguas. O Rio abraça-a, envolve-lhe o corpo branco e arrasta-a para o seu fundo, cantando uma óde de amor. Nessa hora, o rei e todos os amorosos pretendentes, pallidos de susto, procuram a Princeza Bibi por todos os recantos do reino.

Só o elephante, immovel, desenha no ar com a tromba uma immensa interrogação...

DA "ARTE DE AMAR"

de Julio Cesar da Silva.

Se dás um passo em falso e isso motiva
Comentarios e intrigas de pernieiro,
Teu impulso e revolta é bom représae;
Malgrado os erros teus, mantem-te altiva,
Nunca te importes com o desprezo alheio
Contanto que a ti propria não desprezes.



...o elephante, immovel, desenha no ar com a tromba um immenso ponto de interrogação.

Uma mulher por uma perna

Excentricidade ingleza

Ha medicos que têm a especialidade de agravar a enfermidade dos seus clientes e que lhes dão alta deixando-os muito peores do que estavam antes do tratamento.

Não era este, precisamente, o caso do celebre cirurgião dr. Evaristo Rosa. Quando o paciente sahia de suas mãos, ou era um cadáver ou estava completamente curado. Não se cuida, porém, que o merito cirurgião fosse distrahido. Nada disso! Era um maniaço. O exito da operação dependia da sympathia que o cliente lhe inspirasse. O cliente devia, para lhe obter as boas graças, ser insinuante, espirituoso. Uma phrase graciosa, um comentario opportuno... e elle cortava ao paciente um membro qualquer com uma surprehendente pericia. A sua reputação era commentada de diversas maneiras. Uns o apontavam como um artista do bisturi, outros como um carnicero. Uns lhe gabavam a fina sensibilidade, outros lhe condemnavam a crueldade selvagem. Pode-se assegurar, embora isso pareça exaggerado, que certas pessoas experimentavam evidente prazer em deixar-se cortar ou mutilar pelo sabio doutor, entusiastas pela sua risnoza erudição.

Mas desgraçado de quem lhe cahia no desagrado! Mais de vinte vezes em cada trinta, estropiou para sempre os imbecis que não souberam conquistar-lhe a sympathia com uma phrase opportuna.

Afora a sua mania, era um homem encantador. Certo dia em que estava lendo, ao balcão da sua casa, de costas para a rua, a sua "Revista de Medicina e Cirurgia", um homem de aspecto grave e correcto subiu a escada e bateu palmas.

O dr. Rosa, apesar de estar á janella, tinha dado á sua creada esta ordem rigorosa e inflexivel.

— Trabalho. Não estou em casa para ninguém.

Por isso, quando Catharina foi abrir a porta, mostrou-se inflexivel ao cliente desconhecido.

— Não está em casa, disse com carranca e voz secca. Mas o cliente era um desses clientes imperturbaveis e tenazes, de vontade de ferro, a quem é preciso obedecer. Não havia outro remedio senão recebê-lo. Frio, immovel, impassivel, disse apenas uma palavra:

— Espere-sei.

Catharina, arregalando os olhos, recuou, assombrada. E mais assombrada ficou quando o homem, abaixando-se, se sentou tranquillamente no capacho.

A ella veio-lhe a idéa de pedir auxilio á força publica, que estava representada num garboso guarda civil que, naquella momento, commodamente installado na cozinha do doutor, devorava uma canja preparada pela Catharina. Este guarda civil tinha a seu cargo a inspecção daquella rua; mas, para falar verdade, elle não a inspecionava senão alguns minutos, os necessarios para verificar que podia passar despercebido e entrar impunemente pela porta dos fundos, na casa do doutor. Era o que elle fazia diariamente. A inspecção da rua, naquellas de sol, era incommoda, e a cozinha do doutor, com sua parede de azulejos, com os bons vinhos roubados á adega e com a solicitude carinhosa da cozinheira, offercia-lhe um agradabilissimo conforto. O cirurgião estava longe de suspeitar que hospedava em sua casa uma tão importante parcella da autoridade, e que engordava e ganhava cores graças ás suas sopas e ao vinho da sua copa.

A idéa que occorreu a Catharina de ter de buscar o pacifico funcionario e arrastal-o á força até ao vestibulo, deixou-a um momento indecisa. Mas só um momento. A sua resolução foi fechar a porta, dando ao trinco uma volta dupla. Receiu metter em complicação o lindo Romeo fardado. De resto, o tal inglez, com seu bigode enorme e sua estatura de colosso, parecia dotado de uma força sobrehumana.

O inglez, uma vez só atraz daquella porta fechada, sacou do bolso um cachimbo de ambar e espuma quilotada, e começou a fumar. Mes o fumo nem sempre distrahe. Dahi a minutos, entrou a sentir impaciencia. Levantou-se e principiou a dar ponta-pés na porta, um, dois, tres, quatro, cinco... e assim durante quatro e cinco minutos, sem perder o compasso.

Finalmente o dr. Rosa, exasperado, consentiu em recebê-lo.

O inglez, logo que o viu, disparou-lhe a queima-roupa estas palavras:

— Cortar-me esta perna.

— Qual? perguntou o cirurgião.

— A direita.

O medico apalçou, olhou, examinou, obrigou-o a contrahir, umas vinte vezes, os musculos da perna condemnada á ablação, bateu, com o nó do dedo medio, a rótula, para observar os nervos reflexos, e declarou que a perna não podia estar mais sã do que estava e



WINSLET

que elle não a cortaria nem a páo, nem a tiros, nem que o condemnassem á força. Mas, logo que levantou os olhos para attentar na cara do cliente, viu que este o alvejara com um revólver "browning".

O dr. Rosa era calmo, como todos os cirurgiões.

— Sr. inglez, disse, essa sua attitude não me mette medo.

— Cortar, replicou o insular estendendo a perna e levantando o gatilho da arma.

— Não cortarei, nem diante de um regimento inteiro.

— Oh! ser valente você! Mas eu dar-lhe vinte mil libras.

— Não.

— Vinte e cinco mil.

— De modo nenhum.

— Oh! Dar cincoenta mil libras esterlinas.

— Seja quanto fór, não lhe corto a perna. Se me resolvesse a cortar-a, cobrar-lhe-ia o preço da tabella: dois contos de réis.

— Bem. Mim pagar-lhe os dois contos.

— Mas, senhor, com quem tenho a honra de falar?

— Sir James Smithson, e entregou-lhe o cartão de visita.

Os dois homens saudaram-se. Cumprida essa lei de cortezia, Smithson, que não largára o revólver, falou: — Se você não cortar, mim disparar a arma sobre a perna.

— Vou satisfazer o seu extranho capricho. Mas tenha o senhor a bondade de dizer-me a causa desta mutilação voluntaria.

— Não dizer palavra. Cortar!

— Já que assim o quer, corta-l-a-ei.

O subito de sua majestade rei Jorge da Inglaterra, não quiz ouvir falar em narcoticos.

O medico lembrou-lhe o chloroformio, uma injeccão de novocaina, chlorhydrato de quina e uréia, mas o breião, secco, aspero, inflexivel, deitou-se na mesa de operações, accendeu o cachimbo, fixou os olhos no tecto e esperou. E nessa posição permaneceu todo o tempo

que durou a operação, sem que se lhe contrahisse um só musculo da face. Uma vez terminada, guardou o cachimbo no bolso do collete, e falou:

— Oh! viver feliz!

Pagou a quantia convencionada e disse simplesmente:

— "Good evening".

E collocando sob o braço direito uma muleta que trouxera, desceu a escada e embarcou no seu auto.

Dois annos depois, estava o dr. Rosa lendo as "As ampuações celebres", quando a creadinha lhe veiu annunciar mr. Smithson.

— "Good morning", dr. Rosa, exclamou o inglez apertando-lhe a mão. O senhor perdour. Estar cansado e querer sentar-me. Não ser minha a culpa, mas desta perna de páo. O senhor ver que eu ser mais razoavel que na primeira vez.

— Com effeito...

— Agora querer dizer ao doutor porque me fazer cortar a perna. Mim haver encontrado num "five-o'clock" de um amigo, "miss" Edith Primrose, mulher esplendida. Ella ter perna de páo e não querer casar com homem de duas pernas. Então eu cortar a minha perna. Eu casar-me com ella. Mas, uma semana depois de casado, ella fugir com o "chauffeur". Mulher detestavel. Mim soffrer muito.

— Ora, meu amigo! Eva custou a Adão uma costela, e, apesar disso, ainda o atraicou com uma maçã. E' pena que antes da operação não me houvesse o senhor communicado os seus projectos amorosos, porque então eu lhe teria dado um conselho.

— Ah! Sim? e que conselho me dar?

— Bem simples. Deve cortar-se, por uma mulher, tudo o que é susceptivel de crescimento: unhas, cabellos, barba, esses grandes bigodes que o senhor tem... Porém, nada mais — entenda-se bem — nada mais, nem que o seu sonho de amor tivesse tomado a fórma da propria Venus.

— Bom conselho. Mas agora ser tarde...

Fernanda Samette.

O VALOR DA ECONOMIA DOMESTICA

Certas noções de chimica não devem ser desconhecidas; algunos leis physicas não podem ser ignoradas, determinadas reacções não devem ser olvidadas.

Porém não quero um cathedatico: quero uma senhora — e sei que ha entre nós bastante competentes, que saiba, junto ao fogão, expôr praticamente, mostrando como se faz, fazendo.

Exemplo: o sal da cozinha, o vulgarissimo sal, é um alimento de primeira ordem e um restaurador microscopico das nossas energias. Elle é o unico ou quasi unico vehiculo de arsenico, de que tanto carecemos; mas, é preciso dizer, o sal que contem esta substancia é o sal grosso, o sal não purificado; o sal fino, purificado, não contem quasi arsenico e não nos pode ser tão benéfico. Quanto á importancia do sal grosso na alimentação, eu cito, de passagem, a opinião do dr. Pereira Barretto, e por experiencia sua! sei que é capaz de transformar a decrepitude em pliança. Aos proprios animaes costuma-se dar grandes doses desse ingrediente; e, sob a sua acção, tornam-se fortes, vigorosos, gordos e de pelle lustrosa.

A farinha de trigo, faz perder ao trigo quasi 80% do seu valor nutritivo. Devemos moer, ou antes, socar o trigo, poeiral-o e fazermos nós mesmos o nosso páo. Por isso dizem as portuguezas: quem come p'ó de padaria, anda sempre em lazaria.

As panelas estanhadas, contem mercurio ou mesmo chumbo na crosta que as reveste: este em contacto com o choro, que o sal desprende lentamente, póde nos causar pejuizos organicos.

As panelas louçadas desprendem pequenas esquitrolas de louça, que são causa de appendicites.

O vinagre tem acção corrosiva especialmente sobre a do estomago; deve-se evitar o vinagre e preferir o limão.

Em geral, dá-se o seguinte facto, como o que se passou com uma senhora minha conhecida: comprou esta senhora um fogão com seis buracos. A cozinheira, em cada um, collocou uma panela com um guizado qualquer, e assim fez todos os dias. No fim do mez, a senhora gastou seis carcoças de lenha, grande quantidade de gordura, sapólio, etc., e disse-me que os alimentos ficaram mal cozidos, encrenados, por excesso de fogo. Ella soube a coisa...

Cortei-lhe, então, o seguinte caso: na Belgica e na França, posteriormente nos Estados Unidos, as familias adoptam cozinhar com uma só bocca no fogão. Collocam as panelas de modo que se adaptam os alimentos d'abaixo para cima, em ordem decrescente, quanto ao grau de dureza e exigencia de calor: a primeira a sopa, depois os guizados e por ultimo o arroz. Com o calor que se transmite de uma outra panela, ficam os alimentos cozidos com um dispendio seus vezes menor que com as seis boccas do fogão.

Ainda mais: se calcularmos que só o fundo de uma panela

encosta na chamma, avaliamos o pouco consumo de sapólio e sabão para a limpeza.

Este facto, que é expressivo, provocou da parte de uma outra senhora, mãe de um alto funcionario do Estado, esta resposta: Ora que milagre! Eu já faço isso ha muitos annos e com a vantagem de não usar sapólio.

Então nós precisamos esperar pelos francezes e belgas para saber isso? Não é minha senhora, disse-lhe o que a experiencia de muitos annos, lhe ensinou, é necessario que o faça a escola em poucos minutos. E é verdade. No fundo, tudo isso são frioleiras, cozinhas mas, sobre essas cozinhas asentam a bases da economia e do bem estar da familia.

ARTE CULINARIA

Ha um escriptor que escreveu uma bellissima obra sobre o modo de ornar a casa, e nos seus corollarios, diz que a felicidade assenta, de preferencia, onde ha mais gosto no arranjo do lar.

Tratando da cozinha, dos alimentos, vem a pello o seguinte: E é casada com um cidadão que exerce uma profissão sedentaria, professor, advogado, medico, guarda-livros, etc. Bondosa, procura todos os dias, variar-lhe os pratos; hoje, é um cozido; amanhã feijoadas; depois, ensopado, etc. Seu marido cada vez mais se queixa de mal e um males, provenientes da alimentação pesada e pouco digerivel. Torna-se dispectico, doente, mal humorado; e, como sempre acontece, a vida passa a ser um inferno. Mas, se a esposa conhece o valor dos alimentos de poupança que, sem fazer peso, sem dar trabalho ao estomago, são facilmente digeriveis, prepara um "purée" carne em pó, legumes, bananas cozidas, para sobre mesa, e logo os males desaparecem num relance e a felicidade não foge jamais.

Os homens são como peixes, fízam-se pela bocca. A mesa é o seu maior atractivo. Depois dos 40, é uma lastima, têm um olho á cozinha e outro á repartição.

Demais, para preparar um cozido, ou uma feijoadas, o dispendio é enorme e o proveito alimenticio pouco.

Mais vale um abacate, um ovo cozido e uma taça de leite, que um formidavel prato de feijão, ou uma lasca de carne.

Alguns senhores acham que as crianças se deve dar o mesmo alimento que aos adultos; a consequencia é a desordem gastrica, a dilatação do estomago e todo um cortejo de soffrimentos.

Os deus das donas de casa não é que ellas não queiram fazer e, ou tenham má vontade. Não appetenderam; ensinem e vejam se ellas não farão melhor do que o esperado.

Tambem comprar a felicidade por tão pouco...

Nossas patriçias sabem ser intelligentes e dedicadas.

Aprigo Gonzaga.

O PROFESSORADO PUBLICO

E A PERSEGUIÇÃO QUE OS GOVERNOS LHE FIZEM

No funcionalismo publico não ha classe mais desprotegida, mais perseguida e humilhada que o professorado. Uma pobre moça, em S. Paulo, que fez os seus quatro annos de curso, não está habilitada por isso a ser nomeada como adjuncta. Necessita "contar" tempo, ga-

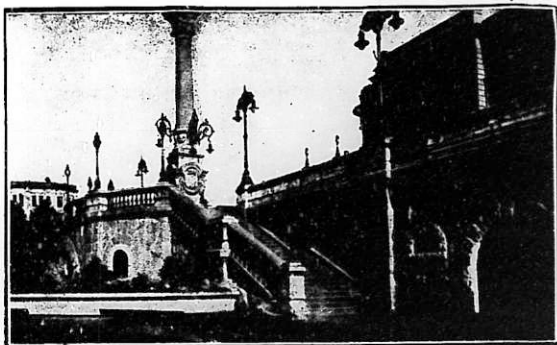
o referido cargo". Não ha melhor estimulo para o celibato do que esse.

A proposito desse malsinado artigo, eis os commentarios que faz o sr. J. Fonseca Ferreira, no jornal "O Piahy", e publicado em Therezina, sob a epigraphe "Porque não casarem as professoras?"

"A illustrada commissão nomeada pelo sr. Governador do Estado — para estudar as causas da decadencia do ensino primario entre nós e apontar os meios de se levar a effeito uma reforma da instrucção, — advoga no seu relatorio, entre outras medidas, a de não poderem se casar as professoras — sob pena de perderem o logar!

Admira semelhante idéa no Piahy — onde o maior embaraço para o desenvolvimento do ensino é a insufficiencia do professorado. A necessidade urgente que temos de diminuir a porcentagem de 89 ou pouco menos, de analfabetos da nossa população é evidente e conhecida por todos

Vergonha das vergonhas! A cifra assombra e desanima. Colloca-nos mesmo em situação deprimente. Revela a nossa incapacidade administrativa e evidencia, por si só, o principal factor do nosso grande atrazo em todos os ramos da actividade humana.



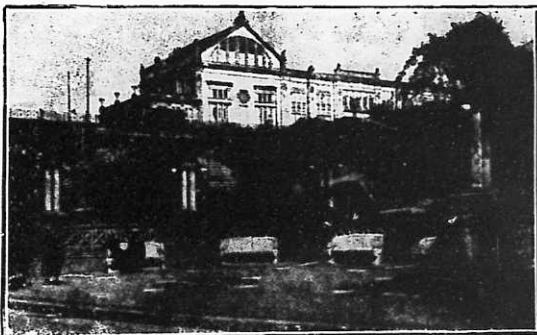
Vistas de S. Paulo. Esplanada do Municipal.

nhar uma ninharia como substituta e submeter-se a concurso para depois ficar habilitada a ser nomeada para uma cadeira na capital. Mas, depois de tudo isso, é tão difficil conquistar essa nomeação, como é impossivel a um homem independente ser eleito deputado.

A professora, durante as quatro horas de trabalho penoso no grupo escolar, não pôde sentar-se para descansar. Para os nossos paes, que presidem aos destinos da instrucção popular, é uma affronta pretender uma pobre moça querer descansar um minuto que seja, durante as longas horas do seu trabalho. Os nossos paes, no interesse de as humilhar, recorrem a todas as affrontas e lhes criam toda sorte de difficuldades.

O que, porém, se faz aqui nada é em comparação com o que se faz no Estado de Piahy. O decreto n. 771, publicado a 6 de Setembro do corrente anno, referente á reforma da instrucção publica daquelle Estado, diz no seu art. 25: "A professora normalista ou não, que se casar em primeiras ou segundas nupcias, per-

derá "ipso facto" o cargo do magisterio publico para que fora nomeada, cumprindo ao director Geral da Instrucção Publica levar o facto da realisação do casamento ao Governador do Estado, logo que elle tenha conhecimento, afim de que seja declarado vago



Vistas de S. Paulo. Trecho do valle do Anhangabahu

E' preciso, portanto, que o actual governo e os futuros façam sacrificios de toda ordem, afim de solucionarem o maior problema entre nós.

Verdade é que o facto do governo ter nomeado a referida commissão — cujos esforços e competencia re-

conhecemos, — mostra a boa vontade e desejos do sr. dr. João Luiz Ferreira, em encarar o assumpto. E se nem todas as medidas lembradas pelos dignos membros da commissão, podem ser classificadas de boas, algumas ha excellentes e merecedoras de toda approvação.

Além de outras, sobresae-se, porém, pela sua originalidade, a que diz que a professora, uma vez casada, perde o direito á cadeira que occupava.

No nosso fraco modo de entender as causas e levando em conta circumstancias do momento, a medida não só seria absurda como contraproducente.

Argumenta-se que nos Estados Unidos é assim que se pratica. E' verdade. Mas a differença do meio é profunda.

Infezimente no nosso paiz só se trata é de imitar e copiar o que se faz lá fóra.

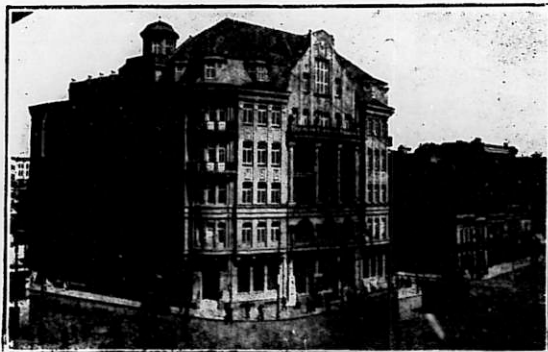
O facto dos Estados Unidos terem adoptado semelhante medida, não indica que possamos copiar-lhe a lição, — dada a differença enorme das nossas condições economicas e sociaes.

Além de ser um paiz de idéas excentricas, por excellencia, têm em excesso o que aqui nos falta quasi que em absoluto.

O espirito de emancipação da mulher norte-americana é conhecido de todos. Enquanto lá as mulheres — casadas, solteiras ou viúvas —, viajam por toda parte sem precisarem da companhia do homem, aqui no Brasil, mormente no Piauhy, as nossas patricias ás

que impossivel uma professora occupar uma cadeira fóra do logar de residencia da sua familia. Nos Estados Unidos uma professora pode leccionar numa distancia de vinte ou mais legoas — e passar ainda parte da tarde e a noite com os seus!

Mas, quer nos parecer, que o espirito da lei norte-americana que prohibe o casamento de professoras, —



Vistas de S. Paulo, Avenida S. João

é o de selecção do professorado e de defesa das moças solteiras e viúvas. Não é a prole que as inhabilita para a escola, pois a lei exceptua as viúvas, embora com filhos.

Dissemos que a medida, se fosse adoptada entre nós, seria absurda e contraproducente.

Pois não será absurdo restringir o povoamento do solo num paiz de população tão escassa?!

O que os nossos governos devem fazer é criar impostos para os solteiros e premiar os casaes de proles numerosas, como já fazem alguns paizes da Europa.

Contraproducente seria tambem porque tiraria todo o estímulo aos candidatos ao professorado publico.

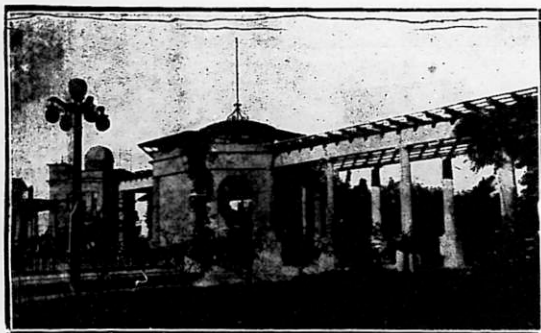
Qual a moçoila que entraria para a Escola Normal, sabendo que o casamento lhe fecharia as portas do magisterio?

Nenhuma por certo.

A nossa estrutura economica e social é completamente diversa da dos Estados Unidos, não nos permitindo assim adoptar as suas leis ou excentricidades.

A medida, lá benefica e productiva, aqui seria contraproducente e fatal: seria o golpe de morte no desenvolvimento do nosso ensino.

E porque não casarem as professoras, se são ellas um dos elementos de que dispõem os governos para a propaganda da necessidade que tem o Brasil de povoar o seu solo? "



Vistas de S. Paulo, Parque do Anhangabahu

vezes nem á rua saem sósinhas! São rarissimos os casos de uma senhorita arrostar os suppostos perigos de uma viagem ou de um passeio sem ser acompanhada do irmão, do pae ou de pessoas de confiança.

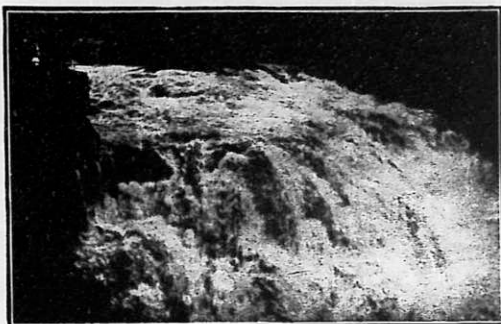
Por outro lado, as nossas grandes difficuldades de transportes e dos meios de comunicação tornam quasi

A Mulher na Sociedade

Acompanhar a vida do esposo, animal-o, educar-o mesmo, aparar as duras arestas, no seu caracter, zelar pelo governo e economia do lar, emfim, tudo justifica o que eu disse a principio — á mulher cabe a parte mais difficil, mais espinhosa, de maior valor, na formação das sociedades e na grandeza da patria.

Justifico-me: quantas vezes os motins sociaes, as greves, as lutas politicas nascem de pequenos problemas caseiros!

A. é um operario; ganha 6\$000 diarios. Sua mulher não conhece a



Ijuhy, Estado do Rio Grande do Sul. Uma das cascatas mais notaveis, com um potencial de 1.000 cavallos de força, onde está sendo construída a usina hydro-electrica para fim de uma instalação de luz e força para a cidade.



Ijuhy, Rio Grande do Sul. Uma bella praça ajardinada

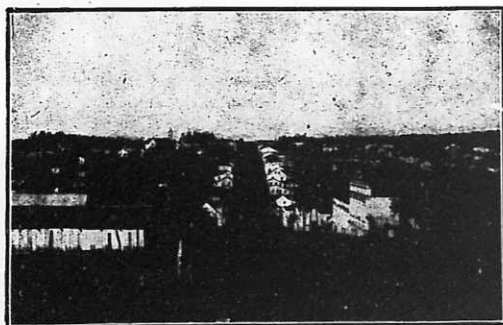
duas restantes para a alimentação. Começa por não gastar mais do que isso; estabelece o regimem dos assentamentos ou rôl das despesas. Faz tudo em casa, para evitar o gasto; porque, como se diz, dinheiro que não sáe é dinheiro que entra.

Na sua casa não ha sobras, porque ella mede, pesa, conta e, como as hollandezas, distribue de maneira que a sua lata de lixo não seja, como é commum, o escoadouro dos bolsos do marido: desperdicio. Diariamente nós vemos o lixo, mesmo de casas operarias, com restos de arroz, feijão, etc. Ella não faz mais

economia domestica, ou não a pratica, e gasta 6\$500 ou 7\$000.

O homem no fim do mez vê que os seus ganhos não dão. Appella para o patrão, pedindo augmento. Esses, cujos lucros industriaes lh'o não permitem, nega. O operario abandona o trabalho, vem para a rua, grita, junta-se aos criminosos, e, dahi nasce a multidão de seitas ou quejandas seitas de bolchevistas, minimalistas, etc.

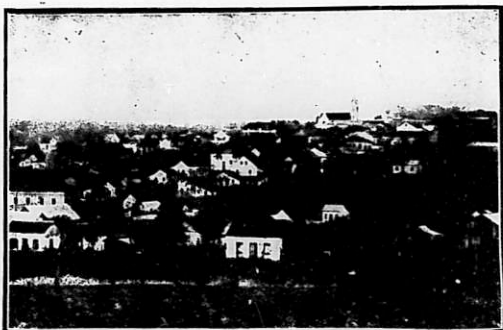
Vêde o contrario: B. é operario, ganha 6\$000 diarios. Sua mulherzinha conhece a economia domestica e a pratica. Divide o ordenado do marido em tres partes. Uma dellas é para o aluguel de casa, e as



Ijuhy, Rio Grande do Sul. Panorama da cidade

do que aquillo que é necessario. Sabe o valor dos restos: os papeis de embrulho, as cascas de legumes e frutas, os barbantes tudo ella guarda, deixa secar e tem combustiveis para um ou dois dias por mez. Todos os dias as gorduras e o sebo da carne são guardados, e, depois de secos, derretidos com agua e um pouco de cinza, tem o sabão de pedra, tão bom ou melhor que o vendido por ahi, molle, derretendo-se atoa e custando um dinheirão.

Que direi dos ossos da carne? Ella sabe que os ossos, bem limpos e lavados, secos ao fogo, para desinfec-tal-os, são moidos e pulverisa-



Ijuhy, vista parcial da cidade



Uma das principaes ruas da cidade de Ijuhy

dos a martello. Com esse producto ella tonifica os seus filhos, dando-lhes uma colheirinha de café de quando em quando para fortalecer os ossos, formar-lhes o esqueleto.

porque, se aos passaros e outros animaes nós damos pó de osso para fortifical-os, tambem os nossos filhos delle precisam. Esse producto é a calceose, que as pharmacias vendem por preço fora do alcance dos pobres, maravilhoso tonico que o lixeiro carrega commumente...

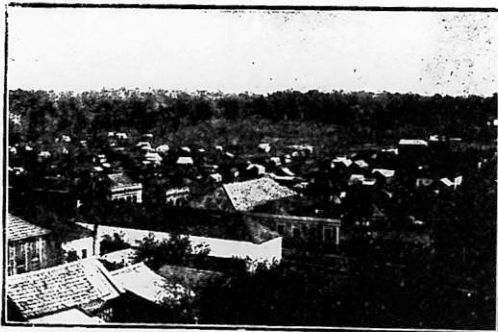
Conheço um professor allemão que está rico, devido ás economias de sua esposa. Certa vez deixou elle um emprego que lhe dava 800\$000

mensaes. e ficou como simples ajudante de professor, com 150\$000. Perguntei-lhe como se arranjou para viver, assim com tamanho desequilibrio. Muito bem: minha mulher, incluindo o aluguel de casa, não gasta 120\$000 e eu ainda guardo 30\$000. Olhe, accrescentou, ella mesma me corta o cabelo, faz as minhas roupas e cria gallinhas. Eu não preciso pedir. Posso esperar commodamente qualquer occupação melhor.

Tudo isso que acabo de relatar pertence á sciencia do lar, áqueilla economia domestica tão descurada, e que é a base do bem estar social."

(Trecho de uma conferencia)

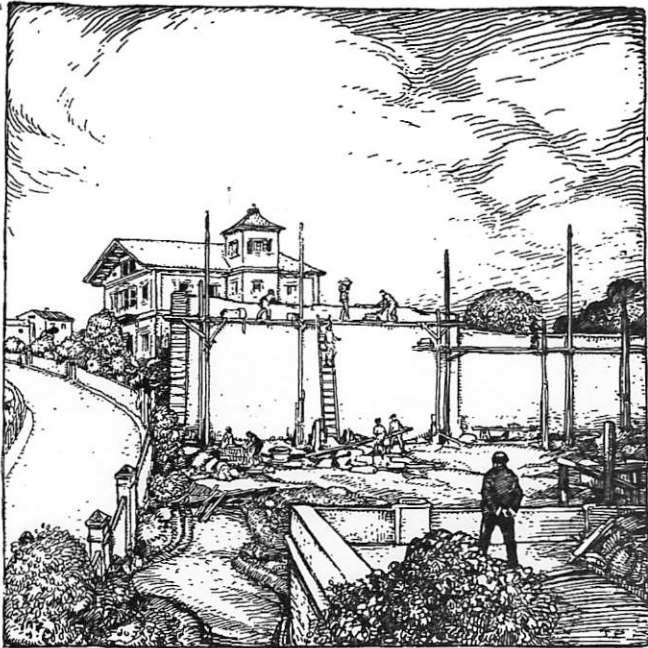
APRIGIO GONZAGA.



Vista parcial da cidade de Ijuhy

O Paredão

Os veranistas que pela primeira vez visitavam aquella formosa villa, muito risonha á beira-mar, sentiam uma viva curiosidade ao contemplar a solida e pesada muralha interposta entre as duas pittorescas povoações edificadas sobre duas collinas que fecham a bahia. Aquelle paredão elevadissimo e feito todo de pedra, dava uma impressão de fortaleza que contrastava com a graciosa frivolidade dos chaletinhos espalhados por toda a praia e com o aspecto mesquinho de todas as habitações. Os habitantes do lugar conheciam, com todos os pormenores, as causas da existencia de tão discordante construção e não se cançavam de contal-as aos forasteiros. Tratava-se de uma historia vulgar, cheia dessa intolerancia e teimosia brutal que caracterisam a indole de muitos dos nossos lavradores e proprietarios ruraes.



Um homem que alli nascera e que dalli se ausentara por largos annos, voltou emfim. Voltou riquissimo, graças ás mil actividades que desenvolveu na capital. Quiz então comprar um grande sitio, no trecho mais pittoresco do littoral, olhando para o mar, construir ali uma quinta e rodeal-a de jardins e pomares. No fundo, elle queria já encontrar edificada a casa e tudo mais, já arranjado e prompto para recebê-lo. O inconveniente não lhe pareceu muito serio.

Alli, ao alcance dos seus olhos, ostentava-se um bonito sitio com sua casa senhorial cuja varanda exterior dava para o mar. Procurou o proprietario e fez-lhe a proposta da compra. A proposta não foi aceita. Augmentou a oferta. Mesma negativa. Triplicou, quadriplicou. Tudo inutil. O dono da casa, um velho lavrador de genio aspero, preferia a posse das suas terras modestas á posse da fortuna que se lhe offercia. De resto, não tinha ambições. Toda a sua felicidade estava limitada pelas linhas divisorias da sua propriedade. Do seu jardim via elle a immensa extensão do mar, a passagem dos transatlanticos, o vôo das gaivotas, e, á noite, gostava elle de olhar o pharol de luz morticã a reflectir-se nas tremulinas d'agua. Estas razões e outras mais invocou-as ao obstinado ricoço para accentuar

o amor que tinha ás suas terras. Pois essas eram as mesmas razões por que o outro queria compral-as.

Outro qualquer, deantê da teimosia do velho, ter-se-ia ido embora; mas o millionario, habituado a triumphar em todos os negocios, sem transigir nunca com a piedade, não se deu por vencido. O obstaculo exacerbou-lhe o genio. Conhecia já quaes eram os attractivos que prendiam o velho áquelle sitio, e tratou então de destruil-os. Para isso adquiriu terras que ficavam exactamente em frente ás do seu visinho; e ao longo de toda a linha divisoria construiu um alto paredão, formidavel e ameaçador como uma fortaleza. Mais alto que o paredão alteava-se o seu palacete.

Aterrado, o velho procurou o seu visinho e indagou o que era aquillo. A resposta foi grosseiramente fria:

— Ou vende-me a sua casa ou acabaram-se para o senhor as lindas vistas para o mar.

O homem, que era brioso, não quiz conceder sob a pressão o que de livre vontade não lhe cedera. Propuzeram acção perante a justiça. Mas, ou porque o novo morador era mais rico ou porque o seu advogado era mais habil, ganhou o processo. Desde então o velho senhor nunca mais viu o mar da sua varanda. O seu jardim, á falta de sol por causa da grande sombra que projectava o paredão,

vivia cheio de limo e de humidade. O ricoço, tempos depois, ausentou-se. A sua doença exigia mudança de clima. Morreu. Como mostra, porém, do visível rancor, permaneceu a enorme parede, separadora de uma casa vazia e abandonada e de outra casa triste e ensombrecida. Esta era a historia que, para satisfazer a curiosidade dos fofaristas, se contava na linda cidadezinha litoranea.

Ào cabo de muitos annos a casa deshabitada recobrou vida. Um filho do millionario, nascido e creado na capital, quiz conhecer aquelle bocado do seu immenso patrimonio e foi visitar a pittoresca cidade.

O antigo dono do sitio sacrificado pelo paredão, morrera havia muitos annos. O moço, com a sua belleza e sua grande elegancia, conquistou facilmente a sympathia dos veranistas.

Certa manhã, muito cedo, viu sahír da egreja uma mocinha que lhe attrahiu de prompto a attenção. O seu primeiro impulso foi segui-la, mas emendou a mão, receioso de ser tomado por indiscreto. Esses recursos não eram necessarios alli. Pela manhã na praia, á noite no Casino de jogo ou em qualquer hora na rua os visinhos se encontravam a cada passo. Se, pois, não vira ainda a formosa mocinha, é porque era uma nova veranista. Cumprira-lhe apenas esperar encontrá-la.

Seus planos falharam. Nem naquella dia nem nos dias successivos viu a desconhecida. Quando já a ia esquecendo, viu-a passar, um dia, pela frente do seu jardim. Elle sahíu no encalço della. Em vão. Estava tudo deserto, tudo solitario. Isto intrigou-o. Aquella moça tinha um ar de doçura, de melancolia, que o captivava. Sua imaginação creou azas. Entrou elle a inventar lendas em torno da moça. Cuidou-a uma princeza encantada e cuidou-se um cavalleiro andante.

— Ora! sou um tolo! pensou, ao ver que se estava deixando arrastar por aquelles devaneios romanticos.

O facto é que se escouo mais uma semana e elle não viu mais a moça.

Um dia, estando em companhia de alguns amigos, viu approximar-se uma silhueta encantadora. Seu coração bateu apressado. Quando a moça passou junto delle deixou por acaso cahir o lequezinho de bambú. Victor inclinou-se para o apanhar; ella, porém, apanhou-o antes delle.

— Obrigada, disse com seccura.

Desgostoso, viu-a afastar-se. Seus modos asperos o desencantaram.

— Não é muito amavel esta menina, observou com um certo despeito.

Seus amigos olharam-n'o um pouco embaraçados. Por fim, um delles, mais audaz, falou:

— Não é de extranhar. E' Zélia, a tua visinha, a que mora na casa dos fundos. E como o pae della e o teu pae... Já o sabes... O paredão...

— Ah! não sabia.

Voltou para casa enfadado. Todos os seus castellos cahiram por terra. Ao atravessar o jardim, deteve-se um momento deante da muralha. Em seguida apressou o passo, e pronunciou baixinho:

— Coisas...

Por uma travessura da sorte, desde o dia em que aquella moça deixou de ser um enigma para Victor, este começou a encontrá-la em toda parte. Isto contrariava-o. Um dia encontraram-se num salão. Uma amiga commum apresentou-os um ao outro. Foi uma saudação cheia de boa vontade por parte de Victor, mas ceremoniosa por parte de Zélia.

Desde então era commum encontrarem-se nos bailes e reuniões. Uma noite, o acaso, que é sempre caprichoso, juntou-os como par num cotilho.

Pouco a pouco o sobrecenho de Zélia se foi desannuviando. Por fim já sorria.

Uma noite, no Casino, um rapaz annunciou que no dia seguinte, ás dez horas da manhã, ia passar pela barra um grupo de couraçados americanos, e que havia de ser um espectáculo encantador.

Todos combinaram ir apreciar a passagem dos couraçados, reunindo-se na praia.

Victor recusou-se ir á praia, objectando que da varanda da sua casa avistava melhor o panorama.

Um moço então falou:

— Já sei que d. Zélia não virá commosco.

— Porque não? indagou ella.

— Porque vae apreciar o espectáculo da sua casa.

A moça abaixou os olhos.

— Não posso. Da minha casa não se vê nada...

Houve um silencio embaraçoso. Victor não dormiu naquella noite.

Os moradores daquelle recanto da linda praia ficaram surprehendidos ao ver, certa manhã, uma vintena de operarios que armavam os andaimes ao redor do muro de Victor e começaram a derrubá-lo.

O paredão ia baixando, desaparecendo... Alguns dias depois Zélia e Victor já se podiam cumprimentar da janella das suas casas.

O resto, já se sabe... Um perdão, um suspiro, um beijo.

O odio velho fóra substituído pelo amor novo.

JOAQUINA ADAO.

O MELHOR DIGESTIVO

As pastilhas do digestivo "Picard", constituídas de pepino, pancreatina, diastasa pura e outros fermentos, são absolutamente efficazes nas affecções do estomago, na dyspepsia, na má digestão, na azia, prisão de ventre, acidez, má halição. É um medicamento maravilhozo e de acção prompta.

Pedidos a esta redacção. Preço: 6\$000 o vidro.



MINHA MULHERZINHA

(EPISODIOS DA VIDA DOMESTICA)

HELLENA EDGARD.

PERSONAGENS: *Edgard, Hellena, um velho criado.*

A scena é dividida em duas. De um lado, gabinete de estudo; do outro, quarto de toilette, do qual só se vê uma parte. Ambos se communicam com o exterior por um balcão e entre si por uma portinha falsa.

Edgard está no gabinete. Veste uma cabala de seda escura com desenhos geometricos. Hellena está ao espelho a retocar a sua toilette. Veste prignoir branco enfeitado de rendas de Chantilly e sapatinhos de setim cor de rosa.

EDGARD (tocando a campainha, a um criado, que assoma á porta) — Traga-me o café, bem quente. Que horas são?

O CREADO — Onze.

EDGARD — A senhora já se levantou?

O CREADO — Está-se preparando. Quer que a chame?

EDGARD — Não. Traga-me tambem os jornaes.

(O criado, sde).

EDGARD — E' exquisito! Eu, que sempre falei mal dos maridos! Emtanto, cá estou casado, chefe de familia... Que coisa engraçada! Muitos dos meus amigos ainda não acreditam que me casei. Pois casei-me, sou outro, sou um regenerado. Fui celibatario convicto até á hora de receber o "conjugo vobis". Bem dizia Machado de Assis que um solteiro é um noivo á mão. Eu achei sempre natural que os outros se casassem, contando que eu ficasse de fóra, como espectador dessa tollice dos outros. Entretanto, não sei como nem porque, zás! fico para sempre comprometido. Se Hellena fosse feia, desagraciosa ou pouco intelligente, nem por isso eu deixaria de casar. Felizmente sahio-me bella, graciosa e intelligentissima. Verdade é que me casei por troca, por pura troca, e é porisso que continuo disposto a interessar-me por todas as mulheres. Foi este o meu proposito durante o noivado... mas sinto que, de uns tempos a esta parte, as mulheres já não me interessam tanto, ou, mais francamente, já não me interessam nada. Hellena está sempre na minha imaginação. E' um encanto a minha Hellena. Tão dedicada, tão boa...

(Ao criado, que acaba de chegar e se mantém á porta).

Estavas a escutar o que eu dizia?

O CREADO — Acabo de chegar. Não entrei, crendo que o patrão falava com alguém.

EDGARD — Falava com o publico, para desculpar-me.

O CREADO — O publico?

EDGARD — Sim, o publico, olha...

O CREADO — E' verdade. E' preciso pôr uma parede alli

para o publico não ver o patrão nem ouvir as suas conversas.

EDGARD — Bem, deixe ahí o café e os jornaes.

O CREADO — Manda mais alguma coisa?

EDGARD — Não, pôde ir embora.

(Sae o criado. Edgard toma o seu café philosophicamente, interrompendo-se a cada passo para falar com o publico. Hellena continúa a apurar a sua toilette, com cuidados minuciosos. Entra e sde com vivacidade, ora em busca de um pente, ora do pé d'arroz, ou... de qualquer coisa).

EDGARD — Realmente, sou quasi feliz. E dizer que casei por troca!



Hellena. — Estou zangada contigo.

(Bebe um gole de café, estalando a lingua. O actor pôde tomar o seu café conforme a sua vontade e appetite. Nisto não deve intervir a indicação do autor. Toma distrahadamente um diario, isto é, finge que o faz distrahadamente, mas na realidade é obrigado a obedecer á marcação).

Ah! se vocês soubessem como me casei! ou, antes, como me casaram!

(Sorri, como recordando um episodio agradável).

Uma noite estava eu na casa da minha namorada. Minha futura sogra acompanhava com os olhos o vôo das mariposas ao redor da lampada electrica, batendo azas contra o vidro e cahindo em seguida sobre a mesa, a debater-se. O que a distrahia é que as mariposas, que assistiam á queda das outras, não punham a barba de molho, e, ao contrario, sentiam-se tentadas a seguir o exemplo. Pelo que, philosophiei que as mariposas são exactamente como os homens: só seguem os máos exemplos. Hellena, ao piano, ia executando uma sonata de Beethoven; eu, em pé, ia viciado de fazel-o a tempo. Verdade é que não sei musica, mas eu guiava-me pela direcção dos olhos da pianista. Verdade é que, tambem, eu estava tão attento a esse esforço, que nem sei se ella tocava bem ou mal. De repente, Hellena interrompe-se, corre para a mãe e diz-lhe: "Mãe, Edgard vae pedir-te a minha mão. Não é verdade, Edgard? Como vamos ser venturosos! Elle, mãe, ainda não disse que me ama, mas olha-me de uma fórmula em que deixa transparecer tanto amor..."

Hellena mentia provavelmente, porque eu sempre a olhei como olho todas as mulheres. Quiz pol-a á bulha, desconversar. Ella piscou-me o olho, como a significar que tudo era brincado. Ficou, pois, tacitamente convencido que continuaríamos noivos por troca. A situação é muito engraçada. Uma coisa que não posso explicar é a alegria que

sentem as moças quando ficam novas; gostam de exhibir o novo como bicho exótico e parecem obrigar os transeuntes a olhar para elle. Eu, a principio, sentia-me embaraçada. Depois habituei-me a esse papel de animal de exhibição, sobretudo porque era agradável a Hellena.

Um dia, ao jantar, entregando-me a metade de uma maçã em que já tinha enterrado os dentinhos, disse-me: "Casar-nos-emos no fim deste mez. Está resolvido. Quero ver-te vestido de casaca. Deves ficar muito elegante. Se não arranjares casaca, não me caso". Eu, para bolear com ella, respondi: "Deus me livre! Só me casarei de jaquetão de flanelle creme. Os dias são tão quentes e a sala do registro civil é tão abafada! Ella bateu palmas de alegria. "E' melhor assim, tens razão". Eu, pois, não me parecia com os demais noivos. Eu era-o por brincadeira. Se tentasse sel-o a serio, cuidoo que o não conseguiria.

Depois, é o que os senhores vêm... Sou feliz. Não sei, mas parece-me que nasci para esta vida tranquilla, methodica, sempre igual, e, entretanto, sem fastio. E' como se me deixasse dormir refrescado por um ventosinho fresco, que quizera fosse eterno.

HELLENA (*olhando-se ao espelho*) — Creio que assim estou bem. Não gostaria que elle me surpreendesse desarranjada. Tão exigente que elle é em questões de toilette! Mas é um trapalhão. Não conhece o nome ás fazendas, confunde cassa com mol-mol e pensa que todas as fazendas brilhantes são sedas. Um desastrado. Eu tambem não entendo nada das suas coisas. Uma vez levei para o meu quarto uns autos forenses pensando que era uma comedia em manuscrito. Agora o meu Edgard deve estar mettido entre os seus livros enormes. Que raiva tenho a esses livros! A's vezes tenho vontade de entrar na bibliotheca e espatifar tudo aquillo. Mas, não. Elle é tão serio em suas coisas! E tem razão. Quem não ficará serio deante de uns livros tão grandes?

(*Abre a porta e olha.*)

Não está! Terá sahido? E sem se despedir! Ah! está uma coisa que não posso perdoar.

(*Descobrendo-o, sentado ao balcão exterior.*)

Pobresinho! Lá está elle, a pensar em mim, com certeza. Edgard (*virando-se para ella e descendo*) — Bom dia, querida. Pensei que te tinhas esquecido de mim.

HELLENA — E bem merecias. Estou zangada contigo, sabes?

EDGARD — Isso é grave. Bem, vejamos o que é e porque.

HELLENA — Porque é um tontinho.

EDGARD — Que lastimal! Gosto tanto que digas tolices, e agora começa por dizer-me uma coisa séria. Mas conta lá da tua zanga.

HELLENA — E' porque supuz que tinhas sahido sem te despedires de mim.

EDGARD (*com uma dignidade offendida*) — Oh! julgaste-me capaz disso, Hellen!a!

HELLENA — Não, palavra, mas occorreu-me. O teu gesto diz bem o quanto me queres. Ah! Edgard, eu queria dizer-te quanto te quero, mas não posso, não tenho geito. Só sei exprimir-me por meio de sorrisos e beijos.

EDGARD — Então? E' quanto basta.

HELLENA — Não achas pouco?

EDGARD — Não, acho muito.

HELLENA — (Sentado no sofá forrado de couro, desses em que a gente se afunda deliciosamente) — Vocês homens, sabem dizer as coisas de uma forma tão imperiosa... Eu acredito muito em ti. Parece-me que, quando me dizes: "quero-te", é como se disesses a unica verdade que ha na vida. Mas tu, realmente, és um semsaborão. Capriches tanto na minha toilette... Olha, isto aqui, é renda legitima de Malines. Entretanto, não falas nada, não dizes se achas bem...

EDGARD — Não te disse nada para não repetir todos os dias a mesma palavra que me occorre quando te vejo: "linda".

HELLENA — Obrigada. Só tenho uma censura a fazer-te. Preferia que me desses mais attenção. Ha horas no dia em que tenho uma immensa saudade de ti, uma vontade de entrar por aqui a dentro para te abraçar te encher de carinhos. Mas estás sempre ás voltas com esses calhamaços, e tão serio, tão sizado, que eu recio, sem animo de te interromper.

EDGARD — E fazes bem, meu anjinho. Estes calhamaços são realmente muito serios. São elles que garantem as tuas vaidades e o teu bem estar. Se não fossem elles, tu não estarias a gabar, como fizeste, as tuas rendas de Malines, porque terias de vestir estopa.

HELLENA — Credo!

O CREADO (*entrando e entregando a Edgard um cartão*) — Foi um creado que o trouxe. Tem resposta?

EDGARD (*que leu o cartão depois de um curto silencio*): Diga-lhe que esta tarde irei eu mesmo ao hotel.

HELLENA (*com uma curiosidade toda feminina*) — Deixa-m'o ver, sim?

EDGARD — Não, filha.

HELLENA (*subitamente triste*) — Devéras?

EDGARD (*com simulada gravidade*) — Não.

HELLENA (*baixa a cabeça para esconder uma grande lagrima que lhe baila nos olhos*). — Está bem. Perdo-me, Edgard.

EDGARD (*com ternura*) — De que? Se tudo que fazes é tão bom...

HELLENA (*apaixonada*) — Edgard!

EDGARD — Hellen! Como linda estás! mais do que nunca! Não imaginas quanto amo estas lagrimas, porque ellas fazem com que sejas mais minha. (*Mostrando-lhe o cartão*) Olha, é de um amigo que voltou do estrangeiro.

HELLENA (*sem olhar*) — Não, creio-te. (*Apóia a cabeça ao peito de Edgard e olha-o com olhos infinitamente meigos, como só sabem olhar os anjos*) — Não posso dizer-te como te quero!

EDGARD — Sabes de uma coisa? Tens os olhos mais maravilhosos que tenho visto.

HELLENA — Gostas?

EDGARD — Muito.

(*Edgard vai fazer um carinho, mas recia á entrada do creado.*)

O CREADO — E' o sr. Fernando, que deseja falar-lhe.

EDGARD — Faça-o entrar.

HELLENA — Vaes recebê-lo aqui?

EDGARD — Não, vou ao encontro d'elle para recebê-lo no vestibulo. Já vou. (*Ao creado*) não saias d'aqui. Espera-me. (*Sae Edgard. Hellen!a acompanha-o com a vista.*)

HELLENA (*ao creado*) — Diga-me uma coisa: acha-me bonita?

O CREADO — A senhora é muito linda.

HELLENA — Diga-me agora outra coisa: quer muito ao Edgard?

O CREADO — Se lhe quero? Oh! muito! Foi quem me salvou.

HELLENA — Tens filhos?

O CREADO — Tive um, que morreu.

HELLENA — Pobresinho! Os filhos não deviam morrer.

O CREADO (*com uma profunda tristeza*) — E' certo.

HELLENA — Deve ser terrivel assistir á morte de um filho.

O CREADO — E' certo, é certo.

HELLENA — E sua mulher?

O CREADO — Morreu tambem.

HELLENA — De que?

O CREADO — De tanto trabalhar.

HELLENA — De tanto trabalhar?

O CREADO — Pois então! Nós, os pobres, não temos direito a outra coisa.

EDGARD (*entrando, ao creado*) — Ouça. Vá correndo á casa de meus paes e diga-lhes que venham jantar comigo. Diga-lhes que festejo o meu primeiro exito profissional. (*Sae o creado*) Estou muito contente, muito contente. (*Reparando em Hellen!a*) Mas... vejo-te triste, exactamente agora que estou tão contente!

HELLENA (*desequilibrando-se d'elle*) — Edgard, não temos direito á nossa felicidade.

EDGARD (*muito terno*) — Mas que te aconteceu, querida?

HELLENA — O creado contou-me a sua historia. Pobresinho! E pensar que ha muitos como elle!

EDGARD (*abraçando-a com immensa ternura*) — E' certo, é certo. Somos uns egoistas. Deviamos preocupar-nos um pouco mais com os outros.

CAE O PANNÓ.

LIVROS NOVOS

CINZAS: PO'... poemas de Aplecina do Carmo, edição da Casa Mayença, S. Paulo, 1921.

É este um livro destinado a grande successo, pela elegancia primorosa da edição e pela excellencia da materia que contém. D. Aplecina do Carmo, entre as mulheres intellectuaes do Brasil, occupa um logar de excepcional destaque. É uma poetisa de grande envergadura, e que tem, ao serviço do seu grande talento poetico, uma lingua ágil e rica e um raro senso de medida. Ella arregimentou-se, desde logo, entre os novos esthetas, tendo, porém, o profundo bom senso de não os acompanhar no desvario em que elles extravagam, mantendo a sua arte numa justa medida quanto á fórma e quanto ás idéas. Em rigor, ella adoptou das novas correntes poeticas apenas a liberdade da fórma e o rythmo livre. Com esses elementos de novidade, sem recorrer a outros mais, logrou ella realisar as mais encantadoras originalidades. "Cinzas: Pó..." é um livro intenso, cheio de ardor, que parece escripto ao correr da penna, tão facilmente se succedem as emoções e se encadeiam as idéas. Um livro magistral.

Aqui vai ao acaso este soneto em versos alexandrines, que tem por titulo um ponto de interrogação:

Eu vivo a interrogar e ninguém me responde!
Nem do vento o gemer, nem o choro da vaga,
Nem a floresta muda, onde o echo se esconde.
Porque esta incerteza em mim nunca se apaga?!

E esta doida pergunta aqui da terra onde
Sopra furioso o vento e passando azorraga
Formosa arvore azul, vergando a verde fronde,
Que açoita no passar e a folhagem esmaga:

Esta doida pergunta á duvida inclemente
Envio sem cessar. E a duvida na aragem
Ruge e no seu rugir, vai a cantar fremente...

E eu sigo interrogando, ao passar pelo monte,
A' pedra, ao rio, ao pó, á tristonha folhagem.
Se existe alguma coisa além deste horizonte?!

ALMA PATRICIA, de Luiz da Camara Cascudo, Natal, Rio Grande do Norte, 1921.

Luiz da Camara Cascudo é dos novos intellectuaes do Norte do Brasil um dos melhores exemplos de estudo e perseverança, duss qualidades que não se encontram na maioria dos escriptores da nova geração, mal preparados pelos arremedos de instrução dos Gymnasios e Faculdades Livres, e muito convencidos da superficialidade do estudo deante da ignorancia encyclopedica da epocha... Camara Cascudo estuda, e sua produção revela-nos o desejo de ser util. "Alma patricia", seu novo volume, é interessantissima critica do movimento literario do Rio Grande do Norte. São paginas impressionistas, manchas espontaneas, que revelam a esthesia de seu autor, e seu modo particular de sentir. Em critica vai de muito o subjectivismo. "O povo" exprime a relatividade dos juizos humanos sobre este ou aquelle assumpto com seu conhecido esphorismo: Quem ama o feio bonito lhe parece, ou ainda, chita não ha feia nem bonita... Eis porque quando se lê um livro de critica não se deve indagar se as afinidades do autor são ou não são as nossas. A pesquisa deve versar a individualidade do critico, seu modo de sentir, sua percepção artistica. Da passagem desses elementos subjectivos depende o valor do livro. Nenhum autor, pelo menos enquanto vivo, tem tido a unanimidade dos louvores criticos. E ai della se a obtivesse! Seria sua morte em vida, a ausencia de estimulo, a pasmaceira, a estagnação, o apodrecimento.

A questão, pois, nesse genero de literatura é, apenas, de saber se tem o criterio as qualidades de analysta que se exigem para tal mister. A leitura de "Alma patricia" parece responder affirmativamente aquella indagação. Ha agudos e incisivos lances de olhos que revelam a argucia do observador.

Ha toques robustos de boa tinta. Alguns trechos com muito boa luz. Não digamos somente bem para não parecer que fazemos mal o officio. Nota-se no livro muito tumulto de mocidade, certa confusão de sangue ainda espumante, e muito abuso de lingua-gem com neologismos de varia forma, e construcções abstrusas. É a ancia de originalidade das almas novas e vibrantes. Mas ha um principio geral de harmonia geometrica do Cosmos que deve reger todas as formas do movimento. Dentro della se renovam os rythmos, porque sem ella nada se sustem. Se algo podemos desejar a seu estylo é que se convenha nos bons moldes, nos unicos que tem resistido e vão resistindo ao tempo. A alma dos moços é como a do vinho novo: espumante, quente, ainda fervida de fermentações: a idade vai tornando os vinhos mausos e as almas accomodadas. Com mais alguns annos Luiz da Camara Cascudo terá ganho aquella suave calma que hoje lhe parecerá bolor de rotina... C.

URUPÉS, contos de Monteiro Lobato, setima edição, 21.º milheiros, São Paulo, 1921.

Os editores srs. Monteiro Lobato & Comp., no interesse de pôr as suas edições ao alcance de todos, resolveram, de uma fórma surpreendente, o problema do livro barato, offerecendo ao grosso publico fartos e nitidos volumes a \$500 o exemplar. Esta nova edição popular, que, seja dito de passagem, nada deixa a desejar como elegancia e perfeição typographica, foi iniciada com os "Urupés", o livro de maior successo das letras nacionaes. Nenhum livro, em nosso paiz, alcançou ainda sete edições, isto é, vinte e um mil exemplares em tres annos. O seu exito foi tão rumoroso, que repercutiu na Argentina e noutros paizes da America Hespanhola, onde os "Urupés", esplendidamente traduzidos para o castelhano pelo distincto escriptor argentino sr. Benjamin Garay, estão fazendo a sua carreira triumphal.

CEOS, versos de Rocha Ferreira, edição da Typographia Arlindo Alves, São Paulo, 1921.

Dentre os poetas da nova geração, o sr. Rocha Ferreira é um dos que mais sérias promessas fazem ao futuro. Apesar de muito moço, ainda não se libertou das velhas formulas, e apraz-se em vencer difficuldades de technica, recorrendo a rimas ricas e, consequentemente, a difficuldades de construcção grammatical e de estrophisação. Ao contrario do que é permitido aos artistas, elle revela esse esforço a cada passo, tornando, não raro, difficil a intelligencia dos seus versos. Quando, porém, por acaso, se deixa o poeta arrastar pela inspiração e não a torce para obtenção de certos effeitos, revela-se então verdadeiramente o poeta que é, cheio de ardor e de uma delicada sensibilidade. O sr. Rocha Ferreira tem muito talento, e o seu livro, como era de esperar, até sendo honrado unanimemente pela critica.

JOÃO DO NORTE, Casa de Marimbondo, contos, edição de Monteiro Lobato & Comp., S. Paulo, 1921.

João do Norte é um dos nossos mais fecundos escriptores e um dos mais brillantes. Moço ainda, pois, parece, pouco mais tem que trinta annos, já publicou quasi uma trintena de volumes sobre os mais varios assumptos. "Casa de Marimbondo" é uma collecção de contos regionaes cuja acção se passa no Ceará. Todos elles são interessantissimos, prendendo de prompto a attenção dos leitores e entretendo-a através da narração.

A edição dos srs. Monteiro Lobato & Comp. é, como todas, muito cuidada, recommendando-se pela excellencia do papel, pela nitidez da impressão, pela elegancia do volume e, o que mais é, pela commodidade do preço.

REVISTA FEMININA

JARDIM DAS CONFIDENCIAS, versos de Ribeiro Couto, edição de Monteiro Lobato & Comp., S. Paulo, 1921.

Este é um poeta que se não deve confundir com a pleiade. É um poeta áparte, que tem mais alma, mais sensibilidade, mais delicadeza que os outros. Seu "Jardim das Confidências" é um livro que, apesar de pequeno, não pode ser lido à pressa, de um flego, como se diz, porque cada estrophe, cada verso, cada couplet, pela graça que encerra ou pela sugestão que desperta, obriga o leitor a meditar, a suspender os olhos da página por momentos para gosar uma beleza entrevista ou um sonho invocado.

Leiam as leitoras "O desejo da mão":

E' leve a minha mão... Leve... Com que leveza a penna reproduz, quasi que sem ruido, mal tocando o papel aberto sobre a mesa, o rythmo emocional que me canta no ouvido!

Como a despelstar lentamente uma rosa, a minha mão enamorada quando escreve tem uma languidez de caricia amorosa... Olha, vê como escrevo... A minha mão é leve

Não reparaste! Ao ler-te um livro ingenuo e doce, si minha mão te aponta um pensamento lindo, toma o getto da mão da enfermeira que fosse acomodar no leito um doente dormindo.

E esta mão que é tão leve, esta mão que é tão boa, tem um desejo... Mas a pobre mão se atreve... Desejo de ficar sob a tua... Perdoai! Era para sentir que a tua ainda é mais leve.

A LINGUA NACIONAL, notas aproveitáveis, por João Ribeiro, edição de Monteiro Lobato & C., S. Paulo, 1921.

Este livro do illustre polygrapho sr. João Ribeiro, parece estar a indicar, pelo titulo, que o autor acha que ha uma lingua nacional, diferente do vernaculo, em que elle produz a sua farta e excellente literatura e em que é um dos mestres mais autorisados. Para evitar que tal se pense, declara elle, antes de entrar no amago do assumpto, que o titulo geral que coordena as paginas do livro é exaggerado, e que o livro devera chamar-se "Notas aproveitáveis", endereçando-se á curiosidade dos estudiosos do idioma portuguez na America. É um livro interessantissimo que deve ser lido por todos os estudiosos.

FIGURÕES VISTOS POR DENTRO, estudos de psychologia social brasileira, por Simão de Mastua. Edição de Monteiro Lobato & Comp., S. Paulo, 1921.

Os que se interessam pelas coisas politicas do nosso paiz e pelos figurões que têm occupado cargos de governo, encontrarão neste livro paginas de grande entretenimento. O autor conhece de perto intimamente os nossos pro-homem, e conta-nos da sua vida pormenores e anedotas que nunca vieram a publico. Não é só isso, entretanto, que reside o interesse do livro, mas na maneira como sabe o autor entreter a attenção dos leitores com o seu estylo fluente e com o seu humorismo.

A edição dos srs. Monteiro Lobato & Comp., é muito bem cuidada, e um fino trabalho typographic.

Recebemos mais e agradecemos:

Associação das Senhoras Brasileiras, do Rio, acompanhada da lista da sua installação, assignada pelo secretario sr. Conego José Gonçalves de Rezende.

Reformas necessarias del Código Civil Comum Peruano, pela doutoranda em jurisprudencia, sra. Miquelina A. Acosta Cárdenas, tendentes a fazer effectiva a egualdade civil e juridica do homem e da mulher. Trata-se de uma these interessante que foi magnificamente exposta, onde ha novas jurisprudencias que urgem ser estudadas e postas em pratica.

Brazilian American, revista semanal em portuguez e inglez, Estados Unidos da America do Norte, numero relativo a Agosto.

O problema da mendicidade, pelo sr. Felício Buarque, Poços de Caldas. Trabalho de immensa importancia e oportunidade, publicado sob os auspicios da Associação das Damas da Caridade.

La Familia, revista moral, instructiva e recreativa do lar domestico, Barcelona, Hespanha.

La voz de la mujer, revista quinzenal dedicada á defesa e protecção da mulher, Madrid.

Um esclarecimento ás mães brasileiras e á nossa sociedade, artigo de combate do sr. A. Carvalho contra a Associação Christian dos Moços e a Associação Christian Feminina.

Vozes de Petropolis, magnifica publicação quinzenal religiosa, scientifica e literaria.

Alma Feminina, órgão do Conselho Nacional das Mulheres Portuguezas, Lisboa.

Novella Semanal, magnifica publicação da Sociedade Editora Olegario Ribeiro, de S. Paulo. Numero relativo ao mez corrente.

O Itiberé, esplendido mensario de arte e litteratura, dirigido pelo sr. Zenon Leite, Paranaçu.

Revista Souza Cruz, sempre variada e esplendidamente collaborada.

Los Vecinos, de Los Angeles, California, America do Norte. Números de Julho e Agosto.

El Comercio, editado pela Publishing Corporation, de New York.

Attivita Femmine Sociale, revista mensal do Conselho Nacional de Senhoras Italianas, dirigida pela senhorita Ida Magliocchetti, Roma.

Rassegna Nazionale, Roma.

La mujer y la casa, Buenos Aires.

El amigo del campo, revista popular de agricultura, dirigida pelo engenheiro agronomo sr. Miguel U. Reategui, Arequipa, Perú.

Cromos, revista semanal illustrada, Bogotá, dirigida pelo sr. Luis Tamayo.

Cultura Venezolana, revista mensal sob a direcção do sr. José A. Tagliaferro, Caracas, Venezuela.

Nuestra causa, revista mensal, órgão da União Feminina Nacional. Directora sra. Julia Garcia Games, Buenos Aires.

El Iris, órgão do Centro Social "Juventud Chonense". Chone, Ecuador.

Redención, revista mensal feminista, Valencia, Hespanha.

Las mujeres del Siglo XX, revista quinzenal defensora dos direitos da mulher. Directora, sra. Mercedes Sola. S. João de Porto Rico.

Revista Odontologica Brasileira, publicação trimestral de S. Paulo sob a direcção do sr. Raymundo Reis.

Diario de La Costa, sob a direcção do sr. Gustavo Macia del Castillo, Cartagena, Republica da Colombia.

La Reconquista, semanario catholico, Colima.

El Anunciador, Cartagena, Republica da Colombia.

Restauración, de Guadalajara, Mexico.

A Folha Medica, publicação quinzenal, Rio, sob a direcção do dr. Bruno Lobo.

Correo Mercantil, primeiro numero de um excelente jornal de informções commerciaes, forenses, bancarias e de interesse geral. S. Paulo.

O bordado moderno, revista mensal de bordados e trabalhos em roupas brancas, edição da Empresa Lilla, Editora Internacional. S. Paulo.

A Garça, magnifica revista illustrada, dirigida pelos conhecidos homens de letras Alceu Dantas Maciel, Cléomenes Campos, J. Prado e Figueiredo Junior. S. Paulo.

Pequeno tratado theorico e pratico para extincção da saúve e outras pragas da lavoura, excellent livro de consulta para os lavradores. S. Paulo, 1921.

A Serrana, revista mensal de Viçosa, Estado de Alagoas, dirigida pelo sr. Alvaro de Barros Monteiro.

Uniformisação dos processos do ensino da leitura, magnifica these do sr. Clemente Quaglio, professor de Pedagogia e Psychologia Experimental. S. Paulo, 1921.

Academia Planhyense de Letras. Recepção do academico sr. Mathias Olympio. Discursos memoraveis do recipiendario e do academico sr. Hygino Cunha.

JARDIM FECHADO

(Nesta secção publicaremos pequenas communicações de nossas leitoras, bem como produções literárias que não excedam de 60 linhas em prosa e 14 em verso.)

É' nosso intuito desenvolver assim o gosto literário entre as leitoras e facilitar-lhes uma correspondência útil e interessante. As produções literárias deverão ser assignadas, sem o que não serão publicadas.

CARTA ABERTA

LUCY. — Fazes-me ciúmes, sabes? Será, então, possível que te sintas feliz, ali, longe da gente, longe dos que te são caros? Isso é ter bem ingrata! Escreves os teus contos... e já não precisas de mais nada, de mais ninguém... É' plenamente feliz! Deverás que não te reconheço. Extranhéi muitíssimo o não teres, na tua cartinha, falado sobre o que passou entre ti e meu irmão. Lucy, será cegueira fraternal, será pela minha grande vontade de te chamar "irmã" que eu sempre acreditei quizesse unir a tua vida à de Carlos, será?

O pobre mano tomar tão grande taboa! O suppoz. Que triste anda elle desde então! Só o vejo mais animado, quando me vem mostrar alguma critica elogiando os teus bellos trabalhos. Como se interessa, o pobre, pelos teus triumphos! Lucy, escaça por um instante ser eu irmão do rapaz que quiz ser teu noivo — noivo que regeitaste — e diz, somente à tua amiga, a causa desse "não" tão duro, tão amargo e que a tanta gente fez.

Tu o estimas e o conheces tão bem... Lucy, Lucy, que magua a nossa! A tristeza de meu irmão fez escurecer o azul da minha felicidade. E eu a tinha tão completa... Meu marido e meu filho davam-m'a inteira.

Com immenso pesar vejo, agora, ter eu minha culpa em tudo isso. Pouco antes, Carlos me perguntára:

— Laura, es mereceste tanto? Estás bem certa que ella me quer? Respondi-lhe que sim. E me enganhei.

Só mais tarde, passou-me pela cabeça que nunca te falsi das pretensões de Carlos. Porque não o fiz?

Não sei, parecia-me cousa tão certa...

Hoje, minha amiga, eu quasi creio como os outros.

Foi, certamente, alguma desillusão a causa daquelle teu eterno desagrado do mundo. Eu quero crer estar enganada. Também, as vezes, me faço uma pergunta. — Não pensará ella em se casar?

Mas não, isto não, eu não quero. Não o quero, minha querida, e recio teres, talvez, esta triste idea. Acólherias com agrado, ao menos sem tedio, um quasi conselho que te vou dar, Lucy?

Não sei si para o homem também o é mas para a mulher, a ventura consiste em ser muito querida, em ser amada, em se sentir num ambiente todo affeição, todo ternura. Eu recordo, aqui, as palavras de tua mãe: "Toda mulher nasce já com um dever a cumprir. — Crear um lar."

"Aquella que, por ventura, por um capricho, o deixa de fazer não é bem mulher". Queira Deus este pensar seja também o teu.

Enquanto somos moças tudo corre bem. Mais tarde nos faltarão os pais.

Entraremos nessa idade, meio velhice, onde nos esquecemos um pouco de nós mesmas.

E é ali que soffremos a nossa solidão.

Nessa idade, é preciso revivermos em alguém.

E é em nossas filhas, então as nossas vidas, os nossos sorrisos as nossas lagrimas, que nós nos vemos como num espelho.

Pedida si te caeteito advogando uma causa tão cara para mim, si insisto numa assumpto que não te agrada, E' tão justo que-remos e batalharmos pela ventura de um irmão querido, inda que seja preciso irmos colhe-la junto a uma estrêla do Céu! Accenta as sandices da tua

Laura.

S. Paulo, Agosto de 1920.

O PERIGO DO LUXO

(Episodio actual)

(A scena representa um gabinete luxuoso. Cortinas, flores raras, bibelots, Dinorah e Heitor, sentados em divans riquissimos, conversam.)

HEITOR (muito calmo) Bem vês, Dinorah; hoje não te posso satisfazer, o que muito me penalisa; estou indolidado e...

DINORAH (nervosa) Deixa-te de conversas; eu quero a sinda "barrette" que está na vitrine da "Joalheria Moderna", ou então...

HEITOR (paciente) Escuta, minha querida; não sabes as contas que tenho a pagar? ouve...

DINORAH (colérica) Não promigas. Bem conheces os meus caprichos; não irei ao baile de Mme. Suzel sem aquella joia que me fascina; perderei o juizo se não a obtiver, podes crer.

HEITOR (delicado) Estás nervosa, Dinorah, e por isso não sabes o que dizes. Queres que chame a credora para trazer-te um calmanete? ("Solicito, procura acarinhal-a. Ella levanta-se, enraivecida.")

DINORAH — Impacientes-me sobremodo. Se amanhã não me trouxeres a "barrette", requiro o divorcio...

HEITOR (afflicto) Mas... queres então arruinar-me?

DINORAH (chorando) Quando eramos noivos, dizias-me que tudo farias por mim! entretanto a bagatella de 800000, agas-me!

Ah! nunca tivesses eu sahido da casa de meus paes! Matam-me, Senhor!

("Batem. Minutos após, e creada, n'uma salva de prata, apresenta ao patrão diversos enveloppes fechados. Elle abre-os e empalidece mortalmente...")

DINORAH (assustada) O que tens? estás incommodada? HEITOR (tremulo e vacillante) Vês? Os credores apresentam as suas contas exigindo prompto pagamento. O teu luxu, Dinorah, leva-nos fatalmente à desgraça; como evitarmol-a?

DINORAH (cabisbaxa e arrependida). Assim, Heitor; es desprezando a vaidade. Tu sempre bom e delicado, perdendo-me o mal que te causai. E seremos felizes. Perdás-me? ("Elle abraça-a demoradamente enquanto desce o pano.")

Carminha de C. Lima

Matta de S. João.

RIVAESI...

No limiar da quadra feliz, onde começam os infantis ha'quelles, formoso rouxinol, pousando nos delicados hombros da loura Maria sussurrou-lhe meigo, o segredo de sua melodia.

Aos oito annos, na canção de "Margarida", prematuros gorjeos brotavam da garganta privilegiada.

"Quem canta, seus pesares suppanta". Maria, desafiado risarios de harmonia cantava sempre. Em suavisimo sorriso, alegres notas emergiam, quaes gottas crystallinas de maravilhosas cascata.

A menina torna-se moça. Então, sua voz, muitas vezes, poema de saudade, evola-se e qual lagrima sentida vae orvalhar o tumbão distante, do pae adorado! Maria canta e o seu cantar deliciosamente encanta!

O rouxinol, envergonhado, enciumado, não quer mais cantar de dia...

Nioy.

Escuta mamãe! Olha o canhão



É' NATURAL que as creanças desejem brincar com os seus paes; elles são seus melhores amigos e companheiros. Si a s e n hora se sente triste, cansada e aborrecida, e si o ruído, que seus pequenos

fazem causam-lhe nervosismo e fella ficar de mau humor, é certo, que seus rins estão enraquecidos e que não funcionam bem, por ter no sangue demasiado acido urico, sendo então seu dever, procurar alguma coisa para o eliminar immediatamente. Nunca creia a senhora que as dores nas costas são naturaes de seu sexo em alguns periodos; toda senhora, devera passar os periodos mais criticos sem dor alguma. Si têm dor nas costas, o motivo d'ella acha-se nos rins que se encontram atormentados com o excessivo trabalho e portanto necessitam ajuda.

As Píluas de Foster para os Rins, são para esses orgãos unicamente. Todos os seus ingredientes são puros e não contém drogas de especie alguma que possam prejudicar o organismo. Têm ajudado a milhares de pessoas, por mais de 50 annos. Na localidade que a senhora reside têm dado magnificos resultados. Si sente dores nas costas ou outros symptoms do mal renal, não vacille um momento, e dirija-se immediatamente à primeira pharmacia que encontre e compre um vidro de Píluas de Foster para os Rins.

At venda em todas as pharmacias. Solicite nosso folheto sobre as enfermidades renaes, que nós l'ho remetteremos absolutamente gratis.

FOSTER-McCLELLAN Co.

CAIXA POSTAL 1962

RIO DE JANEIRO

CARIDADE

A' Alice Cotta.

Era tardinha. Os ultimos raios do sol corovavam os cimos dos montes, mandando á terra o seu adeus.

Sahimos eu e minha irmã para goarmos a frescura da tarde. Caminhavamos a esmo, quando eis que se nos depara uma criancinha loira e de olhos azues, porém, esfarrapada, a pedir-nos uma esmolinha. Perguntamos pela sua mamãe, e nos disse apontando para um casobre esturacado:

"— Está deitada naquella casa e muito doente; como tem fome e não temos nada para comer, me disse: 'Ivette, pede a alguma alma caridosa, mas, pede pelo amor de Deus porque assim ninguem te nega'. E como estava enganada! As duas primeiras pessoas a quem pedi, negaram-me, sendo o ultimo o vendedor da esquitina, disse-me: 'Se quizer comer vá trabalhar, que não estou para sustentar vadios'."

Perguntamos por seu paes e nos disse que morrera ha 4 annos, deixando-os na miseria, mas que sua mãe trabalhava até não ter mais forças. Cozia noite e dia para ganhar o seu sustento. E os olhos da pobre menina estavam rasos de pranto.

Pedimos que nos acompanhasse até sua casa, o que fez promptamente.

Quanta miseria! Quanta pobreza! e a pobre mãe estava como cadaverica!

Contou-nos a viuva sua vida, suas horas de amargura, seus receios de morrer deixando só aquella anjinho que era a sua consolação, entregue a este mundo cheio de corrupções.

Consolamos a pobre mãe, demos-lhe todo o dinheiro que tinhamos na bolsa e promettemos voltar sempre e se caso Deus a chamasse, cuidaríamos de seu amor, de sua filha.

Lagrimas de contentamento assomaram de seus olhos, cobriu-nos de agradecimentos mandando a Ivette beijar nossas mãos, dizendo: "Foi nozso, boa mãe do Cen, Iveta, aquella mãe de misericordia de quem tó fao tanto, que guiou teus passos para encontrares estes dois anjos consoladores."

Despedimo-nos e regressamos á casa, contentes por termos cumprido o nosso dever consolando aquella afflicta mãe.

VEDA.

A RAZÃO E O CORAÇÃO

De que me serve um terno coração
Se o destino traçou-me um fado horrivel?!
Se devo soffocar uma sifociação
Ante a dureza atroz de — um impossivel?!!

Quizera, Senhor Deus, ser insensivel
Ao sabor acre-doce da paixão!
Se tenho em meu caminho um — impossivel
Se entre o dever e o amor se ergue a razão!

Devo, pois, sopitar a aspiração;
Em nada devo crer, em nada esperar,
Terei sempre em martyrio o coração!

Jesus, meu bom Senhor, que cousa horrivel!
O coração me diz: "eu quero e quero".
Diz a razão: "bem vêa, não é possivel!"

Camella Branca

DOMADORA

A' bellezinha do Ponte Nova

Esta que tem os labios cor de rosa
E os contornos do corpo tão galantes,
Esta mulher de fronte magestosa
Froccadora de paixões vibrantes;

Esta que vive a vida venturosa
Dos anjos, das estrellas scintillantes,
Que, la do céu, da concha luminosa
Velam com grandes olhos fulgurantes;

Esta que vae deixando nas estradas
As multidões freneticas ardendo
Nas chammas bravas das paixões iradas

Esta afinal que vibra um ser desleito
E' a domadora do Leão tremendo
Que se agita na jaula do meu peito.

1-1914.

SYLVIO MIRANDA.

CONFIDENCIAL

Outros — não eu — te podem dar, por certo
Blusas de seda, sapatinhos caros,
Trazer-te o peito de rubis coberto,
Coberta a fronte de adereços raros.

Outros — não eu — podem trazer-te perto
Os marmores bellissimos de Paros,
Mostrar-te da opulencia o céu aberto,
Pretendendo-te um brilhante os pulsos claros.

Oh flôr humanisada: não me illudo...
Outros, de certo, podem dar-te tudo
De fino que ha terra e que ha no mar.

Uma cousa porém eu te asseguro:
Amor como te del, tão grande e puro,
Ninguem na terra poderá te dar.

NARALDINO LIMA

JARDIM DAS CONFIDENCIAS

De RIBEIRO COUTO

E' um livro encantador, rico da verdadeira poesia. Querem ama mostra? Leiam esta joia:

A MOÇA DA ESTAÇÃOZINHA POBRE

Eu amo aquella estaçãozinha socegada,
aquella estaçãozinha anonima que existe
longe, onde faz o trem uma breve parada...
Na casa da estação, que é pequena e caida,
mora, a se estiolar, uma menina triste

A' chegada do trem, semi-erguendo a cortina,
ella espia por traz da vidraça que e encobre.
Muita gente do trem para fóra se inclina
e olha curiosamente o rosto da menina,
tão anonima quanto a estaçãozinha pobre.

O trem parte... Ficou na distancia, esquecida,
e estaçãozinha... e a moça triste da janella...
Mas vae commigo uma lembrança dolorida...
Quem sabe se a mulher esperada na vida
não era aquella da estação, não era aquella,
aquella que ficou lá para traz, perdida?

BELLISSIMA EDIÇÃO EM OPTIMO PAPEL "LIBRARY
TEXT" COM CAPA DE DI CAVALGANTI

Pregos: 35000

Pedidos a Monteiro Lobato & C.ª — Editores
Rua Boa Vista, 52, Sobrado, S. Paulo



ESPECIFICO da GRIPPE
EUCCEINA
WERNECK
FAZ ABORTAR a INFLUENZA, VENHA
OU NÃO ACOMPANHADA DE FEBRE



Vida feminina * * * Arte e Ciências e Letras

A aviadora Holland em S. Paulo

A celebre aviadora franceza Adrienne Holland, que veio fazer uma vooz a S. Paulo, incumbida officialmente pelo governo francez da promozanda da aviaçao franceza, tem realisado admiraveis factozas, entre as quaes a perigosa travessia dos Andes, cujos pormenores já publicamos nesta secçao. Ella, apesar de ser muito jovem, pois conta apenas 24 annos, tem mostrado, no ariscado sport a que se dedicou, uma coragem irreprehensivel.

Um dos reporters do "Estado de S. Paulo", que a foi visitar, obteve della as mais interessantes informaçoes a proposito dos seus vooz.

Eis a curiosa palestra: "Fomos procural-a no "Hotel Victoria", onde ella nos recebeu em uma salinha particular dos seus aposentos. Querlamos, senhorita, antes de tudo, algumas informaçoes sobre o seu programma nesta capital.

— Pois sou obrigada a dizer-lhe que eu mesmo ainda nada sei. Preciso, em primeiro lugar, installar-me definitivamente: a unica coisa que lhe posso affirmar é que a minha intençao é voar...

— Mas, quanto tempo pretende demorar-se!

— Cerca de um mez, mais ou menos; ainda não estou com os meus planos completamente assentados. Talvez mesmo relisse um "raiz" a Buenos Aires.

E sua mão e sua physionomia exprimiam a incerteza em que vive um aviador, ou um aviaçao, cujas decisoes são sempre tomadas de rompanche, sem muito ponderar os prós e os contras, os riscos e perigos.

— E qual sua impressao, pergunçamos, sobre a aviaçao no Brazil!

— Estou ha muito pouco tempo aqui para poder formar um juizo a esse respeito. Da aviaçao brasileira só vi, até agora, o aerodromo do Guariba. Verdade é que os senhores possuem ali um bellissimo campo, perfeitamente montado e destinado a ser um grande centro de aviaçao. A unica coisa que sinto é que não haja mais aviadores que o arroveitem.

Parce-me que ainda não ha, no Brazil, principalmente na massa da populacao, um interesse muito marcado pela aviaçao. Em Franca, por exemplo, um aerodromo está sempre cheio de pessoas que vão lá expressamente para voar ou ver voar. E mesmo na Argentina, o povo pareceu-me interessar-se muito mais pelas coisas da aviaçao. Assim, em Buenos Aires, o campo de aviaçao está a mais de 20 kilometros da cidade, e todas os dias estava cheio de espectadores. Emfim, é esta uma simples impressao, pôde ser que me engane.

— E enorme, não é verdade, o impulso que a aviaçao vem tomando depois da guerra?

— De facto, é enorme a actividade empregada hoje em dia, na Franca, em materia de aviaçao; mas totalmente diversa, em seus aspectos, do que existia no tempo da guerra. Durante a guerra, tudo estava concentrado nas mãos dos militares; ou melhor, todo o mundo era militar. As fabricas só trabalhavam para o governo e todos os dias os jornaes noticiavam as proezas dos "azes". Hoje em dia, a situacao é quasi inversa: o milite naturalmente a haver a aviaçao militar, mas ninguém fala della.

Trabalha muito apagada no rameirão que é a vida dos exercitos em tempo de paz. Os "azes" foram todos demobilizados; uns não vão mais (esta é a grande maioria), outros, como Fonck, vão por dietantismo, e poucos ainda praticam a aviaçao como um meio de vida.

O exercito nel, mesmo mantem escolas para o ensino dos seus soldados. Os pilotos militares são todos instruidos em escolas civis, pagando o governo a quota de 20.000 francos cada piloto que lhe é entregue. Só ahí é o soldado incorporado ás fileiras. O governo entende ser mais vantajoso fomentar um vasto desenvolvimento da aviaçao civil do que elle proprio se occupar da construcçao dosapparelhos, fazendo parte directa da industria de aeroplanos, que, durante a guerra, nas mãos dos particulares, tanto ajudou para a victoria final.

O momento pertence, pois, á aviaçao civil, allás grandemente auxiliada pelo governo. O sr. Laurente Eyraud, ministro da aviaçao, tem auxiliado a aviaçao de uma maneira incomparavel. Já instituido premios, que são um estimulo bastante grande para os aviadores, que, na maioria pilotos das differentes fabricas, não tem as despesas que acarrastam a compra e a manutençao de um aeroplano; já subvencionando todas as linhas regulares de serviço de passageiros, como sejam as linhas Franca-Rumania, Pariz-Londres, Pariz-Bruxellas, e uma nova linha que vai ser brevemente criada entre Marsella e Genova.

Por seu lado, a Societé Nationale Aerienne, que é uma instituicao official, tem prestado os maiores servicos ao desenvolvimento da aviaçao. Esta sociedade mantem, em cada cidade da Franca, um campo de aviaçao, devidamente localisado nos mapas, com mecanicos, handvers, guazolina permitindo ao aviador viajar sem outras difficuldades, a não ser a obrigacao de pagar um diminuto direito de aterragem.

Como o senhor vê, é enorme o movimento, hoje, da aviaçao em Franca, como tambem nos demais paizes europeus. Será uma creaçao artificial, se quiserem; mas os governos comprehendem perfeitamente toda a importancia da aviaçao civil, que, com suas fabricas, seus engenheiros, seus pilotos, forma o ambiente imprescindivel para a propria existencia da aviaçao militar.

— Contudo, o maior estimulo para a aviaçao, ainda são os concursos e as corridas?

— Não ha duvida alguma; e isto tanto para os aviadores como para os constructores. Estes esforçam-se por ganhar os premios; aquelles em apresentar typos sempre mais perfeitos de aeroplanos. Assim é que em Franca são disputadas annualmente di-



Do especialista francez Dr. Ed

Picard

O Digestivo Picard, de Pepsina, Pancreatina e Diastasa, constitue a unica formula racional e natural para combater e eliminar as affecçoes do estomago. Em sua composiçao entram os fermentos digestivos naturaes mais activos do nosso organismo, que, juntando-se com os alimentos, os fazem digerir com grande facilidade e rapidez.

NÃO TEM RIVAL

para todas as formas de dyspepsia nervosa, flatulenta e atonica, e elimina rapidamente todos os desagradaveis symptoms das doencas do estomago, taes como: máo habito, nervosidade dôca de estomago, lingua suja, nauseas, ardor e máo gosto na bocca, resfriamento das mãos e enfiões, prisão do ventre, magreza e irritaçoes da pelle. Milhares de pessoas têm-se curado de antigas gastrites e tisis intestinaes. Constitue um meio admiravel para a administracão dos Ioduros, Bromuros e Salicilatos. A' venda nas drogarias. Unico depositario:

LOUIS S. CURT. — Caixa Postal, 1875. — RIO DE JANEIRO

veras provas. como a taça "Gordon Bennett", o "Prix Michelin", etc., e todos os annos realisa-se o celebre "meeting" de Monaco, para hydroaviões.

— Ainda recentemente, falleceu em França um grande millionario, que deixou toda a sua fortuna para que fosse criado um novo premio, em substituição á taça "Gordon Bennett" definitivamente conquistada para os francezes por Sadi-Lecolste. E a taça "Deutsch de la Meurthe", do nome do seu criador.

— A aviação tem progredido muito desde o tempo da guerra? — "Propriamente não. O grande progresso da aviação data de aquellos tempos. Hoje não existe mais aquella necessidade premente de fazer novos aperfeiçoamentos, que existia, quando, nella-se dizer, a victoria dependia em grande parte, da aviação. É certo que a aviação tem feito progressos. Mas os typos ainda hoje em uso são os mesmos que se usavam em 1912, o "Newport", o "Spad", o "Breguet" e tantos outros.

Os norteamericanos, por exemplo, na "Coupe Gordon Bennett", apresentaram uma série de typos de aeroplanos (que allás foram desclassificados porque não podiam satisfazer ás exigencias da corrida) que tinham o merito de ser absolutamente originaes, como, por exemplo, aquelle que recollhia o "train d'atterissage" durante o voo. Tais aeroplanos ainda não podem ser considerados como tendo qualquer valor pratico. Mas quem sabe se dahi não surgirão invenções que revolucionem tudo quanto se conhece em materia de aviação. O mesmo se póde dizer do extraordinario "recorde" de velocidade, batido por Sadi-Lecolste: 375 kilometros por hora! É fantastico, mas é preciso a gente ter bem pouco amor á pelle para fazer facanhas dessa especie.

— Eu, pessoalmente, só voo no meu "Caudron" G. 3. Não digo que seja a ultima palavra em materia de "progresso", mas é o unico aparelho que se póde considerar seguro; e, de facto, o "Caudron" não apresenta perigo algum.

— Todavia, nunca travessas como a das andes, não se póde falar em segurança. — Naturalmente ha perigos, mas o facto de a gente ter confiança no aparelho é já uma grande coisa. A principal difficuldade, num empreendimento dessa ordem, está em encontrar-se bom tempo. Na travessia dos Andes o perigo reside, sobretudo, nas tempestades de neve, que ergam completamente o aviador colhido por ellas. Perigo este tão grande, que eu era obrigada a dirigi-me por entre as montanhas.

— Ah! mas a senhorita não voava por cima dellas? — Não. Logo ao levantar o voo, em Montaña, ganhei altitude, pois os kilometros contrafortes dos Andes se elevam, numa parede abrupta sobre a planície, á altitude de 2.200 metros. Transpostos esses contrafortes, avistam-se, já em baixo montanha, as montanhas menores, valles e gargantas, toda uma paisagem arida e bruta. Surge, então, a segunda, a mais terrivel encosta de montanhas. Transpostos esses contrafortes, avistam-se, já em baixo montanha, as montanhas menores, valles e gargantas, toda uma paisagem arida e bruta. Surge, então, a segunda, a mais terrivel encosta de montanhas.

— Levantámo-nos, agradecendo, em quanto ella, amavelmente, nos acompanhava. Elegantemente vestida para o janitar, um pouco morena, os olhos azertos, e o gesto rapido, ficou-nos da interpição evadidora a visão de uma moça viva e captivante.

— Quando a senhorita principiou a voar, certamente teria sentido alguma emoção differente... — Não creio que, pelo facto de ser mulher, eu tenha tido impressões differentes das que são communs a todos os aviadores. Eu, pessoalmente sempre achêi a aviação uma coisa simplissima. Todo o mundo faz da aviação uma idéa terrivel, quando ella não passa de uma coisa muito natural. É como lhe disse, hoje em dia, a aviação offerece uma grande segurança. A não ser que a gente queira realisar facanhas extraordinarias, quasi impossiveis, póde-se dizer que os perigos não são simplesmente os imprudentes.

— Não ha muito tempo que pratica a aviação? — Foi brevetada no dia 6 de Fevereiro de 1920, na escola de "Le Crotoy".

— O que não impede, respondemos, que a tenha innumeros "records". Sim, eu fui a primeira mulher a fazer o "looping"; fui a primeira mulher que atravessou a Mancha, e sou detentora do "record" feminino de altitude e de duração de voo. A minha travessia da Mancha produziu muita discussão, principalmente na Inglaterra. Os inglezes dizem que não tinha sido eu a primeira mulher a atravessar aquella canal! Em 1912, dizem, elleis, uma norte-americana já havia feito essa travessia. Nunca ninguém soube nada da tal americana... Afinal, ficou provado que ella havia atravessado a Mancha, mas... como passageira. Foi eu, pois a primeira mulher a atravessar a Mancha, pilotando um aparelho.

— Todavia, nunca travessas como a das andes, não se póde falar em segurança. — Naturalmente ha perigos, mas o facto de a gente ter confiança no aparelho é já uma grande coisa. A principal difficuldade, num empreendimento dessa ordem, está em encontrar-se bom tempo. Na travessia dos Andes o perigo reside, sobretudo, nas tempestades de neve, que ergam completamente o aviador colhido por ellas. Perigo este tão grande, que eu era obrigada a dirigi-me por entre as montanhas.

— Quando a senhorita principiou a voar, certamente teria sentido alguma emoção differente... — Não creio que, pelo facto de ser mulher, eu tenha tido impressões differentes das que são communs a todos os aviadores. Eu, pessoalmente sempre achêi a aviação uma coisa simplissima. Todo o mundo faz da aviação uma idéa terrivel, quando ella não passa de uma coisa muito natural. É como lhe disse, hoje em dia, a aviação offerece uma grande segurança. A não ser que a gente queira realisar facanhas extraordinarias, quasi impossiveis, póde-se dizer que os perigos não são simplesmente os imprudentes.

— Não ha muito tempo que pratica a aviação? — Foi brevetada no dia 6 de Fevereiro de 1920, na escola de "Le Crotoy".

— O que não impede, respondemos, que a tenha innumeros "records". Sim, eu fui a primeira mulher a fazer o "looping"; fui a primeira mulher que atravessou a Mancha, e sou detentora do "record" feminino de altitude e de duração de voo. A minha travessia da Mancha produziu muita discussão, principalmente na Inglaterra. Os inglezes dizem que não tinha sido eu a primeira mulher a atravessar aquella canal! Em 1912, dizem, elleis, uma norte-americana já havia feito essa travessia. Nunca ninguém soube nada da tal americana... Afinal, ficou provado que ella havia atravessado a Mancha, mas... como passageira. Foi eu, pois a primeira mulher a atravessar a Mancha, pilotando um aparelho.

— Todavia, nunca travessas como a das andes, não se póde falar em segurança. — Naturalmente ha perigos, mas o facto de a gente ter confiança no aparelho é já uma grande coisa. A principal difficuldade, num empreendimento dessa ordem, está em encontrar-se bom tempo. Na travessia dos Andes o perigo reside, sobretudo, nas tempestades de neve, que ergam completamente o aviador colhido por ellas. Perigo este tão grande, que eu era obrigada a dirigi-me por entre as montanhas.

— Levantámo-nos, agradecendo, em quanto ella, amavelmente, nos acompanhava. Elegantemente vestida para o janitar, um pouco morena, os olhos azertos, e o gesto rapido, ficou-nos da interpição evadidora a visão de uma moça viva e captivante.

— Quando a senhorita principiou a voar, certamente teria sentido alguma emoção differente... — Não creio que, pelo facto de ser mulher, eu tenha tido impressões differentes das que são communs a todos os aviadores. Eu, pessoalmente sempre achêi a aviação uma coisa simplissima. Todo o mundo faz da aviação uma idéa terrivel, quando ella não passa de uma coisa muito natural. É como lhe disse, hoje em dia, a aviação offerece uma grande segurança. A não ser que a gente queira realisar facanhas extraordinarias, quasi impossiveis, póde-se dizer que os perigos não são simplesmente os imprudentes.

— Não ha muito tempo que pratica a aviação? — Foi brevetada no dia 6 de Fevereiro de 1920, na escola de "Le Crotoy".

— O que não impede, respondemos, que a tenha innumeros "records". Sim, eu fui a primeira mulher a fazer o "looping"; fui a primeira mulher que atravessou a Mancha, e sou detentora do "record" feminino de altitude e de duração de voo. A minha travessia da Mancha produziu muita discussão, principalmente na Inglaterra. Os inglezes dizem que não tinha sido eu a primeira mulher a atravessar aquella canal! Em 1912, dizem, elleis, uma norte-americana já havia feito essa travessia. Nunca ninguém soube nada da tal americana... Afinal, ficou provado que ella havia atravessado a Mancha, mas... como passageira. Foi eu, pois a primeira mulher a atravessar a Mancha, pilotando um aparelho.

— Todavia, nunca travessas como a das andes, não se póde falar em segurança. — Naturalmente ha perigos, mas o facto de a gente ter confiança no aparelho é já uma grande coisa. A principal difficuldade, num empreendimento dessa ordem, está em encontrar-se bom tempo. Na travessia dos Andes o perigo reside, sobretudo, nas tempestades de neve, que ergam completamente o aviador colhido por ellas. Perigo este tão grande, que eu era obrigada a dirigi-me por entre as montanhas.

— Levantámo-nos, agradecendo, em quanto ella, amavelmente, nos acompanhava. Elegantemente vestida para o janitar, um pouco morena, os olhos azertos, e o gesto rapido, ficou-nos da interpição evadidora a visão de uma moça viva e captivante.

— Quando a senhorita principiou a voar, certamente teria sentido alguma emoção differente... — Não creio que, pelo facto de ser mulher, eu tenha tido impressões differentes das que são communs a todos os aviadores. Eu, pessoalmente sempre achêi a aviação uma coisa simplissima. Todo o mundo faz da aviação uma idéa terrivel, quando ella não passa de uma coisa muito natural. É como lhe disse, hoje em dia, a aviação offerece uma grande segurança. A não ser que a gente queira realisar facanhas extraordinarias, quasi impossiveis, póde-se dizer que os perigos não são simplesmente os imprudentes.

— Não ha muito tempo que pratica a aviação? — Foi brevetada no dia 6 de Fevereiro de 1920, na escola de "Le Crotoy".

— O que não impede, respondemos, que a tenha innumeros "records". Sim, eu fui a primeira mulher a fazer o "looping"; fui a primeira mulher que atravessou a Mancha, e sou detentora do "record" feminino de altitude e de duração de voo. A minha travessia da Mancha produziu muita discussão, principalmente na Inglaterra. Os inglezes dizem que não tinha sido eu a primeira mulher a atravessar aquella canal! Em 1912, dizem, elleis, uma norte-americana já havia feito essa travessia. Nunca ninguém soube nada da tal americana... Afinal, ficou provado que ella havia atravessado a Mancha, mas... como passageira. Foi eu, pois a primeira mulher a atravessar a Mancha, pilotando um aparelho.

— Todavia, nunca travessas como a das andes, não se póde falar em segurança. — Naturalmente ha perigos, mas o facto de a gente ter confiança no aparelho é já uma grande coisa. A principal difficuldade, num empreendimento dessa ordem, está em encontrar-se bom tempo. Na travessia dos Andes o perigo reside, sobretudo, nas tempestades de neve, que ergam completamente o aviador colhido por ellas. Perigo este tão grande, que eu era obrigada a dirigi-me por entre as montanhas.

— Levantámo-nos, agradecendo, em quanto ella, amavelmente, nos acompanhava. Elegantemente vestida para o janitar, um pouco morena, os olhos azertos, e o gesto rapido, ficou-nos da interpição evadidora a visão de uma moça viva e captivante.

— Quando a senhorita principiou a voar, certamente teria sentido alguma emoção differente... — Não creio que, pelo facto de ser mulher, eu tenha tido impressões differentes das que são communs a todos os aviadores. Eu, pessoalmente sempre achêi a aviação uma coisa simplissima. Todo o mundo faz da aviação uma idéa terrivel, quando ella não passa de uma coisa muito natural. É como lhe disse, hoje em dia, a aviação offerece uma grande segurança. A não ser que a gente queira realisar facanhas extraordinarias, quasi impossiveis, póde-se dizer que os perigos não são simplesmente os imprudentes.

"Percore, actualmente toda a zona do Estado de Minas, cortada pela E. F. Central do Brasil, este serviço desta folha, a nossa unica viajante nesse Estado, senhorita Antonietta Braga".

— Ela mais uma corajosa brasileira que se empenha pelo trabalho honesto e dignificante, das péas que emaranham os passos de nossa evolução feminina. A todos os ramos de actividade social está concorrendo a mulher brasileira, e em todos elles está dando prova de sua capacidade de trabalho, de sua dedicação, e, principalmente, da sua honestidade.

O trabalho masculino entre nós, cabia pela indolencia, pelo desinteresse, e pela desonestidade, parte de perennes desfaçanhas. Elle, agora, terá que melhorar e que se recompor diante da consequencia da mulher, e animar, ao influxo deste novo elemento social, talvez se melhore, igualmente, nossa moral... Este é o fim do bom, do sáo, e do intelligente feminismo.

A mulher nas repartições publicas Tomaram posse, ha dias, do cargo de feis literarias do thesouro da Administração do Circulo de Santos, a exma. senhorita Fray Neves e a sra. d. Laura Narbonne.

É a primeira vez que Santos conta numa de suas repartições publicas, com o concurso do elemento feminino. A nomeação e consequente posse das duas funcionarias postas, causou, por isso, grande admiração, visto, que até á presente data, o concurso do elemento feminino se tem limitado tão somente á direcção de agencias de pequeno movimento, em municipios sem importancia.

Para trabalhar, porém, á semelhança de qualquer outro funcionario postal na barafunda dos expedientes e na contabilidade — esta é a primeira vez, em Santos, que o elemento feminino presta seu concurso ao serviço publico federal.

O trafico das mulheres e creanças A Assembléa da Liga das Nações approvou a convenção relativa ao trafico das mulheres e creanças, tendente a garantir a segurança das mesmas, que viajam sem protecção, procurando trabalho em paizes estranhos.

O representante da França, sr. Hanotaux, propoz que se consultassem, antes, os governos que têm de ratificar o projecto. Essa proposta foi combatida pelos srs. Lafontaine, Balfour, Ador, Mota e Vári Svindem, este ultimo representante dos Paizes Baixos e Ador, do Panamá.

Posta em votação, foi finalmente rejeitada por 25 votos contra 3. Votaram a favor os delegados de Cuba e de Venezuela.

A mulher na Central do Brasil Encerrou-se, na Central do Brasil, a inscripção do concurso de auxiliar de redacção do projecto de conferente para preenchimento das vagas existentes no respectivo quadro.

O numero de candidatos inscriptos para auxiliar de escripta subia a 441, sendo que destes, 240 já são empregados, da estrada.

Para praticantes de conferente o numero era de 220, sendo que 123 já são praticantes de conferentes sem concurso.

No numero de candidatos extranhos á estrada, ao cargo de auxiliares de escripta, figuram as seguintes senhoras e senhoritas: Maria Nazareth Hungria, Eugenia Carneiro da Silva

Yvoné Labarte, Aurora dos Anjos, Marianna Velloso do Avellar, Iracema de Moura Barbosa, Maria Guilhermina Graça, Bertha de Mello e Silva, Alzira de Azevedo, Silvia Saradinha, Diva Vaz da Costa, Lucilla Sergio Pomar, Mercedes Gomes de Almeida, Maria da Gloria Barreto de Oliveira e Gluocinda Barbosa de Andrade e Silva.

Uma carreira para a mulher A proposito da fundação da Escola para Enfermeiras-technicas da Saude Publica, do Rio de Janeiro dirigiu d. Bertha Lutz, presidente da Liga para a Emancipação da Mulher, ao dr. Carlos Chagas, o seguinte officio:

"Tomando conhecimento da proxima abertura por iniciativa de V. Exa. de uma Escola para Enfermeiras Technicas, visando a formação de uma classe de funcionarias do Departamento Nacional da Saude Publica, recriada entre mocas preparadas e instruidas e destinada a completar a acção dos medicos pela applicação, também, de tratamentos preventivos, dos principios de conhecimentos scientificos modernos, apresento a V. Exa. os mais calorosos applausos da Liga para a Emancipação da Mulher.

desempenhar a sua nobre missão. Também como enfermeiras ellas têm tido exemplos, e basta citar o das irmãs de caridade nos hospitais. Ainda não temos uma caixa beneficente para a maternidade; já em alguns paizes estrangeiros existente. Também não temos o cofre dos recém-nascidos, com fundo de reservas para assegurar-lhes o futuro, no caso de desamparo.

Tenho fé em Deus que a nossa obra irá adiante, seremos abelhas tecendo os tecidos que iremos levar o nosso producto em proveito das mães pobres e creanças desprotegidas.

A Maternidade Brasileira precisa ser guiada, amparada e justificada. A liberalidade particular será sempre insignificante para tão altos fins. Essa sublima missão caberá por excellencia ás mães de familia e a ninguém melhor do que ellas poderá comprehender e estimular esta util e benemerita cruzada, tanto mais quanto a mulher brasileira é sentimental por natureza, e caridosa por intuição. A necessidade de postos se impõe por toda a parte do Brasil. Senhoras dedicadas e abnegadas não será de estranhar que ocupem o lugar dos homens nessez postos, mediante, mesmo, pequenos ordenados, pois não ignoramos o que vale de triste em necessidades ahí pelo interior do Distrito Federal e por todo o Brasil.

Em cada posto haverá o cofre da maternidade e dos recém-nascidos, em que todas as mães de familia pobres, ricas e remedidas collocarão o seu obulo, para a obra de Deus, e assim se formará o patrimonio de tão nobre ideal.

Se em cada parochia existisse uma pequena maternidade, a obra seria bem servida por mulheres, em vez de homens, de certo seria um serviço muito mais perfeito e decente. Se o feminismo, que já se tem feito, não exercer cargos, que só ao homem deviam competir, porque não seria a mulher, de preferencia quem deve estar occupando os lugares de responsabilidades e das crechens... Pois é a mulher a quem cabe estar ao lado de uma parturiente, seja ella quem fór; é ella que deve ser mais zelosa pelo seu sexo, mais carinhosa com a parturiente e bem assim mais cuidadosa para com a creança. Se houvesse maternidades em todas as parochias, em todos os distritos, as senhoras teriam sempre trabalho.

É bem justo que numa crise como a actual onde existem por toda a parte senhoras que lutam quasi infructuosamente pela vida, que venham estas pobres mães de familia, e viudas necessitadas e honestas para junto do leito da maternidade; visto que assim ganharão o seu pão e não exercendo também a caridade. A mulher nascida para enfermeira, ella é dotada de mais paciencia, mais minuciosidade e mais calma que, geralmente, os homens. Como enfermeiras maternas, irão também olhar a crecha, e não estarão os filhos daquellas por quem ellas se desvelam. As senhoras escolhidas para esses fins deverão ser de uma moral reconhecida, cuja reputação deva ser firmada na boa moral christã, para assim poderem bem desempenhar a sua missão.

Aqui, nesta grande urbs, a necessidade da educação da mulher, já se impõe, e em pontos de vista moraes e religiosos. É imprescindível educar-se a mulher antes de virão, e a mulher occasião, como esta, em que ella estará recolhida sob um tecto, abrangida de todas as necessidades; seria melhor para fazer comprehender o que significa todo aquelle bem que está gosando e que não é somente com merecida obrigação, mas como obsequio a Deus, e nobres sentimentos humanos.

Fazel-a sentir que existe alguma coisa superior á materia humana, exortando-as assim a evitarem o lodo

Compenetradas do vasto alcance moral, social e economico que poderá ter para a mulher brasileira, e não só para ella, a fundação da nova Escola, vimos a offerrecer a V. Exa. e a Exma. Sra. Parsonas, encarregada de organizar a Escola, não só a nossa viva sympathia como também a nossa collaboração.

Prevalecendo-me do ensejo, reitero a vossa excellencia, com os applausos desta Liga, os protestos de elevado apreço e meu distincto consideração — Bertha Lutz, presidente."

Deve-se da mulher para com a mulher "Se á mulher deve commettir a obra da maternidade", tal é o titulo do artigo que a sra. Elisabeth Franco publicou num dos jornaes do Rio, e que não deixa de ter grande numero de leitores, um grande interesse. Elle:

"Infelizmente a mulher ainda não foi escolhida para dirigir essa grande obra. Os homens têm sido mais generosos em tratarem com tanto interesse desses assumptos, em que se esperam, ainda, grandes melhoras. A mulher presentemente ainda tem feito pelas suas semelhanças e talvez seja chegado agora o momento da sua iniciativa.

Coube o magisterio da primeira infancia á mulher e ella bem tem sabido

desempenhar a sua nobre missão. Também como enfermeiras ellas têm tido exemplos, e basta citar o das irmãs de caridade nos hospitais. Ainda não temos uma caixa beneficente para a maternidade; já em alguns paizes estrangeiros existente. Também não temos o cofre dos recém-nascidos, com fundo de reservas para assegurar-lhes o futuro, no caso de desamparo.

Tenho fé em Deus que a nossa obra irá adiante, seremos abelhas tecendo os tecidos que iremos levar o nosso producto em proveito das mães pobres e creanças desprotegidas.

A Maternidade Brasileira precisa ser guiada, amparada e justificada. A liberalidade particular será sempre insignificante para tão altos fins. Essa sublima missão caberá por excellencia ás mães de familia e a ninguém melhor do que ellas poderá comprehender e estimular esta util e benemerita cruzada, tanto mais quanto a mulher brasileira é sentimental por natureza, e caridosa por intuição. A necessidade de postos se impõe por toda a parte do Brasil. Senhoras dedicadas e abnegadas não será de estranhar que ocupem o lugar dos homens nessez postos, mediante, mesmo, pequenos ordenados, pois não ignoramos o que vale de triste em necessidades ahí pelo interior do Distrito Federal e por todo o Brasil.

Em cada posto haverá o cofre da maternidade e dos recém-nascidos, em que todas as mães de familia pobres, ricas e remedidas collocarão o seu obulo, para a obra de Deus, e assim se formará o patrimonio de tão nobre ideal.

Se em cada parochia existisse uma pequena maternidade, a obra seria bem servida por mulheres, em vez de homens, de certo seria um serviço muito mais perfeito e decente. Se o feminismo, que já se tem feito, não exercer cargos, que só ao homem deviam competir, porque não seria a mulher, de preferencia quem deve estar occupando os lugares de responsabilidades e das crechens... Pois é a mulher a quem cabe estar ao lado de uma parturiente, seja ella quem fór; é ella que deve ser mais zelosa pelo seu sexo, mais carinhosa com a parturiente e bem assim mais cuidadosa para com a creança. Se houvesse maternidades em todas as parochias, em todos os distritos, as senhoras teriam sempre trabalho.

É bem justo que numa crise como a actual onde existem por toda a parte senhoras que lutam quasi infructuosamente pela vida, que venham estas pobres mães de familia, e viudas necessitadas e honestas para junto do leito da maternidade; visto que assim ganharão o seu pão e não exercendo também a caridade. A mulher nascida para enfermeira, ella é dotada de mais paciencia, mais minuciosidade e mais calma que, geralmente, os homens. Como enfermeiras maternas, irão também olhar a crecha, e não estarão os filhos daquellas por quem ellas se desvelam. As senhoras escolhidas para esses fins deverão ser de uma moral reconhecida, cuja reputação deva ser firmada na boa moral christã, para assim poderem bem desempenhar a sua missão.

Aqui, nesta grande urbs, a necessidade da educação da mulher, já se impõe, e em pontos de vista moraes e religiosos. É imprescindível educar-se a mulher antes de virão, e a mulher occasião, como esta, em que ella estará recolhida sob um tecto, abrangida de todas as necessidades; seria melhor para fazer comprehender o que significa todo aquelle bem que está gosando e que não é somente com merecida obrigação, mas como obsequio a Deus, e nobres sentimentos humanos.

Fazel-a sentir que existe alguma coisa superior á materia humana, exortando-as assim a evitarem o lodo

Compenetradas do vasto alcance moral, social e economico que poderá ter para a mulher brasileira, e não só para ella, a fundação da nova Escola, vimos a offerrecer a V. Exa. e a Exma. Sra. Parsonas, encarregada de organizar a Escola, não só a nossa viva sympathia como também a nossa collaboração.

Prevalecendo-me do ensejo, reitero a vossa excellencia, com os applausos desta Liga, os protestos de elevado apreço e meu distincto consideração — Bertha Lutz, presidente."

Deve-se da mulher para com a mulher "Se á mulher deve commettir a obra da maternidade", tal é o titulo do artigo que a sra. Elisabeth Franco publicou num dos jornaes do Rio, e que não deixa de ter grande numero de leitores, um grande interesse. Elle:

"Infelizmente a mulher ainda não foi escolhida para dirigir essa grande obra. Os homens têm sido mais generosos em tratarem com tanto interesse desses assumptos, em que se esperam, ainda, grandes melhoras. A mulher presentemente ainda tem feito pelas suas semelhanças e talvez seja chegado agora o momento da sua iniciativa.

Coube o magisterio da primeira infancia á mulher e ella bem tem sabido

desempenhar a sua nobre missão. Também como enfermeiras ellas têm tido exemplos, e basta citar o das irmãs de caridade nos hospitais. Ainda não temos uma caixa beneficente para a maternidade; já em alguns paizes estrangeiros existente. Também não temos o cofre dos recém-nascidos, com fundo de reservas para assegurar-lhes o futuro, no caso de desamparo.

desempenhar a sua nobre missão. Também como enfermeiras ellas têm tido exemplos, e basta citar o das irmãs de caridade nos hospitais. Ainda não temos uma caixa beneficente para a maternidade; já em alguns paizes estrangeiros existente. Também não temos o cofre dos recém-nascidos, com fundo de reservas para assegurar-lhes o futuro, no caso de desamparo.

Tenho fé em Deus que a nossa obra irá adiante, seremos abelhas tecendo os tecidos que iremos levar o nosso producto em proveito das mães pobres e creanças desprotegidas.

A Maternidade Brasileira precisa ser guiada, amparada e justificada. A liberalidade particular será sempre insignificante para tão altos fins. Essa sublima missão caberá por excellencia ás mães de familia e a ninguém melhor do que ellas poderá comprehender e estimular esta util e benemerita cruzada, tanto mais quanto a mulher brasileira é sentimental por natureza, e caridosa por intuição. A necessidade de postos se impõe por toda a parte do Brasil. Senhoras dedicadas e abnegadas não será de estranhar que ocupem o lugar dos homens nessez postos, mediante, mesmo, pequenos ordenados, pois não ignoramos o que vale de triste em necessidades ahí pelo interior do Distrito Federal e por todo o Brasil.

Em cada posto haverá o cofre da maternidade e dos recém-nascidos, em que todas as mães de familia pobres, ricas e remedidas collocarão o seu obulo, para a obra de Deus, e assim se formará o patrimonio de tão nobre ideal.

Se em cada parochia existisse uma pequena maternidade, a obra seria bem servida por mulheres, em vez de homens, de certo seria um serviço muito mais perfeito e decente. Se o feminismo, que já se tem feito, não exercer cargos, que só ao homem deviam competir, porque não seria a mulher, de preferencia quem deve estar occupando os lugares de responsabilidades e das crechens... Pois é a mulher a quem cabe estar ao lado de uma parturiente, seja ella quem fór; é ella que deve ser mais zelosa pelo seu sexo, mais carinhosa com a parturiente e bem assim mais cuidadosa para com a creança. Se houvesse maternidades em todas as parochias, em todos os distritos, as senhoras teriam sempre trabalho.

É bem justo que numa crise como a actual onde existem por toda a parte senhoras que lutam quasi infructuosamente pela vida, que venham estas pobres mães de familia, e viudas necessitadas e honestas para junto do leito da maternidade; visto que assim ganharão o seu pão e não exercendo também a caridade. A mulher nascida para enfermeira, ella é dotada de mais paciencia, mais minuciosidade e mais calma que, geralmente, os homens. Como enfermeiras maternas, irão também olhar a crecha, e não estarão os filhos daquellas por quem ellas se desvelam. As senhoras escolhidas para esses fins deverão ser de uma moral reconhecida, cuja reputação deva ser firmada na boa moral christã, para assim poderem bem desempenhar a sua missão.

Aqui, nesta grande urbs, a necessidade da educação da mulher, já se impõe, e em pontos de vista moraes e religiosos. É imprescindível educar-se a mulher antes de virão, e a mulher occasião, como esta, em que ella estará recolhida sob um tecto, abrangida de todas as necessidades; seria melhor para fazer comprehender o que significa todo aquelle bem que está gosando e que não é somente com merecida obrigação, mas como obsequio a Deus, e nobres sentimentos humanos.

Fazel-a sentir que existe alguma coisa superior á materia humana, exortando-as assim a evitarem o lodo

Compenetradas do vasto alcance moral, social e economico que poderá ter para a mulher brasileira, e não só para ella, a fundação da nova Escola, vimos a offerrecer a V. Exa. e a Exma. Sra. Parsonas, encarregada de organizar a Escola, não só a nossa viva sympathia como também a nossa collaboração.

Prevalecendo-me do ensejo, reitero a vossa excellencia, com os applausos desta Liga, os protestos de elevado apreço e meu distincto consideração — Bertha Lutz, presidente."

Deve-se da mulher para com a mulher "Se á mulher deve commettir a obra da maternidade", tal é o titulo do artigo que a sra. Elisabeth Franco publicou num dos jornaes do Rio, e que não deixa de ter grande numero de leitores, um grande interesse. Elle:

"Infelizmente a mulher ainda não foi escolhida para dirigir essa grande obra. Os homens têm sido mais generosos em tratarem com tanto interesse desses assumptos, em que se esperam, ainda, grandes melhoras. A mulher presentemente ainda tem feito pelas suas semelhanças e talvez seja chegado agora o momento da sua iniciativa.

Coube o magisterio da primeira infancia á mulher e ella bem tem sabido

desempenhar a sua nobre missão. Também como enfermeiras ellas têm tido exemplos, e basta citar o das irmãs de caridade nos hospitais. Ainda não temos uma caixa beneficente para a maternidade; já em alguns paizes estrangeiros existente. Também não temos o cofre dos recém-nascidos, com fundo de reservas para assegurar-lhes o futuro, no caso de desamparo.

desempenhar a sua nobre missão. Também como enfermeiras ellas têm tido exemplos, e basta citar o das irmãs de caridade nos hospitais. Ainda não temos uma caixa beneficente para a maternidade; já em alguns paizes estrangeiros existente. Também não temos o cofre dos recém-nascidos, com fundo de reservas para assegurar-lhes o futuro, no caso de desamparo.

desempenhar a sua nobre missão. Também como enfermeiras ellas têm tido exemplos, e basta citar o das irmãs de caridade nos hospitais. Ainda não temos uma caixa beneficente para a maternidade; já em alguns paizes estrangeiros existente. Também não temos o cofre dos recém-nascidos, com fundo de reservas para assegurar-lhes o futuro, no caso de desamparo.

Um officio da sra. Bertha Lutz

"Sr. Consultor Geral da Republica. Tomando conhecimento da questão referente á admisión da mulher aos Concursos da Fazenda levantada pela consulta do Delegado Fiscal do Thesouro Nacional do Estado do Pará, consultando se podem ser admitidos á inscripção no concurso de lá, entrancia para empregos na Fazenda, aberto na respectiva delegacia fiscal, individuos do sexo feminino, tomo a liberdade de dirigi-me a V. Ex. em nome da Liga para a Emancipação da Mulher, na certeza de que, principalmente para as creanças, é de grande utilidade a demonstração da mesma, precisamente das provas do concurso, não permitirá o espirito de justiça de V. Ex. que seja negada aos individuos do sexo feminino o direito de se submeterem a provas até agora consideradas sufficientes, evitando deste modo que o julgamento seja baseado em factores estranhos á questão.

Agradeço antecipadamente a attenção que V. Ex. dispensar ao estudo do caso, apresento protestos da — Bertha Lutz, e meu distincto consideração. — Bertha Lutz, presidente."

As mulheres na imprensa

O jornal "A Noite", que se publica em Bagé, Estado do Rio Grande do Sul, está substituindo o pessoal das suas diversas repartições por mulheres, tendo a publicação suas ultimas edições anunciado que necessitava de uma moça para exercer o cargo de gerente.

Mulheres medicas

O secretario do Interior nomeou para professora de anatomia e inspecção medica escolares, nos estabelecimentos publicos de ensino da capital a sra. dra. Maria da Gloria Watzke, formada pela nossa Faculdade de Medicina.

As mulheres na Caixa Economica

Consta que o Conselho Administrativo da Caixa Economica Federal vai nomear para auxiliares do serviço daquelle estabelecimento duas moças diplomadas e cujas habilitações estão já demonstradas.

O trabalho da mulher

A Associação das Senhoras Brasileiras realizando o seu programma de protecção á mulher que procura no trabalho, os meios de subsistencia propria ou de sua familia, inaugurou no salão sobre da Associação dos Empregados no Commercio uma grande exposição e venda de trabalhos femininos.

Esta exposição visa especialmente tornar conhecido o trabalho de moças que lutam pela vida, ignoradas completamente suas aptidões e visa ainda proporcionar a essas moças o aproveitamento que não lhes proporciona o meio em que vivem.

Mantendo já um restaurante que oferece almoço farto em meio de perfeita moral e pelo preço insignificante de 30\$000 mensaes, um dormitório tambem por preços accessiveis ás mais modestas, uma escola commercial, etc. pretende a Associação com esta exposição inaugurar tambem uma agencia de informações e venda de trabalhos de suas associadas em sua sede á rua S. Joao, n. 72. 2.º andar.

Morte de uma jovem poetisa brasileira

Em dia do mez passado falleceu no Rio de Janeiro a jovem poetisa brasileira Evangelina Galvão.

Sobre sua obra assim se pronunciaram nossos collegas do "Journal do Commercio", do Rio:

"Morreu hontem, depois de uma molestia que de tudo zombou, tendo se apoderado subitamente do seu organismo delicado, a Senhora Evangelina Galvão, filha do Dr. Enas Galvão, Ministro do Supremo Tribunal Federal, fallecido ha poucos annos.

Este desaparelhamento não afficteo só á sociedade de que a poetisa era um ornamento. As letras brasileiras perdem, com a morte da desditada moça, uma sua esperança, mas uma verdadeira affirmacão de talento, demonstrado exuberantemente em produções de alto valor e que prometiam levar o seu nome á uma verdadeira consagração, tões os versos de poetisa que nella se revelavam com a mais accentuada espontaneidade, inspirada e composto versos com uma leitura eia original e a Senhora Evangelina conseguiu, nas suas composições, dar uma impressão a quem a lesse, de um poeta feito. Ha porcos versos, em Março deste anno, na nossa edição da tarde, em columnas abertas, tivemos oportunidade de publicar um hel' poema de sua lavra a que ella deu o succincto titulo de "Chant d'Automne", contendo com sentimento impressionante e notavel belleza poetica, os sonidos mortos, que se desvanecem nas folhas sahir de outomno.

Esta produção revelou ás nossas letras um grande poeta e o que fez a admiracão triste até então, a poetisa só era conhecida dos seus intimos, lendo sempre á publicidade.

A "Revista da Semana" logo estampou o retrato da moça que se revelou tão eloquentemente poetisa consumada, e o "Journal do Commercio", edição respeitina, em folhetim, commentou eloquentemente o seu primeiro poema.

Depois outras produções appareceram e tão brilhantes e variadas se affirmaram os dias literarios da Senhora Evangelina Galvão, que difficilmente se poderia achar um estado de uma estroia. A isto foi levada a critica pelo valde descriptivo dos versos, pela suave e penetrante suggestão que delles se exalava, denunciando na jovem autora um estado de alma dolorido que parecia já annunciar o triste destino de sua vida, ceitada tão cedo. Seus versos eram liricos, harmoniosos e obedeciam a um apuro de arte de effeitos magicos.

No seu poemeto "Automne", escrito em francez com pureza, elegancia e conhecimento da lingua, ella dizia:

"Automne de la vie! Automne!
Pourquoi si tôt, si tôt venir?
Pourquoi faut-il qu'une heure sonne
Ou tout réve cher doit mourir?"

Não veio o outomno. Sua vida finou-se em plena primavera. A senhora Evangelina Galvão morreu com 20 annos incompletos.

O feminismo na Suecia

Nas eleições que se realisaram em todo o reino, achou-se ser eleita a primeira representante do sexo feminino no Riksdag. A eleita pertence ao partido liberal e apresentou-se pela circumscripção de Umeåborg.

Olympiada feminina

Eis o que, a proposito da Olympiada Feminina realisada em Monte Carlo, escreveu o brilhante escriptor Marcei Delabre.

O primeiro torneio internacional de educação physica e de esportes femininos acabou de ter logar em Monte Carlo, e foi um bella victoria para a mulher esportiva.

Trezentas moças inglesas, suizas, italianas e francezas, tomaram parte numa semana olympica como ainda nunca houve exemplo. Os resultados esportivos foram excellentes e excecões de jogos foi tão perfeita, que um publico difficil de se contentar, ficou completamente subjugado e convencido que o atletismo não é nem por ser ser a applicação exclusiva de um sexo ou de uma categoria de seres humanos.

O excellentes espirito que reina entre os esportistas, foi ainda a ser manifestado e a boa interpretação entre concorrentes, chefes de grupos e officias, foi uma das razões de triumpho alcançado.

Entim, para aquelle espectáculo, não se podia encontrar logar mais bello que o magnifico "Tir aux Pigeons" de Monte Carlo, miraculosamente transformando em estado em frente a um mar azul onde encovavam milhares de brancas aves marinhas e delavos de um céu encantador. Uma multidão elegante, reservada a principio, mas depois entusiasmada, acotevia-se para acompanhar de manha e de tarde, as peripetias das concorrentes e os admiráveis exercicios de gymnastion onde se distinguiram as graciosas moças das nações amigas, sempre agéis, vigorosas e encantadoras.

No proximo anno, a Olympiada feminina terá um logar de destaque nas symposiums solemnes de Monte Carlo.

Essas solemnes durarão 15 dias ou tres semanas. Mil moças tomarão parte, esportistas de dessa vez os mais competentes esportistas, os artistas celebres, todos enfim serão unanimes em applaudir-as. Si tivermos que fazer uma analys de completa dos resultados da — Olympiada feminina — um numero inteiro do nosso jornal não seria sufficiente. Assim vamos resumir: Cifa reunião constou de concursos de corridas, de partidas de basket-ball ou de posse pallon e exercicios collectivos de gymnastica e de danças com scenarios apropriados.

Nos jogos Olympicos havia um programma mais extenso, na mesma ordem de ideas e de sentimentos... Havia sobre o Monte Olympio: depois da luta, a poesia; depois da corrida, a musica; depois do disco, a tragédia.

Em Monte Carlo, a natureza substitue os poetas e as vagas do Mediterraneo sussurrando uma incessante barcarolla substitua a musica.

Em esporte as inglesas e francezas tiveram a victoria.

A mais importante revelação foi a que offereceu a esquadra dos olympticos Harriers, cuja secção feminina é dirigida por miss Andrew M. Palmer, pelo nosso collega do "Sporting Life" M. Stoun.

Miss Lines, triumphadora dos 60 metros, dos 250 metros das corridas a cavallo, é uma moça de 27 annos, completamente desenvolvida.

Germana Delapierre, campeã do "Femina Sport" conseguiu os 74 metros de cerco.

Mlle. Breard, que tem a universal Lines, correu com intelligencia os 800 metros, karandeeu-se desde a partida com um avanço que nunca pôde ser atingido pela nivel inglesa.

No salto em altura, mille. Kuzer conseguiu transpor, assim como miss Hat, uma altura de im, 40.

A poderosa campeã mille. Gourand Moriss, suiza, fez duplo jogo com o dardo e os pesos.

O resto pertenceu... á Inglaterra. Podemos collocar na seguinte ordem: 50 m. plat. 1 miss Lines (Inglaterra) 8" 15; 200 m. plat. 1 miss Luis (Inglaterra) 3" 35; 300 m. plat. 1 miss Luis (Inglaterra) 3" 15; 800 m. plat. 1 miss Luis (Inglaterra) 2" 3; 1500 m. plat. 1 miss Luis (Inglaterra) 2" 3; 15.

74 m. haies — 1 Delapierre (França), (Femina Sport), 1" 35.

300 m. relis — 1 miss Lines (Inglaterra) Lines Cast. Hatt Wright) 49" 35; 800 m. relis — 1 Inglaterra, 1' 46"; Salto em extensão — 1 Miss Lines (Inglaterra) 4 m. 70.

Salto em altura — 1 mille Huzé (Femina Sport) e miss Hatt (Inglaterra) 1 m. 40. Logo de dardo — 1 miss. Gourand Moriss (Olympico, Paris 41 m. 53 (record).

Peso — 1 mille. Gourand Moriss (Olympico, Paris) 16 m. 29 (record). Jogos de basket-ball — (Inglaterra).

Coube o "Femina Sport" e ao seu director Payssé o grande successo obtido com o methodo hallenito de Raymond Duncan.

O effeito das dancarias vestidas de cor de malva sobre a relva verde, emolduradas de azul e ouro do incomparavel Riviera, servindo de tela, foi sumamente aclamada.

No dia seguinte tivemos uma prova de gymnastica suiza, pelo clube da Academia de Genebra.

As suizas, fortes e robustas, vestidas de malhot vermelles, ornamentadas com a cruz branca da Helvetia, fizeram maravilhas.

No fim dessa mesma reunião, as moças da "Riviera Sport" deram um ballado de gala por 15 mil francos. O ballado de Phillemo e Baucis, com a musica das Bacchantes.

A graça dessa reprodução foi extrema. A Italia que ha apenas pouco tempo se ocupa de educação physica da mulher, limitou-se a uma gymnastica infantil, mas muito bem dirigida.

A Inglaterra, que tanto brilhou em todas as exhibições encontros durante uma hora os admiradores da gymnastica rythmada.

O "Avant-Ard de Nice" teve as honras na gymnastica infantil.

Mlle. Jeanne Roussy, com um grupo de alunas da Academia dos esportes, obteve um grande successo nas suas varias composições, onde se manifestou o seu temperamento de grande artista.

Para terminar, mille. Irene Popard á frente de quarenta moças do instituto de gymnastica harmonica, que apresentaram o classico methodo francez do sempre lembrado professor Demilly. Era bello ver-se e ouvir-se aquella admiravel mulher conduzindo o seu grupo de bailarinas. Vamos, moças, sede valorosas como o a França!

Em esse effeito, um poeco da França que pensa, que age, que trabalha e que milharas de estrangeiras acclamaram quando desfilaram para a apoteose da Olympiada.

Escola Profissional em Porto Alegre

Está terminando o edificio onde brevemente começará a funcionar a Escola Profissional Feminina, de Porto Alegre, onde haverá cursos de arte domestica, arte profissional, secção de culinaria e secção de costura.

Haverá outros cursos para senhoritas que alli se preparão para exercer sua actividade em casas commerciaes. Serão installados cursos de dactylographia, stenographia e escriptura mercantil. Chegarão aquella, vindas da Allemannha, duas professoras contratadas como especialistas, para servirem na secção profissional feminina.

DR. B. TOLOSA

Assistente extra-nun. da Clinica de Partos da Fac. Med. S. Paulo. Cons. Rua Libero Badur, 140, das 15 ás 17 horas. Tel. Cent. 898. Resid: Tel. Avenida, 335.

DOUTORA MATTARAZZO

MEDICINA E GIRURGIA EM GERAL

Senhoras e creanças

Das 14 ás 16 horas — Quintino Bocayuva, 4 (sala G) 2.º andar — Tel. Cent. 5259 — Res: Avenida Getulio Garcia, 348 — Das 12 ás 13 horas — Telephone, Braz, 347.



Correspondencia
da
Revista Feminina

D. Maria do Carmo Barque (Engenho Conceição, Alagoas) — A distinta amiga, com o prestígio de que goza em seu meio social, muito poderá fazer em prol da nossa causa.

D. Teresina S. Mosearelli (Pernambuco) — Faça a propaganda que temos a peito e estamos certas de que sahirá victoriosa. Gratias e amiguinhas.

D. Zilda Signorelli Bonesso (Tres Corações) — São muito agradáveis as suas promessas. Muito gratas.

D. Inaura Velga de Faria (Florianopolis) — Os seus serviços serão inestimáveis e temos muita esperança. Aparentes de mão carinhosas.

D. Frida Vasconcelos (S. Simão) — Antecipamos os nossos agradecimentos á distincta e boa amiga.

D. Ancelina Villari (S. Carlos) — Suas promessas enccheram-nos de immensa satisfação. Ser-lhe-emos sempre gratas.

D. Helena Marques (Jacutinga) — Sabemos que nos auxiliará, como nos promettem. A boa amiguinha não será isso tarefa difficil, auxiliando-se das boas relações de que dispõe.

D. Ercilia Ribeiro de Andrade (Paredes, Minas) — Estamos alegrissimas com a sua adhesão.

D. Maria A. Coutinho (Sertãozinho) — Faça o que puder, que não esqueceremos nunca da boa amiguinha.

D. Delmiada Silveira (Sta. Catharina) — Seus versos são muito lindos. Serão brevemente publicados.

Dr. Paulo Patra (Canaã) — As photographias da festa de N. S. dos Navegantes, que nos enviou, são excellentes e já estão destinadas para o numero do Natal. As notas que o senhor nos mandou sobre Canaã, que são interessantes, serão publicadas em outro numero, e não podem acompanhar as illustrações, porque estas já estão paginadas com outra materia. Gratias pelo duplo obsequio.

D. Antonia Maria Bengtzen (Taboquin, Estado de S. Paulo) — Já escrevemos á boa amiga D. Escolastica Pantaléo Frey, e fiamos que ella se desempenhará de boa ventada da incumbencia. Muito gratas.

D. Alipia Castro de Oliveira (Avahy) — Sua carta, em que nos participa que acceta o cargo de representante da nossa revista, encheu-nos de muita satisfação. Seja bem vinda.

D. Stella S. Costa (Saude, Minas) — Aqui estamos de mãos espaçadas para applaudir as suas victorias, que serão, mais tarde, as victorias da mulher patriota.

D. Carlota de Lima Brandão (Aguas Virtuosas, Minas) — Muito gentil a sua cartinha e muito agradáveis as suas promessas. Aparentes de mão carinhosas.

D. Generina Valle (Caieté, Rio Grande do Norte) — Recebemos a photographia, que será brevemente publicada. Sabemos que se trata de uma moça muito distincta. A boa amiga pode contar de nós como entender.

D. Maria Amélia de Andrade (Caxambu) — Todos os nossos aplausos só poucos para louvar o seu exito. Estamos satisfetissimas.

D. Cecilia Trompowsky (Itajhy, Sta. Catharina) — Bem sabemos que o meio, ali, é ingrato. O seu trabalho, pois, deve ser feito entre as familias brasileiras. Agradecemos pela sua gentileza.

D. Silah Braga (Niteroy) — Nada tem a agradecer. Não fizemos senão o nosso dever.

D. Judith Vinna (Alfenas) — Seguiu resposta via postal.

D. Maria Amélia Vieira (Itapolis) — Tudo que vier de suas mãos será bem vindo.

D. Nair Ferraz (Botafogo, Rio) — Estamos orgulhosas com a adhesão da valorosa companheira de luta e de ideal.

D. Josephina Arruda (Villa Ingá, Parahyba do Norte) — Louvamos o esforço que está fazendo e sabemos que obterá successo. Abracões affectuosas das boas amiguinhas cá da casa.

D. Lota Faria Tinsco (Itabapoana, Estado do Rio) — Somos felizes com a sua adhesão e esperamos muito do seu esforço.

D. Sinhozinha Coutinho (Ponta-Pora, Matto Grosso) — Com o seu brilho pessoal e as boas relações que goza em seu meio social, hade conseguir muito. Não lhe faltarão obstaculos, mas a victoria sem luta não é gloriosa.

D. Irene Velga de Faria (Florianopolis) — Suas expressões são tão gentis, que não resistimos ao prazer de transcrevel-as. Não mais, muito gratas.

D. Inaura Ribeiro de Almeida (Maciel) — Agradamos a sua acção com muita sympathia.

D. Maria da Conceição Fluzza (Dores do Indayá, Minas) — De companheiras como a senhora, intelligente e corajosa, á que precisamos.

D. Maria José Brandão (Villa de Botelhos) — Recebemos. Será oportunamente publicado. A senhora tem muito talento.

D. Marietta Senna (Theophilus Ottoni) — Sua tarefa exige algum esforço mas pode ser desempenhada com prazer. Seremos victoriosas.

D. Maria Gonçalves da Motta Silveira (Bon Jardim) — Bem vinda seja a amiguinha. Reciba os nossos applausos.

D. Honorina Candida Ribeiro (Santo Eduardo, Estado do Rio) — Seguiu carta pelo correio onde fica tudo explicado. Sua cartinha é muito lisonjeira e amavel.

D. Angelina Corrêa (Monteiro, Estado de Pernambuco) — Agradecemos pelas amáveis expressões e pelas preciosas promessas que nos faz.

Dr. Maria Ferreira (Bomfim, Estado de Goyaz) — Não sabemos como agradecer-lhe o interesse que tomou por nós. Se acaso necessitar dos nossos serviços, estamos sempre ás ordens.

Amelia L. Prado (Divina Pastora, Estado de Sergipe) — Companheiras como a senhora são preciosissimas, que esteja sempre ao nosso lado.

D. Palmira Barbosa (Santa Cruz, Estado do Rio Grande do Norte) — Contamos com o seu apoio e sabemos que elle não nos faltará.

D. Theophila Amorim (Fortaleza, Ceará) — Muito amavel a sua cartinha. Amiguinhas sempre.

D. Edith Reis Silva (Santo Antonio das Balsas, Estado do Maranhão) — Estamos orgulhosas com sua cartinha, que foi lida aqui por todas com muita sympathia.

Zezé Loureiro Pereira (Itaquil) — O prazer é todo nosso. Esperamos que esteja sempre ao nosso lado.

D. Anna R. Ventura (Campina Grande, Estado da Parahyba) — A sua gentileza delixon-nos encantadas.

D. Isoleita V. Alexandre (Monte-Alegre) — O que a senhora fez constitui um verdadeiro sacrificio. Ha pois, no seu esforço, muito maior merito.

D. Seraphica Gloria da Nolezga — Neste numero sahirá o que espera, caso não haja algum accidente á ultima hora. Contamos muito com o seu esforço cujos resultados esperamos.

D. Sarah Alves Camara (S. Caetano, Estado de Pernambuco) — São palavras, adherindo ao nosso apello, são repassadas de muita convicção. Sempre amigas.

D. Maria do Carmo Gonçalves (Piraçaba) — Agradecemos então o seu regresso para iniciar o trabalho. Antecedemos os nossos agradecimentos.

D. Finoca Bernardinelli Cerebello (Jacarehy) — A senhora é uma companheira convicta, e, a despeito dos seus multiplos affazeres domesticos, ainda tem tempo de vir formar ao nosso lado. Parabens á corajosa patriota.

D. Iris Mottinha Duboe (S. Sebastião do Rio Bonito, Estado do Rio) — Sabemos que é uma preciosa amiguinha desta revista e que tudo fará por ella. Gratias.

D. Maria Barreto de Almeida (Poreciunha, Estado do Rio) — As informações normenridadas já seguiram por carta. Agora, tudo quanto nos vier das suas mãos será acolhido com alegria.

A DOR DE AMAR

(Continuação do número anterior)

— Falsas?... Crê o senhor, em sã consciência, que sejam falsas?

E o seu limpido olhar azul interrogava-o com uma atenção quasi grave. Cláudio só pôde responder:

— Soffrer!... E por que soffreria?

— Porque é quase sempre ahí que apartamos depois de termos entregado ao homem o nosso coração! E' rreissimo que mereçam os homens o amor que lhes damos!... Divertem-se com elle, servem-lhes de passatempo... Depois, quando o brinco já lhes não agrada, arrojam-no de si, ou quebram-no... Livram-me Deus de amar! E' talvez a maior graça que poderá conceder-me!

Palava naturalmente, como si pensasse alto, os olhos fitos nas águas sombreadas de oiro; mas, quiçá, sem que disso tivesse consciência, a voz, o résto, traíam-lhe a convicção de que taes coisas eram para ella a própria verdade. A Rozenne, exasperava-o o desejo de abrir esse peito tão ciosamente fechado...

— A menina não sabe o que está dizendo!... Uma loucura, uma blasphémia, de que se arrependirá um dia, e que... ah! quanto desejaría fôsse eu quem a fizesse arrependê-se!

— Ah!... Sério?...

Não accento dessa voz, havia surpresa, ironia, incredulidade. Erguera a tiva a cabeçhinha, olhando-o inquieto e curioso. Dar-se-la o caso de, á ultima hora, querer Cláudio Rozenne tomar ao sério a sua fantasia por ella?... Ser-lhe-ia de todo o ponto inútil. Resolutamente, interpellou-o num tom de flagrante graçaço:

— Por quem é! Lá porque eu lhe dei a ver miú francamente as minhas idéas, não vá agora julgar-se na obrigação de protestar, dando-me delicadamente a entender que me acha espiritosa, original, encantadora, que mais ainda?...

— De feito, julgo-tudo isso!

— Mas não me diga, pelo menos. Pareceria a quem o ouvisse, que me dirige galanteios.

— Não lhe dirijo galanteios; digo-lhe simplesmente a verdade...

Com imperceptível vivacidade, Chiquinha corrigiu:

— O que o senhor julga ser verdade... porque está sob a influencia de uma delicosa villegiatura, do mar, do sol... que sei eu?... — que me emmolduram num quadro poético. Mas, si tornar a ver-me em Paris, ha probabilidades que farte para se admirar então do seu entusiasmo de hoje.

— Si eu tornar a vê-la!... Oh! mas então que mulher é a senhora para não compreender, para não querer compreender, que vivo apenas de um sonho, o de lhe ganhar o coração, que eu quero para mim!

Nos olhos azues de Chiquinha chispou súbito uma chamma, depois, tornaram-se singularmente profundos, cavando-se-lhe a boca numa ruga de ironia melanchólica:

— Quer meu coração! Para fazer delle a quê, não me dirá?...

— Para fazer delle o meu thesouro!... Comprenda emfim, Chiquinha, que eu a amo e que a senhora me faz perder o juizo em a sua escarinhua indifferença!

Estas palavras lhe haviam escapado porque, nesse momento, elle nada mais via no mundo que essa criança' escarinhua, a qual, uma vez despertada para o amor, seria uma mulher adorável... porque fiel a si mesmo, ia ao sabôr

de seu capricho sem cuidar que pudesse arrependê-se de palavras loucamente pronunciadas.

Um momento, ambos se ilharam com uns olhos em que appareciam, interrogando-se apaixonadamente, as suas duas almas: a delle, imperiosa e supplice; a della, scéptica, curiosa, e, contudo commovida... Muito nitida, teve Chiquinha a intuição de que nesse instante, Cláudio Rozenne estava á sua discrição. Si o quizesse... ao sair da sombra adorante dos abetos, ella seria noiva como sua irmã Colette...

Mas nenhum desejo similhante se lhe acendéra no coração, — nesse coração, a quem Rozenne não soubera insufflar a fé...

— Para que falarmos nestas coisas? disse ella com os lábios trémulos. O senhór não me ama como eu quero ser amada!

— Como sabe? exclamou elle quase violentamente.

— Sinto-o... Sou para o senhór apenas um capricho... que passará... Isso, para m'm, não é bastante... com uma confiança absoluta, como me entregou a Deus!

— Mas os homens não são Deus!... E essa confiança, não lha inspire eu?...

— Não... Perdõe-me o falar-lhe assim... Mas...

— Mas?... insistiu elle, com as feições contraídas, vendo que ella hesitava. Nunca desejava tanto vê-la conquistada por elle como nessa hora em que ella titubeava, ella, tão resoluta!

Chiquinha hesitara um segundo; passou o olhar abstrôto em derredor pela decoração ridente das coisas; depois, severizando as feições, terminou simplesmente:

— Mas eu não tenho a necessaria fé na sua constancia, na grandeza, na força, na intensidade do sentimento que o attrahe para mim...

Rozenne mordeu com colera o lábio... Ah! como ella soubera bem descreminar a alligação de que se compunha o amor que elle lhe offerencia!...

— Como a senhora me julga!... Seja! Amo-a talvez mal, mas amo-a como posso... Nem eu mesmo julgava que a pudesse amar de outro modo!

— Neste momento, sim... Creio-o, e agradeço-lho, porque é sempre um prosêo o sentirmo-nos amada... Mas, amanhã, daqui a mez, a um anno, amar-me-ia ainda, passada essa fantasia?... Como o senhór, faz-se-me de mistêr o tempo por que me sinto convencida... Peço-lhe não me queira mal si hoje vejo tão sómente no senhór um novo amigo, a quem dedico uma miú sincera e grande sympathia...

Elle nada respondeu. Para quê?... Fôra vencido, e a derrota era-lhe sobreposse dolorosa. Apenas um amigo!... Para ella, não era mais do que isso!

Antes desse dia, dessa hora, desse instante, é bem



EXLIXIR DE NOGUEIRA — Grande depurativo de sangue

TOLUOL --

TOSSE, BRONCHITES, ASTHMA, MOLESTIAS DO PEITO E GARGANTA.

VENDE-SE EM TODAS AS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS

verdade que elle ainda não havia precisado o sonho de a ter sua para sempre fazer dessa musazinha, dessa esbelta e original menina aristocrática, a mulher de eleição, a quem sacrificasse a liberdade; de que era tão cioso...

Mas, por isso que ella, Chiquinha, não queria que assim fôsse, elle sentia um profundo pesar, e o pesar de um paraiso apenas entrevisto um instante e que logo se lhe cerrara aos olhos...

D'isso, teve ella a intuição, e veio-lhe uma piedade por essa dôr, — oh! mui ligeira, fugitiva, de certo!... — que ella acabava de causar; e, baixo, com uma graça de criança:

— Asseguro-lhe, disse, que eu não quizera ser assim insensível, fria...

— Oh! por Deus! A senhora não é nada disso! atalhou elle, amargamente. Ao contrário, é uma das criaturas mais vibrantes que tenho conhecido... Sómente...

— Sómente? repetiu elle, pondo-se de pé, pois Collette já havia voltado a cabeça para o lado em que elles estavam, admirada de que a irmã não lhe respondesse ao chamado.

— Sómente, concluiu Rozenne, ainda não chegou a sua hora!

Chiquinha permaneceu silenciosa. Imóvel, contemplando o mar que o sol poente chamalotava de rosa e oiro-purpura, buscava ler no mais interno fundo das profundas de sua propria alma... E, com uma real sympathia por Cláudio, entrava-se da firme convicção de que, si elle assim lhe havia falado, era isso devido unicamente a um imprevisto e momentâneo transporte... E não porque elle a houvesse, de coração e pensamento, livremente acolhido afim de que fosse para elle, e para sempre, a Única...

No íntimo do seu ser, ella percebia também, impetiosa, uma espécie de terrór e de revolta á idéa de já ter a sua vida fixada, trabalhada pelas preocupações que havia visto pesar tão duramente sobre sua irmã Margarida... E all mais, dentro em si, o apaixonado desejo de permanecer livre afim de realizar o seu sonho de uma vida inteiramente orientada para o ideal que a encantava... E, mais ainda, via surgir-lhe deante o espectro do amor, — para o homem, o prazer, para a mulher, o soffrimento...

E, pensando alto, a voz lenta, enquanto Rozenne lhe seguia no expressivo das feições o reflexo das idéas, continou, num tom estranhamente grave:

— Realmente, creio que o senhor tem razão: ainda não sou a minha hora... Até hoje, ainda ninguém pôde despertar em mim o desejo de offerir a minha vida inteira em câmbio da que me era offerecida... Quero gozar, bem a meu grado, a minha mocidade... Quero trabalhar para adquirir, por meu só esforço, uns longes de independência... E também, porque adoro esse trabalho que nos depara felicidades sem desillusões, as únicas que merecem desejadas... As outras? essas não me tentam... Talvez porque descreio dellas!

Interrompeu-se um instante, clarividente demais para saber que, nesse momento, ella decidia talvez de toda a sua vida; mas também, demasiado veraz, para revelar todo o seu pensamento a esse homem que lhe acabava de confessar que a amava... Depois, continuou:

— Serêi talvez pusillanime, mas tenho medo ao casamento... Temo-me das suas difficuldades, dos seus desgostos, da sua cadeia que me parece terrível... Talvez que, para deante, eu o considere de outro modo...

— Sim, quando o amor se lhe deparar por outra face...

Em sua boca fresca, semelhante a uma flor, appareceu, ainda uma vez, a expressão scéptica:

— E conhecerei jamais, a essa amor tão poderoso e tão mágico?... Todavia, eu a acolherei com toda a minha alma!...

Cláudio não respondeu. Collete dirigia-se para elles, chamando:

— Chiquinha! Chiquinha! E' hora de partir! Não ouves, Chiquinha?... Ah! então! De que falavam, que tanto os interessava?...

E aproximou-se-lhes. O olhar penetrante considerou curiosamente o rosto animado da irmã e o semblante alterado de Rozenne: ao seu espirito precatado, acudiu a suspeita da verdade... Chiquinha, porém, sem se dar por vencida, respondeu, imperturbável:

— Estávamos empenhados numa discussão psychologica, que nos havia sido inspirada pela contemplação dos jovens noivos!

Collete não insistiu, pois bem sabia que Chiquinha só dizia o que queria dizer... Mas o seu previsto espirito entrou-se da certeza de que a irmã acabava de ter em uma das mãos o futuro e o deixara fugir, porque a conservara aberta...

De novo, todos se puzeram a caminho. Rozenne, porém, já não seguia ao lado de Chiquinha: caminhava, em silêncio, a par dos noivos. Ella subiu, sem se voltar, a verdade que la ter á estrada: elle tambem não ousou approximar-se-lhe, sentindo bem que, nesse dia, já não tinham nada mais que dizer um ao outro. Elle não lhe via o rosto, mas adivinhava-a pensativa pela attitude um tanto inclinada da cabeçinha, de ordinário alta e direita, pela lentidão desaccostumada do andar, pelo movimento destralado da mão, que, de passagem, arrancava as vergontees, arremecendo-as logo ao chão.

No alto terminada a subida, parou, aguardando a bicyclêta, que elle vinha trazendo.

O bosquezinho envolvia-se numa sombra côr-de-purpura sob o fulgôr do occaso, que tingia de violeta o tronco esbelto dos pinheiros... O mar resplandecia, esplendidamente lizido, vibrando no ar tépido o seu suspiro longínquo... Era a hora deliciosa, em que se sentem atraídos os corações dos que se amam...

Isto mesmo pensou Chiquinha, estremeendo... O olhar acompanhava Rozenne que caminhava para ella... Com tudo, era um rapaz que a melhor parte consideraria, de certo, encantador... Ella própria apreciava extremamente a graça caprichosa e a fina ironia do seu espirito brilhante, como tambem a elegancia nervosa do seu talhe alto, o brilho jovial e a carieira morna do seu olhar, o encanto do seu sorriso que sabia exprimir tantas coisas... Por que se conservava então ao pé delle tão senhora de si mesma, tão closamente desejosa em manter a sua liberdade, quando elle a implorava com uma paixão ardente, deante do horizonte desse mar, que ella tanto amava, nessa hora vespertina, que lhe era, sobre todas, predilecta?... Por que não sentira dentro em si esse maravilhoso impulso que tanto embriagava outras mulheres?...

Certo, elle falara verdade, "ainda não chegara a sua hora...", ainda não estava sazoadora para o amor... Não, ainda não! Elle estava agora junto della, o rosto sério, como nunca thô viria assim... Espontaneamente, Chiquinha murmurou como uma criança, num meigo tom de súpplia:

— Ainda uma vez, peço-lhe não me queira mal...

Reflecti ainda, depois que nos separámos... Não se lastime... Actualmente, eu seria uma esposa detestavel!

Elle olhou-a bem de face, buscando ler-lhe no fundo das pupillas... Estavam quase a sós, em meio dessa deliciosa paisagem, sob um ceu de occaso, bello como um ceu de êxtase... Envolvia-se a doçura do crepúsculo... Rozenne sentia dentro em si clamar o desejo de a sentir toda trêmula nos braços, gostar-lhe o sabor delicioso dos lábios jovens, com cuja carieira

KOLA SOEL

Anemia, fraqueza, rachtismo, molestias do estomago. Util no crescimento das creanças

elle sonhava... E elle all estava deante delle, como um passarinho atordado que bato as azas para voar fóra do ninho, desceudado, tonto de liberdade!... As suas largas pupilas, ardentemente luminosas, eram para elle sem amor, bem como a hoquinha que elle via trêmula, na sombra doirada do bosque... E não lhe era dado o direito de a tocar sequer com a ponta de um dedo, quando com tódo o seu ser, nesse instante, elle a chamava, e desejava, a exigia... Então, em voz baixa, trêmula de commoção, fitando os olhos naquelle rosto encantador, Rozenne murmurou:

— Não me lastimar, é impossível!... Mas não lhe quero mal... Penso sómente que, por uma chibura, a senhora acaba talvez de sacrificar a felicidade de duas vidas...

SEGUNDA PARTE

I

Consente de ter conquistado e dominado, como senhor, o brilhante auditório, o conferencista terminava o seu estudo sobre o feminismo no romance, estudo que lhe fóra inspirado por uma obra recentemente apparecida e assignada por um nome célebre. Com uma penetração de psychólogo subtil e moralista naturalmente philospho; com um previsto pensamento de conversador admirável, resumia as razões que devem tornar vã a tentativa da mulher para não ser mais que um cerebro, uma pura intellectual, desdenhando do amor, como uma preocupação a mais, e do orgulho da maternidade, pretendendo permanecer a "virgem forte" deante de homem, que ella despreza, e cuja egoista protecção, rejeita.

Falava eloquentemente, com uma convicção calorosa e um tacto perfeito, dizendo coisas muito justas, — concebidas, allás, por uma intelligéncia masculina. — numa linguagem forte e pittoresca, malleável, para exprimir todas as nuances. E como tivesse o talento de concluir por uma hábil e delicada synthese do verdadeiro papel da mulher, — companheira dedicada e generosa do homem, dispensadora da vida pelos séres cuja criação é a sua suprema glória, — as últimas palavras foram abafadas pelo estrépido dos applausos partidos de todas as files do elegantíssimo auditório, que enchia a pequena sala da Bodinière... Um auditório mundano como era para desejar, onde, galante, perfumado, curioso, dominava o elemento feminino atrahido entre duas visitas — as visitas de janeiro!... — pela reputação do conferente.

Nenhuma, porém, de certo, havia seguido, com mais interesse, a evolução do pensamento do orador, que Chiquinha Danestal, que all fóra levada por uma amiga americana, grande admiradora do conferencista. Quando os applausos explodiram como se fóram uma approvação ás suas conclusões, ella fez um movimento-ozinho de cabeça, como se protestasse, ao mesmo tempo que mordicava impacientemente o beicinho. Percebendo-o, a amiga pôz-se a rir, levantando-se afim de acompanhar a onda que se dirigia para a saída.

— Então, Chiquinha, que tal?... Está satisfeita?

A outra sorriu, alegre.

— O seu conferencista, Suzy, é um mestre na oratória, concordo; mas, quanto ao acerto dos seus juizos e á justeza dos seus pensamentos, está oiro e fio com o menos illustrado dos seus confrades. Os homens são todos iguaes e sempre os mesmos... Nem uns nem outros podem resignar-se a admittir que não nos são absolutamente indispensaveis!... E, comtudo, Deus sabe como vivemos muito bem sem elles!

Dizia isto com um accento de convicção muito engracado, ao mesmo tempo que os seus dedos distraídos iam abotoando o casaco de pellica; Suzana Mackley envolveu-e num lance de olhos satisfeito, vendo-a toda córada ainda da attenção com que acompanhara a conferéncia, e tão seductóra no seu chapéu de abas largas, como si fóra uma Valkiria, que, invariavelmente, sobre ella se poisavam os olhares de todos aquellos por quem roçava, na confusão da saída.

— Decididamente Chiquinha, o sexo forte não tem nenhum atractivo para você!... Começo a desesperar de que não a veremos nunca arrebatada pelo príncipe encantado!

— Minha querida amiga, seria preciso, antes do mais, que existisse o príncipe encantado!... Afianço-lhe que o espero, e no dia em que apparecer, eu não lhe pedrei que torne a passar noutra occasião...

— A menos que a minha museazinha não esteja precisamente na enlevada companhia do deus da Inspiração!

— Ora! Ha tempo para tudo e para todos!

A senhora Mackley não pôde responder, porque uma contra-corrente da multidão as senarou por um instante. Quando se tornaram a junta, Suzana perguntou:

— Vou levá-la a casa, não é assim?

— Espero que não se dê a esse incómodo. A mamã disse-me que viria buscar-me. Sómente, tenho a certeza de que chegará atrazada, porque foi ver os filhos de Colette; e quando está com o neto e a neta, oh! esquece tudo, inclusive a minha modesta pessoa! Peço-lhe, Suzana, que não a espere... Uma solteirona da minha idade bem pôde ficar sózinha um momento!

— Você calunhiou sua mãe, Chiquinha. Ei-la, ali vem, e em companhia da senhora Asseline!

De feito, em sentidmo inverso ao da onda que affluia para a saída, avançavam ambas por entre os grupos que obstruifam a comprida galeria que levava até á porta.

Os cinco annos decorridos desde o casamento de Colette tinham deixado alguns traços sobre as feições um tanto alteradas da senhora Danestal, cujos ádipes haviam augmentado com a idade, sem embargo dos cuidados, das preocupações, haviam derivado suave para Colette, que desabrochava e expandia, na moldura de um luxo sumptuoso e requintado, a sua graça de mulher, que lhe granjeara com justiça o nome com que era saudada em toda parte, "a bella senhora Asseline".

(Continúa no numero de Janeiro proximo)





A Fonte Primitiva.

Existe sómente uma Aspirina. Surgio ella da fonte Bayer e extendeu sua fama pelo mundo inteiro. Quem se referir a ASPIRINAS, está, portanto, em erro fundamental.

Da mesma fonte sahiu a Phenacetina, e as duas associadas, formaram uma corrente poderosa (Comprimidos Bayer de Aspirina e Phenacetina), para combater catarrhos, resfriados, grippe, etc.

Um tributario de grande importancia, a Cafeina, unida em dose therapeutica á Aspirina (Comprimidos Bayer de Aspirina e Cafeina), formou outra corrente de força incomparavel para vencer, de modo seguro e rapido, as dôres de cabeça, dentes e ouvidos; as neuralgias, as enxaquecas, etc.

PREÇO DE VENDA DO TUBO ORIGINAL:

Comprimidos de Aspirina	3\$000
„ de Aspirina-Cafeina e de Aspirina-Phenacetina	3\$500

"O PILOGENIO" serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe fará vir cabelo novo e abundante. Se começa a ter pouco, serve-lhe o PILOGENIO, porque impede que o cabelo continue a cair. Se ainda tem muito, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extincção da caspa

Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette-OPILOGENIO

Sempre "O PILOGENIO"

"PILOGENIO" SEMPRE

A' VENDA em todas as pharmacias, drogarías e perfumarias

LYCETOL

GRANULADO
GIFFONI
DISSOLVE E EXPELLE
ACIDO URICO

MANEIRO MANEIRO PELA VERGONHA
CONTRA
GATRESA URICA-POLICIA REPRITIVA
CALCULO BILIARES
ARTHRITISMO-RHEUMATISMO
GOTA

FRANCISCO GIFFONI & C. - RUA 1.º DE MARÇO 17
RIO DE JANEIRO

PALACE HOTEL

Aos forasteiros elegantes, aos turistas, a todas as pessoas que têm hábitos finos e de conforto, aconselhamos que ao vir a S. Paulo, se hospedem de preferença no PALACE HOTEL, á rua Florencio de Abreu n. 102. Esse hotel foi montado segundo os melhores modelos do genero, não temendo competições com os mais modernos. Occupa um vasto predio, especialmente construído para esse fim, e á sua montagem presidiu um alto esportista de elegancia, de bom gosto e de luxo discreto. O seu serviço é incomparavel. A sua cozinha, magnifica, recomendando-se pela riqueza e variedade dos "menus". Tudo é executado com asseio, escriptulo e a mais rigorosa hygiene. Todos os quartos, que são amplos, elegantemente mobiliados e confortaveis, têm telephone, agua encanada e muitos outros recursos. Podemos afirmar que, mesmo nas capitães européas mais adelantadas, poucos estabelecimentos se lhe podem comparar.

Um magnifico quarteto de professores executa, durante as refeições, um variado programma onde figuram as mais recentes composições musicas.

Os seus preços, entretanto, quer os de hospedagem, que os de restaurant e bar, são notoriamente commodos.

VINHO BIOGENICO

(Vinho que dá vida)

Para uso dos convalescentes, das puérperas, dos neurasthenicos, amicos, dyspepticos arthriticos. Poderoso tonico e estimulante de "Vitalidade", o VINHO BIOGENICO é o restaurador naturalmente indicado sempre que se tem em vista uma melhora da nutrição, um levantamento geral das forças, da actividade psychica e da energia cardíaca.

É o fortificante preferivel nas convalescenças, nas molestias depressivas e consumptivas, (neurasthenia, anemia, lymphatismo, dyspeptias, adynamia, cachexia, arterio-scleroses), etc. Reconstituinte indispensavel ás senhoras, durante a gravidez e após o parto, assim como ás mães de leite. É um poderoso medicamento bioplastico e lactogenico.

Receitado diariamente pelas sumidades médicas

Encontra-se nas boas pharmacias e drogarías. Depósito Geral:
PHARMACIA E DROGARIA de — FRANCISCO GIFFONI & C.
Rua 1.º de Março, 17 — Rio de Janeiro



LIVROS A' VENDA NESTA REDACÇÃO

As nossas leituras e assignaturas não podem prescindir de um certo numero de obras que são necessarias ao estudo de uma senhora. Todas as que temos á venda, nesta redacção, são vitas, interessantes, variadas, absolutamente moraes.

Nos preços marcados em cada um dos volumes está incluído o frete de correio e a entrega de uma caixa de livros.

Accelhemos, pois, pedidas das seguintes obras:

ESCRAYA OU RAINHA, linda romance publicada nas paginas da "Revista Feminina", e que tanto exigiu a atenção. É edificante pela sua concepção altamente moral, e ao mesmo tempo deliciosa o espirito da invenção, cada vez mais crescente, dos seus episodios. O entrançado e magnifico romance, é tão bem arido, que o leitor se deixa maravilhosamente arrastar através das suas paginas, vivendo a vida dos seus personagens e transportando-se para o lugar onde a acção se passa. É uma leitura que cativa a todos os gostos. — Preço 4\$000.

ENTRE DUAS ALMAS, é um romance sensacional que tem feito um immenso successo em todo o mundo. Elle conta já traducções para quatro idiomas, o que põe bem em evidencia o seu valor. É um romance moral, e cujo encadeo decorre de uma maneira empolgante. Um volume, preço 4\$000.

COLLEÇÕES ENCADERNADAS DA "REVISTA FEMININA", referentes aos annos de 1918 e 1920. As peças que não colleccionamos a nossa revista ou aquellas que têm curialidade de conciliação, devem adquirir as nossas colleções, que formam grossos e luxuosos volumes encadernados em pergamino a cores diversas, com duzetas a letras douradas. Volumes proprios para presentes de aniversário e que devem ser conservados como livros de consulta, mercê da sua variedade e interessantissimo leitura. — Preço 2\$8000 cada colleção.

FLORES DE SOMBRA, comedia de Claudio de Souza, uma das obras de maior exito no theatro nacional. — Preço 3\$000.

NOVA SERVA, o melhor livro de contos que ha para creanças. Contos instructivos, interessantes pelo encadeo, e escriptos em linguagem simples, correcta, ao alcance das intelligencias infantis. Grande volume in-quarto, encadernado, com varias centenas de nitidas e preciosas gravuras. Edição luxuosa proprio para presentes ou para premio ás creanças estudiosas. — Preço 6\$000.

MADRE MARIA THEODORA, elegante e luxuosissima polyactica offerecida á Superiara Provincial das "Irmãs de S. José de Chambrey". Precioso volume, de cerca de seiscentas paginas, cheias de lindas gravuras impressas em finissimo papel glace. — Preço 1\$8000.

A LUA CRESCENTE, colleção dos famosos poemas do grande poeta indio Rabindranath Tagore, que, pelo seu alto valor, recebeu o premio Nobel, que é consagrado a mais poetas da sua terra e que dos maiores do mundo. A versão em prosa portugueza, de Filadelfo Barbosa, é excellentissima, dando bem idea de belleza original dos poemas. Quem não conhece a poesia original, não se deixa impressionar pela sua originalidade. Deve ler esta colleção do poeta indio. — Preço 4\$000.

O TURBILHÃO, esta peça theatral de Claudio de Souza, que é uma das mais sensacionais creações do moderno theatro e que tanto exito tem alcançado, acaba de ser publicada em elegantissimo brochura e com uma formosa capa a cores. Vende-se nesta redacção a \$000 cada exemplar. — Pelo Correio, registado, 3\$500.

A DOR DE AMAR, um dos mais interessantes romances da vida actual. Narração de amar, cheia de episodios sentimentaes e internamente apaixonadas. O autor, norte romancista, tem conselhos sobre a vida sentimental que impressiona pela sua justiza e verdade. — Preço 4\$000.

A JANGADA, linda comedia em tres actos de Claudio de Souza. Pelo correio, registado, 3\$000.

AS SENSITIVAS, magnifica comedia em tres actos de Claudio de Souza. Pelo correio, registado, 3\$000.

HELOISA. Este romance de d. Augusta Franco de Sá vem fazendo um ruidoo successo, mercê de seu estilo claro, da curialidade que a seu encadeo desterta e de numerosos episodios que se passam em Paris, Londres, Roma e outras capitães. Heloisa, que é uma creatura perversa, filha má, cheia de odios e intrigas, vai pouco a pouco perdendo excess defectos e adquirindo qualidades e virtudes que a tornam uma verdadeira santa. Não ha quem se não deixe impressionar fundamente se ler este romance.

É um grosso volume de mais de 300 paginas, em elegante e bonita encadernação. É um livro proprio para presentear uma moça. Um volume, 6\$000 réis. Pedidas nesta redacção.

A FILHA DO DIRECTOR DO CIRCO. É este um dos romances mais interessantes da grande escriptora allemã Berthea Fernandine von Brackel, e uma das obras mais vulgarizadas em todo o mundo. A sua leitura é empolgante e impressionadora. Ha episodios de amar tratados com tal profundeza, que nos deixamos a alma reconhecendo inopagavel. O encadeo é curiosissimo, e todo elle baseado na vida real.

A traducção portugueza é excellentissima. Um grosso volume de cerca de 300 paginas, lindamente encadernado e nitidamente impresso, proprio para presentes, 6\$000 réis. Pedidas nesta redacção.

RECETAS DE BELLEZA PARA COLORIR OS CABELLOS. Desde os tempos mythologicos — com o magico Medea — o homem procura resistir, por meios criticos, aos estragos da idade, vivendo principalmente de "cabellos brancos, que são os promoveiros e os mais evidentes signaes da velhice".

Entre as tinturas usadas para tal fim figuram as de zoea de chumbo, de brasa, de cobre, de mercúrio, de cal, de bismutho, de estanho e outras, que produzem sobre o organismo a mais grave desordem que se muito tarde são percebidas. As tinturas americanas

Preparados que se vendem nesta redacção

são a base de sulfato de camium e sulphidato de ammonio. São menos toxicas, mas arrisgam o couro cabeludo e provocam a caheir rapidissima. As tinturas a base de nitrato de prata, são espalhadas, são de acção lenta, lenta e fatal. Ha, porém, alguns productos vegetaes inoffensivos que infelizmente dão uma coloração muito fraca e pouco duravel. A unica que se pôde recomendar sem receio é a que dá resultados admiraveis, e a Petalina, com a qual se pôde obter, graduando as doses, todas as tonos, do castanho claro ao negro azulado. Infelizmente esse producto é raro em nossa terra, sendo a grande da Persia, de onde acualmente só pôde vir com grande difficuldade.

A Empresa Yaminia Brasileira acaba de receber uma pequena quantidade de Petalina, e a Petalina, com a qual se pôde obter, graduando as doses, todas as tonos, do castanho claro ao negro azulado. Infelizmente esse producto é raro em nossa terra, sendo a grande da Persia, de onde acualmente só pôde vir com grande difficuldade.

Publica obtida por intermedio da nossa "Revista", enviando a im portancia de 16\$000 e mais \$500 para a remessa.

POMADA RENEY PARA SARDAS, MANCHAS E PAINHOS. Este preparado, que se recommenda por mais de vinte annos de applicação e pela sua efficacia sobremaneira comprovada, é o que ha de melhor para as manchas da pelle e para a limpeza da mesma e fina. É absolutamente inoffensivo. Baixam alguns dias de uso. A sua efficacia é prompta e duravel.

É fabricada em tres typos: "Madrada", "Porte" e "Extra-forte". A primeira é usada na maioria dos casos; a segunda para os casos em que a primeira não faça effeito, e a ultima para ser applicada unicamente nos braços e nas mãos.

Pedidas a esta redacção. 4\$000 o frasco; pelo correio, registado, 5\$000.

VANADIOL, é o mais efficaz dos tonicos reconstituintes. É especialmente indicado para todos os casos em que se exige um tratamento tonificante. É o especifico da anemia, da chlorose, da falta de sangue, da tuberculose; é o tonico das cellulas, dos nervos, dos musculos, do cerebro, do estomago. O seu uso se faz indistinctamente a todas as pessoas enfraquecidas, aos neurasthenicos, aos velhos, aos raticos, aos convalescentes. Pedidas a esta redacção. Preço: 10\$000; pelo correio, registado, 11\$000.

CREME DE BEAUTE ZABELLA E LOCOS. Preparado por Madame Zabella, directora do Consultorio Technico de Belleza, de Rio de Janeiro. Este creme é usado geralmente como se usam todos os cremes. Emquanto os outros, porém, só servem para branquear e alisar a pelle e fixar o pó d'arroz, o Creme de Beauté Zabella, tem a adizissima utilidade, em que supera os melhores, a propriedade de curar todas as enfermidades da cutis, como manchas, botões, epheides, pontos, cuperes e outros defectos, que tanto affligem o rosto.

A sua efficacia é garantida. Ler a prescricao a maneira de usar. A venda nesta redacção. \$000, pelo correio, registado, 10\$000.

PREPARADO N.º 1, loção adstringente para a cutis de transpiração gordurosa, para manchas, pontos negros e borbulhos. Depois de humedecer o rosto com este preparado, fazer uma pequena massagem com o "Creme de Beauté Zabella". A cura é garantida das enfermidades da pelle. — Preço \$000, pelo correio, 10\$000.

PREPARADO N.º 2, loção emoliente para a cutis muito delicada. Esta loção, pelos seus componentes medicinos e hygienicos, deve fazer parte inseparavel das coisas uteis e indispensaveis a todas as damas que prezam a sua belleza. É extraordinario contra as manchas de sol, as asperezas da pelle produzidas pelo frio e outras causas, tendo a propriedade de amaciar e branquear a cutis. Depois de usado, applica-se o "Creme de Beauté Zabella". Preço \$000, pelo correio, 10\$000.

UM TONICO MARAVILHOSO. Os brasileiros são, em geral, anemicos. A anemia, na mulher, conduz á velhice precoce, e no homem diminui a capacidade de acção, sem falar em outros males muito mais serios. A fealdade da pelle, a sua aspereza, a sua coloração desagradavel são ás vezes provenientes da anemia de origem hereditaria, e para este caso, como para todos em que se exige uma tonificação poderosa e de resultados promptos, aconselhamos o "Hemazol". É o especifico da anemia. Preço, 7\$000. Pelo Correio, 8\$000.

PRODUCTOS DE BELLEZA "GABY", pela sua excellencia incomparavel, pela sua efficacia, conquistaram as sympathias das senhoras de tratamento. O creme Gaby, magnifico para a pelle, 3\$000, pelo correio 3\$500. O emalite Gaby, para polir os unhas, 4\$500, pelo correio 5\$000. As limas Gaby, fixavivas, para regularizar os unhas, 3\$000, pelo correio 3\$500.

FLUXOSEDATINA — Medicamento de real efficacia nos incommodos uterinos, como as amenorrhéas, dysmenorrhéas, hemorragias, e todas as perturbacoes da idade critica. Em mecos de duas horas cala as colicas uterinas. Com este medicamento a dor effectivamente sem dor e rapidamente e sem os perigos do correativo. Preparado do chimico Silvino Pacheco de Azevedo. Vende-se nesta redacção. Um frasco, 6\$000, registado pelo correio.

ELIXIR 914 — O mais activo e racional anti-syphilitico e anti-rheumatico. É uma medicacão energica e segura no tratamento de todas as molestias da pelle e do sangue. É o tonico depurativo mais poderoso que se conhece. Vende-se nesta redacção. Um frasco, 6\$000, registado pelo correio.

DIGESTIVO PICARD é um tonico digestivo incomparavel em todas as formas da dyspepsia. Produz bem-estar gastro-intestinal em todos os casos de má digestão, azia, prisão de ventre, acidez, má halito e outras enfermidades do tubo digestivo. É de resultado absolutamente efficaz. Nesta redacção, 6\$000 o vidro, registado pelo correio.

Livraria Francisco Alves

Caixa Postal, L

End. Teleg. FILALVES

RUA LIBERO BADARO' N.º 129

S. PAULO

- POESIAS, por Olavo Bilac: nova edição aumentada com os 98 sonetos do Livro "Tarde", 1 vol. de 391 pag., br. 7\$000, enc. 8\$500
- CANTOS DE LUZ, versos de Luiz Guimarães Filho, musica do Dr. Carlos de Campos e desenho de Corcê Dias. 1 grande vol. ricamente impresso e encadernado 20\$000
- HISTORIAS E PAIZAGENS, por Affonso Arinos, 1 vol. br. 4\$000, encadernado 5\$500
- EM PERNAMBUCO, pelo Dr. A. Anastregião, 1 vol. br. 4\$000, enc. 5\$500
- HISTORIAS DO GUEDES, com illustrações de J. Carlos, 1 vol. cart. 3\$000
- PRIMEIRAS SAUDADES, leitura para o curso medio das escolas primarias, por M. Bonfim, 1 vol. cart. 4\$000
- RESERVISTA PRÁTICO, ensino pratico do exercicio de infantaria, nomenclatura de fuzil Mauser mod. 1918 e nomenclatura do tiro para os Reservistas, 1 vol. br. 5\$000
- GEOGRAPHIA GERAL, compendio destinado ás Escolas Normaes, Lyceus, Gymnasios, Athenaeus, Collegios Militares, Cursos de Adultos e de Preparatorios, por Olavo Freire, 1 vol. de mais de 500 pag., contendo todas as modificações havidas na Europa e outras partes do mundo 10\$000

Crianças Palidas, Lymphaticas, Escrophulosas, Rachiticas ou Anemicas



O JUGLANDINO de GIFFONI é um excellentre reconstituinte dos organismos enfraquecidos das crianças, *pode roso tenno depurativo e anti-escrophuloso*, que nunca falha no tratamento das molestias cœsumptivas acima apontadas.

É superior ao óleo de fígado de bacalhão e suas emulsões porque contém em muito maior proporção o *todo vegetal* indistinctamente combinado ao *tenno da nogueira (Juglans Regia)* e o *Phosphoro Physiologico* medicamento eminentemente vitalizador, sob uma fórmula agradável e inteiramente assimilavel.

É um xarope saboroso que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao óleo e ás emulsões dahi a presencião dada ao JUGLANDINO pelos mais distinctos clinicos, que o recitam diariamente aos seus proprios filhos. — Para os adultos preparamos o VINHO IODOTANNICO GLYCERO-PHOSPHATADO.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e pharmacias desta cidade e dos Estados e no deposito geral: Pharmacia e Drogaria de FRANCISCO GIFFONI & C.ª
Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro

NOVA SEIVA

Este é o melhor livro de contos que ha para crianças. É um grosso volume, nitidamente impresso em finissimo papel e ornado com mais de 150 illustrações onde se vem magnificos contos instructivos, moraes e interessantissimos como uredo que farão as delicias das crianças e das pessoas adultas. Edição de luxo, propria para presente de anniversario. — Vende-se nesta Redacção. Preço 5\$000. Pelo correio registrado 6\$000.

Acaba de sair do prelo:

A Esposa do Sol

emocionante romance historico

DE

GASTON LEROUX

Traducção autorizada do francez

POR

Nykota Sampaio

Encadernado 5\$000

Para o porte mais 500 réis

Não será grande o numero de romances de valor que deixam o leitor ansioso, suspenso, para saber a sorte dos protagonistas, como esta nova obra de GASTON LEROUX.

As notas historicas, longe de prejudicarem o interesse, concorrem muito para maior apreciação do romance.

Pedidos á redacção da

REVISTA FEMININA

AV. S. JOÃO, 87

(Altos)

— — — S. PAULO — — —

Officina de Photogravura

— A PAULICÉA —

— de —

Castignani & Lastri

Rua Gusmões, 82

TELEPHONE CIDADE, 5889 — S. PAULO

Marmoraria TOMAGNINI

Especialidade em tumulos
de marmore e granito polido

PIETRASANTA (Carrara) Italia

Rua Paula Souza, 85

S. Paulo - Telephone, 3378 - Central

Mulheres Formosas - Crianças Lindas !!!

A maior descoberta da medicina para as doenças do sangue

O "ELIXIR 914"

É o depurativo mais enérgico e de acção mais rápida que existe. É tónico de grande valor; não se deve tomar depurativos sem experimentar primeiro o "Elixir 914". 95 por cento dos homens casados que tiveram em solteiro doenças secretas, ficaram com ellas chronicas; eis a razão porque milhares de senhoras soffrem sem saberem a que attribuir a causa. 3 vidros do "Elixir 914" são sufficientes para devolver a saúde e salvar os vossos filhos. É o unico que não ataca o estomago e de gosto agradável. Todos os depurativos depuram debilitando; o "Elixir 914" depura tonificando o organismo. 3 vidros pelo correio, 15\$000.

A VENDA NAS DROGARIAS DE S. PAULO, RIO, CURITYBA, DROGARIA SUISSA E NA DROGARIA CALDAS, NA BAHIA.

Depositaríarios: **Galvão & C.**

Rua Libero Badaró, 103 - S. PAULO

UTERO DOENTE

FAZ DA MULHER UM CADAVER VIVO,
SALVE-SE COM A

FLUXOSEDATINA

Cura Collicas Uterinas em 2 horas

Quando o utero está doente, todo o organismo sente o seu effeito. Flores brancas, suspensão, corrimentos, mau cheiro, palpitações do coração, suffocações, tumores no utero, dôres dos ovarios, menstruações exaggeradas, falta de somno, pontadas, dôres de cabeça, costas e peito, ataques nervosos, todas essas manifestações são consequência do utero doente. Poucas colicres da FLUXOSEDATINA são sufficientes para mostrar o seu effeito. É o unico remedio que cura. Para alliviar, existem muitos, para curar o unico é a FLUXOSEDATINA. Nenhuma senhora deve deixar de ter sempre em casa um vidro de FLUXOSEDATINA especialmente as que soffrem de fortes hemorrhagias. É o unico preparado no seu genero. Receitado pela classe medica.

Tomando a FLUXOSEDATINA 15 dias antes de dar a luz podemos garantir que não haverá mais infortes em consequencia de hemorrhagias dos partos, evita as collicas e h-morrhagias pos partum.

RECOMMENDA-SE AOS MEDICOS E A'S PARTEIRAS

Vende-se em todas as Drogarias de São Paulo e Rio

DEPOSITARIOS: — GALVÃO & CIA. — CAIXA, 1901

— SÃO PAULO —

2 ESPECIALIDADES

QUE NUNCA DEVEM FALTAR
N'UMA BEM DIRIGIDA CASA

CERA PARA SOALHOS

Parquetine

MARCA 2 ANCORAS



PARQUETINE
É UM PREPARADO ESPECIAL ÚNICO
DO GÊNERO, QUE LIMPA E RENOVA
QUALQUER SOALHO, SENDO A MELHOR
ANTIGA MARCA, PREFERIDA PELAS
DONS DE CASA DE BOM GOSTO. —
AS "2 ANCORAS" SÃO A GARANTIA
DA QUALIDADE.

Fabrica  Ankoras

A. BEHMER & FILHOS
ESCRIT. LARGO DO TESOURO, S.



PATENTADO

PASTA DUAS ANCORAS

PARA CONSERVAR E POLIR CALÇADOS

A PASTA "2 ANCORAS" — recommenda-se pela verdadeira conservação do calçado.
A "PARQUETINE" — torna qualquer soalho novo e brilhante.